

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

**A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO MARANHÃO:
*uma proposta de glossário***

MARIA DE FÁTIMA SOPAS ROCHA

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. MARIA DO SOCORRO SILVA DE ARAGÃO

**Fortaleza
2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARIA DE FÁTIMA SOPAS ROCHA

**A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO MARANHÃO:
*uma proposta de glossário***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Silva de Aragão

**Fortaleza
2008**

"Lecturis salutem"

Ficha Catalográfica elaborada por
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593
tregina@ufc.br

Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

R574f	<p>Rocha, Maria de Fátima Sopas. A festa do Divino Espírito Santo no Maranhão [manuscrito] : uma proposta de glossário / por Maria de Fátima Sopas Rocha. – 2008. 163 f. : il. ; 31 cm. Cópia de computador (printout(s)). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 04/12/2008. Orientação: Profª. Drª. Maria do Socorro Silva de Aragão. Inclui bibliografia.</p> <p>1- FESTA DO DIVINO – MARANHÃO – TERMINOLOGIA.2- FESTAS RELIGIOSAS – IGREJA CATÓLICA.3- FESTAS RELIGIOSAS – MARANHÃO.4- FESTAS FOLCLÓRICAS – MARANHÃO.5-LÍNGUA PORTUGUESA – VOCABULÁRIOS, GLOSSÁRIOS,ETC. I- Aragão, Maria do Socorro Silva de, orientador. II- Universidade Federal do Ceará.Programa de Pós-Graduação em Linguística. III- Título.</p> <p style="text-align: right;">CDDz(22ª ed.) 394.26603</p>
62/08	

Esta dissertação foi submetida a exame como parte dos requisitos necessários à obtenção de Grau de Mestre em Linguística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca de Humanidades da referida Universidade. A citação de qualquer trecho desta dissertação é permitida, desde que seja feita de acordo com as normas da ética científica.

MARIA DE FÁTIMA SOPAS ROCHA

**A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO MARANHÃO:
*uma proposta de glossário***

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 4 DE DEZEMBRO DE 2008.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Silva de Aragão - UFC
Orientadora

Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes - UECE
Primeiro Examinador

Prof^a. Dr^a. Emília Maria Peixoto Farias
Segundo Examinador

**FORTALEZA
2008**

*Pela água do rio
Que é sem fim
E é nunca mais.*

Chico Buarque e Dominginhos



Aos meus pais

Tudo o que eu fizer será sempre por, para e graças a vocês – com todo o peso positivo que a expressão tem, pois de vocês só me vieram coisas boas.

A ausência de vocês é, dia após dia, uma presença dolorosa, mas ensina-me a acreditar que posso mais.

Navegar foi preciso para que construíssem um LAR que se mantém em nós, os filhos e agora os netos e bisnetos.

Navegar será preciso para que se cumpram nossos fados.

NAVEGAR É PRECISO...

A Junior

*É maduro o nosso amor, não moderno
Fruto de alegria e dor, céu, inferno
Tão vivido o nosso amor, convivência
De felicidade e paciência
É tão bom...*

*O nosso amor comum é diverso
Divertido mesmo até, paraíso
Para quem conhece bem
Os caminhos
Do amor seu vai e vem
Quem conhece*

*Saboroso é o amor, fruta boa
Coração é o quintal da pessoa
É gostoso o nosso amor
Renovado é o nosso amor
Saboroso é o amor madurado de carinho*

*É pequeno o nosso amor, tão diário
É imenso o nosso amor, não eterno
É brinquedo o nosso amor, é mistério
Coisa séria mais feliz dessa vida*

Milton Nascimento e Fernando Brant

Aos meus meninos

Os meus meninos eram três, eram seis, eram mais...

Os meus meninos são muitos e deles me orgulho muito também.

Os meus meninos são os meus irmãos, que continuam vendo em mim o que eu queria ser, enquanto a cada dia são eles que me dão motivos de orgulho. E eu, eleita mãe postiça, substituta, desses meus meninos, sou mãe coruja de uma irmã/avó; de duas brilhantes irmãs/calouras e de um irmão/parceiro que divide comigo as rebordosas e as escolhas no lazer.

Os meus meninos são os meus sobrinhos, muitos sobrinhos, e seus sorrisos, seus carinhos, seus pedidos de pratos e gulodices, suas saudades da infância aqui em casa, seus bilhetinhos deixados pela casa, na minha ausência.

Os meus meninos são os meus filhos – Rochinha, Luciana e Carolina e os que eles me deram - Adrienne e Rodrigo - e são também Cláudia, Alexandre e Luísa; meu amor por eles parece aumentar a cada dia, apesar das desavenças, das caras feias, das respostas tortas, dos resmungos que a velhice e o cansaço ajudam a preparar.

Os meus meninos são meus netos, os legítimos e os nem tanto. Davi, meu primeiro neto, que veio pra me ensinar, mesmo de longe, a substituir o insubstituível: uma avó pós-graduada em amor; Gabriel, meu neto mais novo, generosamente partilhado, e a quem busco roubar um sorriso, que ilumina seu rostinho de lua cheia; e as maiores razões do meu viver - Clara, a minha princesinha carinhosa, de sorriso que aquece a minha alma e me faz esquecer que nem tudo são sempre flores e Tino, que não precisou ser conquistado, veio a mim de sorriso sempre pronto e múltiplas covinhas quando vê a vovó.

Os meus meninos fazem tudo valer a pena...

AGRADECIMENTOS

Ao Divino Espírito Santo, que parece acreditar que os meus limites – de tempo, de competência, de tolerância, de paciência – sempre podem ser ampliados e me emprestou suas asas para transpor obstáculos e sua paz para suportar desafios.

À minha família, que certamente foi a mais prejudicada com a minha ausência, mas para quem e por quem assumi esta empreitada, pelas conversas no Messenger e pelos e-mails canhestros e carinhosos de Junior, pelas conversas, bilhetes carinhosos e apoio técnico de Carol, sempre mal-humoradamente presente, pelos conselhos e preocupações da minha psicóloga predileta Lulu, pelos sorrisos, preocupações e prazer declarado com a minha presença ao lado deles de Rochinha e Adrienne, pelos sorrisos amorosos, conversas divertidas e carinhos de Clara e pelo rostinho colado ao meu e o sorriso rasgado de reconhecimento e bem-querer de Tino.

À professora Socorro Aragão, pela honra e orgulho que me proporcionou aceitando-me como orientanda e pela tranquilidade, generosidade, presteza e carinho que, aliados à sua mais que inquestionável competência, permitiram dar continuidade a este trabalho.

Aos meus amigos, mestres e parceiros Conceição e Mendes, que me surpreendem a cada dia com a confiança quase ilimitada nas minhas possibilidades e que sempre encontro ao meu lado nos momentos difíceis.

À UFMA e à UFC, pela oportunidade – em especial à professora Maria Elias Soares, pelo incentivo – e àqueles professores que, sem deixar de lado o rigor e a exigência que se espera de um curso de pós-graduação, abrem espaço em seus comentários e correções para um elogio pontual, um comentário positivo, fazendo crer que teremos capacidade de melhorar.

A Mônica Magalhães Cavalcante, exemplo de competência e humanidade, que sempre me honrou com sua atenção e carinho e a quem reafirmo meu desejo de ter como modelo.

A Graça e a Georgiana, colegas de MINTER e a Anairam, Cibelle, Heloísa e Zuleica, que foram co-responsáveis por este trabalho, sempre dispostas a partilhar comigo os textos, informações, preocupações e alegrias, e em especial a três rostinhos revoltados quando as coisas não eram como deviam ser. Quem tem amigos assim nada precisa temer.

Aos meninos do ALiMA, passados e presentes, a quem devo minha carreira de estrela dos orkutis, por todo o respeito, carinho, confiança e apoio que me têm dedicado.

A Rosária, minha chefe, pelo desprendimento, apoio e incentivo.

A Julia, que foi contra seus princípios de não-envolvimento para me dar a tranquilidade de um real afastamento e a Mundicarmo e Ferretti, pelo incentivo e pelos livros fundamentais.

Aos anjos trigêmeos de Fortaleza – Henriqueta, Dos Anjos e Dolores (e a Cícera e Elian) – pelo carinho, disponibilidade e paciência com uma hóspede ausente até quando estava presente.

Ao povo do Espírito Santo dos terreiros de São Luís e em especial a Sebastião Junior, que me abriu caminhos insuspeitados do Divino.

*Pedras no caminho? Guardo todas,
Um dia vou construir um castelo...*

Fernando Pessoa

RESUMO

Este trabalho apresenta o glossário dos termos da Festa do Divino Espírito Santo com base em dados coletados em documentos impressos que registram informações dadas pelas caixeiras e outros participantes da festa bem como cânticos rituais publicados em livros sobre a festa. Para a elaboração do glossário utilizou-se como fundamentação teórica, dentro do campo mais vasto da Lexicologia, os princípios da Terminologia e, mais especificamente, da Socioterminologia, uma vez que se trabalhou com a possibilidade de variação terminológica nas localidades que foram pesquisadas. Para a execução prática do glossário trabalhou-se sob a orientação da Terminografia, a partir da organização de dados em fichas terminológicas. Levou-se em consideração, para a elaboração dos verbetes, aspectos informacionais, definicionais, pragmáticos e lexicais. O trabalho apresenta considerações sobre a festa, fundamentação teórica, metodologia da pesquisa e da elaboração do glossário e o próprio glossário, composto por 159 termos, organizados em ordem alfabética.

Palavras-chave: Festa do Divino, (Lexicologia), Terminologia, Socioterminologia, Terminografia, Maranhão, (Glossário).

RÉSUMÉ

Ce travail présente le glossaire des termes de la fête du Divino Espírito Santo, d'après les données recueillies dans des documents imprimés qui registrent des informations données par les caixeiras et par d'autres participants de la fête, aussi bien que dans des cantiques rituels dans des livres publiés sur la fête. Pour l'élaboration du glossaire, on a utilisé comme fondements théoriques, dans le champ plus vaste de la Lexicologie, les principes de la Terminologie et, plus spécifiquement, de la Socioterminologie, puisqu'on a travaillé avec la possibilité de variation terminologique dans les lieux qui ont été objet de la recherche. Pour l'exécution pratique du glossaire, on a travaillé sous l'orientation de la Terminographie, à partir de l'organisation des données en fiches terminologiques. On a pris en compte, pour l'élaboration du glossaire, des aspects informationnels, définitionnels, pragmatiques et lexicaux. Le travail présente des considérations sur la fête, les fondements théoriques, la méthodologie de la recherche et de l'élaboration du glossaire et le glossaire lui-même, composée par 159 termes, organisés en ordre alphabétique.

Mots-clés: Festa do Divino, (Lexicologie), Terminologie, Socioterminologie, Terminographie, , Maranhão, (Glossaire).

LISTA DE FIGURAS

Nº	Nome	Pág.
Fig. 1	Almofadão	
Fig. 2	Altar	
Fig. 3	Alvorada	
Fig. 4	Bandeira	
Fig. 5	Caixa	
Fig. 6	Caixeira	
Fig. 7	Capote	
Fig. 8	Casa do Divino	
Fig. 9	Cortejo	
Fig. 10	Derrubada do Mastro	
Fig. 11	Imperador	
Fig. 12	Império	
Fig. 13	Mastaréu	
Fig. 14	Mastro	
Fig. 15	Mordomo	
Fig. 16	Pombo	
Fig. 17	Roubo do Império	
Fig. 18	Tribuna	

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

s. – substantivo

v. – verbo

sin. nom. – sintagma nominal

sin. verb. – sintagma verbal

m. – masculino

f. – feminino

sing. – singular

pl. – plural

p. – página

TND – termo não dicionarizado

TDAE – termo dicionarizado com acepção equivalente

TDAD – termo dicionarizado com acepção diferente

TDAC – termo dicionarizado com acepção complementar

NDA – Novo Dicionário Aurélio

DHLP – Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

ALPM – A linguagem popular do Maranhão de Domingos Vieira Filho

DLP – Dicionário da Língua Portuguesa

Fig. – figura

c.c. – campo conceitual

CATÁLOGO DE SIGLAS DE DOCUMENTOS DO *CORPUS*

NOME DO AUTOR	NOME DA OBRA	SIGLA
FERRETTI, Sérgio Figueiredo	Querebentan de Zomadonu: etnografia da Casa das Minas	SFF1
FERRETTI, Sérgio Figueiredo	Repensando o sincretismo	SFF2
BARBOSA, Marise	Um as mulheres que dão no couro	MB
PACHECO, Gustavo; GOUVEIA, Cláudia; ABREU, Maria Clara	Caixei ras do Divino Espírito Santo de São Luís do Maranhão	PGA
VIEIRA FILHO, Domingos	Folclore do Maranhão	DVF1
VIEIRA FILHO, Domingos	A Festa do Divino Espírito Santo	DVF2
LIMA, Carlos de	Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (Maranhão).	CL
GOUVEIA, Cláudia Rejane Martins	As esposas do Divino	CMG
MARANHÃO (Estado). Secretaria de estado da cultura. Comissão Maranhense de Folclore	Memórias de Velhos – vol. I, IV	CMF

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO	21
1.1 ESBOÇO HISTÓRICO DAS CIDADES DE ALCÂNTARA E SÃO LUÍS.....	21
1.2 ORIGEM E A EXPANSÃO DA FESTA	25
1.3 O RITUAL DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO	28
1.4 O IMPÉRIO, OS SÍMBOLOS E INSÍGNIAS DA FESTA	45
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	50
2.1 O ESTUDO DO LÉXICO.....	50
2.1.1 Língua, cultura e léxico	50
2.2 LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA, TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA	55
2.3 A SOCIOTERMINOLOGIA	64
3 METODOLOGIA DA PESQUISA E DA ELABORAÇÃO DO GLOSSÁRIO	73
3.1 O UNIVERSO DA PESQUISA.....	73
3.1.1 Fontes de pesquisa.....	74
3.2 A ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO	77
3.2.1 A macroestrutura.....	77
3.2.2 A microestrutura	78
3.2.3 A ficha terminológica	81
4 GLOSSÁRIO	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	134
APÊNDICES	164
ANEXOS	169

INTRODUÇÃO

*Vem chegando Espírito Santo
Voando daquela altura
Entrando no tribunal
Para abrir sua tribuna
Caixeiros do Divino*

A Festa do Divino Espírito Santo tem origem no episódio bíblico da descida de línguas de fogo sobre as cabeças dos apóstolos, iluminando-os e dando-lhes condições de cumprir a missão de evangelizar os povos, nas línguas desses povos, milagrosamente aprendidas por obra e graça desse mesmo Espírito Santo, terceira pessoa da Santíssima Trindade. É assim que o Paráclito, como é denominado, marca o início de um período de afirmação do cristianismo, que se dá pela força da palavra.

Paralelamente, é um momento caracterizado pela abundância de dons concedidos aos apóstolos. Essas características – a importância da palavra e a abundância de doações – marcam até hoje as festas do Divino Espírito Santo. Nos Açores, de onde nos chegou a tradição da festa, é pelas palavras dos Foliões do Divino que se dá a condução da festa. No Maranhão, são as caixeiros, sacerdotisas como lhes chamam, ou esposas do Divino, como se intitulam por vezes, que conduzem o ritual e garantem a permanência da festa, a preservação da tradição e o respeito ao ritual, tudo pelo poder que lhes dá o conhecimento herdado e a criatividade na improvisação de cânticos que orientam, com precisão, as ações de todos. Dons do Divino?

Em retribuição à generosidade do Divino Espírito Santo, que protege, ampara, inspira, a sua festa é essencialmente uma festa de fartura e doação.

Ferretti afirma:

Encontramos, na Festa do Divino, aspirações de fartura, de prosperidade, de abundância, de redistribuição de bens e de alimentos. A utopia do luxo do império que mitiga a pobreza, a visita do santo imperador, o banquete ritual, o pagamento de promessas, idéias como estas estão implicitamente carregadas de conotações messiânicas e milenaristas. Diversos autores (Queiroz, 1957, p.238; Brandão, 1978, p. 143; Desroches, 1978, p.81) associam a festa do Divino à mensagem joaquinista apocalíptica, messiânica ou sebastianista de inspiração jesuítica, com a utopia de um reino harmonioso (1995, p. 186).

A festa tem data móvel, em geral determinada pelo calendário católico, e ocorre tradicionalmente em maio ou junho, tendo início na quarta-feira antes da Ascensão, quarenta

dias após o Domingo de Páscoa. Atualmente observa-se que a festa pode ocorrer ao longo de todo o ano, de acordo com as festas de santos a que está associada, por exemplo, mantendo-se, no entanto, a data tradicional para o seu início.

A festa do Divino é, pois, um evento caracteristicamente maranhense, que está presente em todo o estado e durante o ano todo, e que conta com devotos e participantes que atingem todas as faixas etárias, de crianças a idosos. Motivo recorrente nas memórias dos mais velhos, que lamentam as tradições perdidas, e razão de ansiedade para crianças e jovens que sonham com a experiência de conduzir simbolicamente um império, a festa do Divino oferece razões mais do que suficientes para ser melhor conhecida e estudada em todos os seus aspectos, inclusive sobre os aspectos lingüísticos que tem a revelar. A sua presença marcante no cotidiano e no imaginário popular maranhense certamente deixou marcas na língua, que merecem estudo. Até há bem pouco tempo, uma expressão popular para *conversar*, *bater papo*, era *bater caixa*, uma possível associação com o barulho das caixas rufadas e o “matraquear” das conversas.

Assim, dois aspectos fundamentais foram levados em conta para a escolha do tema: a importância da Festa do Divino, em todo o Estado do Maranhão e para as comunidades que dela participam, seja como assistentes seja como componentes; a inexistência, ao que se sabe, de estudos lingüísticos sobre o assunto, principalmente no que diz respeito ao Maranhão.

Além disso, acredita-se que um glossário da Festa do Divino pode facilitar o trabalho de pesquisadores, comunicadores, folcloristas e estudiosos de manifestações culturais populares, e ainda interessar aos visitantes e turistas que participam eventualmente da Festa. Espera-se também que este trabalho possa ser utilizado por estudantes que se interessem por cultura popular e que se iniciam na pesquisa.

Alguns questionamentos orientaram este trabalho:

- Haveria estudos sobre a terminologia da Festa do Divino?
- Levantados os termos da Festa, seria possível organizá-los sistematicamente?
- As orientações da Festa, ligada à igreja católica em Alcântara e conduzida por terreiros em São Luís, determinariam diferenças terminológicas?

Partiu-se das hipóteses de que os estudos existentes sobre a Festa do Divino não abordaram questões lingüísticas. Partiu-se ainda da hipótese de que a Festa do Divino possui uma terminologia própria, constituída seja por termos criados com fins específicos para a descrição ou realização da festa, seja por itens do léxico geral da língua que, no âmbito da festa, assumiram novos significados, equivalentes, diferentes, ou complementares e de que não há diferenças fundamentais entre as terminologias das festas, apesar das diferentes

orientações. E ainda de que é possível organizar essa terminologia sistematicamente, por exemplo, na forma de um glossário.

Dessa forma, o OBJETIVO GERAL deste trabalho é:

Elaborar um glossário da Festa do Divino Espírito Santo no Maranhão, realizada nas cidades de Alcântara e São Luís.

São OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- descrever e organizar sistematicamente os termos da Festa do Divino;
- contribuir para o aprofundamento dos estudos sobre a festa;
- oferecer subsídios para os estudos de âmbito lexicográfico e terminológico;
- colaborar para um melhor conhecimento do português falado no Maranhão, na perspectiva dos estudos léxico-semânticos realizados pelo Projeto Atlas Lingüístico do Maranhão-ALiMA – filiado ao Atlas Lingüístico do Brasil-ALiB – na vertente do ALiMA: Manifestações culturais de raízes africanas.

A dissertação aqui apresentada está estruturada da seguinte forma:

Após a INTRODUÇÃO, desenvolvem-se quatro capítulos.

O primeiro capítulo, intitulado A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, subdivide-se em quatro partes:

A primeira, ESBOÇO HISTÓRICO DAS CIDADES DE ALCÂNTARA E SÃO LUÍS apresenta um breve resumo da história das duas cidades, que têm em comum terem sido capitais do estado e que, apesar de estarem, a primeira no continente e a segunda na ilha, estão suficientemente próximas para que possam avistar-se mutuamente.

A segunda, A ORIGEM E A EXPANSÃO DA FESTA, apresenta, de forma breve, a história do início da festa e de sua implantação fora de Portugal continental, principalmente nos Açores, de onde veio para o Maranhão.

A terceira, O RITUAL DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, apresenta e descreve as etapas da festa, contextualizando as informações com trechos de depoimentos de estudiosos, de participantes, de devotos e, principalmente, das caixeiras, as maiores responsáveis pela manutenção e desenvolvimento da festa. Utilizou-se ainda, sempre que possível, trechos dos cânticos rituais que ilustrassem os aspectos da festa que eram descritos.

O mesmo procedimento foi utilizado para a quarta parte do capítulo, intitulada O IMPÉRIO, OS SÍMBOLOS E AS INSÍGNIAS DA FESTA, em que se apresenta descrição e comentários sobre alguns elementos simbólicos essenciais, como O IMPÉRIO, O MASTRO, A POMBA, A COROA E O CETRO, A BANDEIRA REAL e AS CAIXAS.

O segundo capítulo, de FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA, apresenta o percurso investigativo que fundamentou o trabalho e subdivide-se nas seguintes partes:

O ESTUDO DO LÉXICO: LINGUAGEM, CULTURA E LÉXICO, em que se apresentam as estreitas relações existentes entre os fatores mencionados, o que, por si, só, justifica o trabalho de pesquisa terminológica sobre uma manifestação cultural popular.

Em um segundo momento, intitulado LEXICOLOGIA E TERMINOLOGIA, apresenta-se as diferenças teóricas e metodológicas entre os estudos da Lexicologia e da Terminologia, ressaltando, entretanto, as imbricações entre as duas disciplinas.

Em uma terceira parte deste capítulo, enfoca-se a SOCIOTERMINOLOGIA, derivação mais recente da terminologia, que ocorre paralelamente a outras abordagens terminológicas, como a Teoria Comunicativa da Terminologia – TCT, ou a Etno-terminologia. A Socioterminologia caracteriza-se essencialmente por admitir e investigar a variação terminológica, levando em conta a língua real. É esta abordagem que fundamenta o trabalho aqui apresentado.

O terceiro capítulo, intitulado METODOLOGIA DA PESQUISA E DA ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO, apresenta o desenvolvimento do trabalho, as opções metodológicas que foram tomadas, fundamentando-as, e ainda detalha os critérios utilizados para a elaboração da macroestrutura e microestrutura do glossário. Este capítulo está constituído por duas partes: na primeira apresenta-se O UNIVERSO DA PESQUISA, o percurso feito para defini-lo e os critérios de seleção do *corpus*, apresentando-se ainda as FONTES DE PESQUISA utilizadas. Na segunda parte, trata-se da ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO, subdividida em três itens, o primeiro em que se trata da MACROESTRUTURA do glossário, abordando aspectos de sua organização; o segundo que trata da MICROESTRUTURA, apresentando e fundamentando a organização dos verbetes e o terceiro em que se apresenta a FICHA TERMINOLÓGICA utilizada para a organização dos dados.

O quarto capítulo é o GLOSSÁRIO DOS TERMOS DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO MARANHÃO – SÃO LUÍS E ALCÂNTARA, constituído por 159 termos.

Por último, apresenta-se as CONSIDERAÇÕES FINAIS, em que se busca retomar algumas idéias essenciais, com o objetivo de relacionar as várias partes do estudo.

1 A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

*Não há festa mais bonita
Que a festa do Espírito Santo:
Tocam-se os tambores todos,
Saem bandeiras a campo.*
Cântico da Ilha Graciosa-Açores

1.1 ESBOÇO HISTÓRICO DAS CIDADES DE ALCÂNTARA E SÃO LUÍS

A festa do Divino Espírito Santo é parte de um conjunto de rituais do catolicismo popular, cuja importância, no Maranhão, só pode ser comparada aos da Festa de São João e ao Carnaval. Realizada em todo o estado com maior ou menor importância, em São Luís e, principalmente, em Alcântara, a festa toma proporções que a destacam das outras comemorações de cunho religioso e popular.

São Luís, capital do Estado do Maranhão, localizada na Ilha de São Luís que compreende ainda os municípios de São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa, é uma cidade secular, tradicional e original por sua arquitetura bem preservada e suas tradições populares, em múltiplos aspectos: culinária, música, festas populares.

Orgulha-se de ter sido fundada por franceses, questão polêmica que não é consenso entre os historiadores¹, mas apresenta uma arquitetura colonial essencialmente portuguesa, com grandes casarões e sobrados, encimados por mirantes – de onde se descortina a baía de São Marcos – com fachadas rasgadas por sacadas de pedra de cantaria e grades de ferro de desenhos rebuscados e que apresentam como característica mais marcante os azulejos, predominantemente portugueses.

Upaon-Açu, como a designavam os índios que a habitavam, recebeu inúmeros navegadores portugueses, espanhóis e franceses, mas nenhuma iniciativa foi tomada para ocupá-la até que, em 1616, correndo o risco de perdê-la para os franceses, a corte portuguesa tomou a iniciativa de colonizá-la, com Jerônimo de Albuquerque.

¹ Cf. LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **A Fundação Francesa de São Luís e seus Mitos**. São Luís: Lithograf, 2002.

Berço possível do sonho francês da implantação de uma França Equinocial, invadida posteriormente por holandeses, a curta permanência desses povos e a longa dominação portuguesa associada à presença maciça de africanos para ela trazidos como escravos para as culturas do arroz, algodão e cana de açúcar, deram-lhe as feições que a caracterizaram e que marcam costumes, hábitos alimentares e manifestações culturais marcados pela beleza, riqueza e originalidade.

É desse modo que chegou a São Luís a Festa do Divino, trazida por portugueses oriundos dos Açores, mas realizada predominantemente pelos terreiros de mina, de origem africana.

Festa de negros, como afirma e explica Vieira Filho:

A festa do Divino Espírito Santo tem ainda, como antigamente, uma alta significação na vida dos pretos de São Luís e Alcântara [...]. Os devotos do Divino contam-se às centenas e, em sua maioria, descendem dos velhos africanos que vieram para o Brasil nas rotas sinistras do tráfico. Velhas de carapinha de algodão e rosto pregueado, cafusas esbeltas, esplêndidas vênus hotentotes, negras robustas da robustez dos Minas, mulatas sagicas e lestras, crioulos possantes, vária e profusa multidão que conserva carinhosamente a tradição do Divino (1954, p. 3).

Em Alcântara, a festa mobiliza toda a comunidade e transforma o aspecto da cidade, que é engalanada para o evento e recebe um fluxo intenso de visitantes, tanto turistas quanto devotos. É, essencialmente, uma festa de pagamento de promessas, uma festa de doação, não só dos alimentos distribuídos, mas do tempo utilizado na preparação da festa, na decoração das casas e ruas, na confecção dos licores e doces. A respeito do pedido de graças e conseqüente pagamento de promessas, evidenciado nos cânticos das caixeiras, Mauss afirma que:

[...] neste sistema não somente jurídico e político, mas também econômico e religioso, os clãs, as famílias e os indivíduos ligam-se por meio de prestações e de contraprestações perpétuas e de todos os tipos, comumente empenhados sob forma de dons e serviços, religiosos ou outros; [...] Essas trocas e esses dons de coisas que ligam as pessoas se efetuam a partir de um fundo comum de idéias: a coisa recebida como dom, a coisa recebida em geral compromete, liga mágica, religiosa, moral e juridicamente o doador e o donatário (1981 *apud* GOUVEIA, 1997, p. 48).

Alcântara, nascida da aldeia de índios tupinambás, que expulsaram os tapuias, teve como primeiro nome Tapuitapera (lugar onde existiu a taba ou tapera dos tapuias) e foi conhecida inicialmente pelos franceses, à época da tentativa de estabelecimento da França Equinocial. Claude d'Abbeville, em sua História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha

do Maranhão, um dos primeiros documentos informativos sobre a região, registrou a presença de muitas aldeias e uma estimativa de mais de 10.000 índios. Depois da expulsão dos franceses, as terras foram doadas, como recompensa, a Jerônimo de Albuquerque.

No século XVII, foi criada a Capitania de Tapuitapera. Somente três décadas depois foi erigida em vila, com o nome de Vila de Santo Antônio de Alcântara, consagrada a São Matias e contou, a partir de 1648, com Câmara e pelourinho. Eram famosos o seu algodão, considerado o melhor da província, e o seu arroz, tido como a principal riqueza de seus moradores. O desenvolvimento, no entanto, foi lento, com uma média de apenas 300 habitantes entre 1637 e 1720. Já então havia sido construído o Forte de Santo Antônio e existia um porto, o Porto dos Barcos.

Em 1663 chegaram novos colonos, para repor os braços perdidos após grave epidemia. Com a decadência das lavouras e dos engenhos, a Coroa comprou a Capitania de Cumã, de que fazia parte Alcântara. Seguiu-se um período de maior prosperidade, resultado da ação da Companhia de Comércio do Maranhão e Grão-Pará, quando o porto mudou para o outro lado da vila – Porto do Jacaré – e foi construído o Forte de São Sebastião; Alcântara estava colocada entre as oito vilas mais importantes, economicamente, para o Estado do Maranhão.

No início do século XIX foram construídos solares, palacetes e casas nobres, cujas ruínas são, atualmente, um dos atrativos da cidade. Em 1836 foi elevada à categoria de cidade, mas começou então a derrocada, provocada, entre outros fatores, pela queda dos preços de algodão nos mercados internacionais, pelo surgimento de outros portos com maiores facilidades de acesso em outras regiões do estado, pela libertação dos escravos e pelo despreparo dos herdeiros das propriedades, geração instruída e culta, mas sem interesse pelo campo ou os engenhos. Desde então somente a Festa do Divino parece despertar a cidade, dando-lhe alma, brilho. Uma tradição local atribui o início da festa ao período em que foram frustradas as expectativas da visita de D. Pedro II à cidade. Conta-se que os negros, insatisfeitos, teriam organizado e levado à igreja um cortejo e coroado um imperador, criando a festa (cf. LIMA, 1988, p. 21).

Em São Luís, como se disse, a festa é realizada principalmente pelos terreiros de mina da cidade, também como forma de pagamento de promessas ou como uma festa de obrigação, em atendimento a determinação ou pedido de um *vodum*. Como afirma Ferretti:

Constitui-se em momento de lazer religioso, de divertimento, de devoção e ritual de pagamento de promessas. Através dele o povo da mina se orgulha e demonstra sua capacidade de organizar uma festa rica e bonita. [...] Representa uma esperança de prosperidade, de fartura, de abundância de

alimentos. Afirma a alegria, o agradecimento e a solidariedade comunitária. Expressa capacidade de organização, de liderança, de criatividade em torno de aspirações populares. (1995, p. 187).

A influência africana no ritual da festa – tanto em São Luís como em Alcântara - é facilmente perceptível, sendo sua marca mais evidente a presença do ritmo dos toques das caixas, instrumentos de percussão que, acompanhando os cânticos entoados pelas caixeiras, conduzem o ritual. Segundo Gouveia “na maioria dessas casas ela [a festa do Divino] é considerada a maior e mais importante do calendário e dura de 10 a 15 dias” (1997, p. 40).

A Festa do Divino chegou ao Maranhão, ao que tudo indica, trazida por emigrantes açorianos. No decorrer do século XVII, um grupo de duzentos “casais” – que devem ser entendidos como famílias – veio para o Maranhão, em decorrência de fatores como dificuldades de sobrevivência em seus lugares de origem e necessidade de incremento das atividades agrícolas no estado brasileiro. O historiador e pesquisador Carlos de Lima comenta:

É lícito supor que o culto ao Divino Espírito Santo tenha sido trazido ao Maranhão pelos primeiros açorianos que aqui chegaram, em duas levas: a primeira em 1620, trazida por Manuel Correa de Melo, por conta de Jorge de Lemos Bittencourt, e a segunda por Antônio Ferreira Bittencourt, no ano seguinte, partes da imigração de 200 casais que vieram construir dois engenhos de açúcar, plano do provedor-mor do Brasil Antônio Muniz Barreiros. [s.n.t.].

A presença da Festa em outros lugares do Brasil também está relacionada à vinda de grupos de açorianos, como é o caso no estado de Santa Catarina.

O arquipélago dos Açores, um conjunto de nove ilhas vulcânicas no Oceano Atlântico, a 1.300 quilômetros de Portugal Continental, mantém, até hoje, a tradição da Festa do Divino Espírito Santo que, no entanto, teve origem no continente. Acredita-se que contingências como o relativo isolamento em que o arquipélago se manteve por muito tempo, dificuldades e catástrofes naturais a que as ilhas sempre estiveram expostas – terremotos, erupções vulcânicas e surtos de peste – contribuíram para que a tradição fosse mantida, diferentemente do que ocorreu em Portugal Continental, onde se encontram hoje apenas resquícios da tradição em alguns eventos culturais populares. Constata-se, no entanto, tentativas de retomada da Festa, como a que se pôde observar e registrar em Tentúgal, na Beira Litoral, em maio de 2008.

1.2 ORIGEM E A EXPANSÃO DA FESTA

A origem da Festa do Divino é atribuída a Santa Isabel, rainha de Portugal no período compreendido entre os séculos XIII e XIV, que mandou edificar uma igreja do Espírito Santo na vila de Alenquer, possivelmente em 1296. Aí foi erigida uma confraria em louvor do Espírito Santo e, nesse mesmo ano, foi realizada a primeira solenidade de coroação do imperador do Divino. Segundo Câmara Cascudo “no tempo da Rainha Santa até o derradeiro Borgonha tratava-se de um simples ‘bodo’ aos pobres, alegria caridosa e não bailarina” (*apud* LIMA, 1988, p.6). Há ainda quem defenda, segundo Lima, que a festa teria surgido em Coimbra e por iniciativa de D. Diniz, rei de Portugal e esposo da Rainha Santa que “fez sentar no trono real um mendigo e ‘coroou-o’, servindo-lhe o próprio rei de condestável e os cavaleiros da corte de pajens e escudeiros, cerimônia presidida pelo Bispo de Coimbra” [s.n.t.].

Mendes (2006) registra, entretanto, que a tradição de coroação de um imperador escolhido entre membros do povo, tanto quanto a da doação de alimentos aos necessitados, em tempos de penúria, bases da Festa do Divino, fundamentam-se em tradições europeias anteriores, históricas ou lendárias. Mencionam-se, entre estas, segundo Marcelino Lima nos Anais do Município da Horta, citado por Lima, associações de beneficência, criadas na Alemanha, sob a invocação do Espírito Santo, para “socorrer os indigentes em ocasiões de penúria. Em França, no ano de 1160, fundou-se a Ordem do Espírito Santo, que se dedicava ao exercício da caridade para com os pobres e doentes” [s.n.t.]. É também na França que se registram, no século XIV os “royames” ou “reynages”, festas em que reis e rainhas, mecenas da festa, entronizados com sua corte, tinham soberania sobre os outros membros da Irmandade e realizavam bailes e banquetes (cf. ABREU, 1999, p. 40).

Na Península Ibérica, segundo Câmara Cascudo (*apud* LIMA, 1988, p. 6), o título de “imperador” parece ter sido popularizado por Carlos V, Imperador do Sacro Império Romano (24-2-1500 a 21-9-1558), genro de D. Manuel, o Venturoso, à época, portanto, do descobrimento do Brasil.

De Alenquer, a festa expandiu-se para outras localidades em Portugal Continental e posteriormente para os Açores, onde há registros de sua presença no século XVI.

Câmara Cascudo comenta:

O século XVI, e mais exatamente quando se acentua o ciclo da navegação caraveleira no Atlântico, dobrado o Cabo Não e firmada a *conhecença* do Senegal, *afluente do rio Nilo* na espantosa geografia do Assombro, é o clima em que voará a pomba do Espírito Santo. Jayme Cortezão afirmava-me a devoção do Divino um índice do impulso expansionista de Portugal, ainda na dinastia de Aviz. É um Deus alado, vencedor das distâncias, leve, poderoso, mudo, sem a limitação física do cansaço. (*apud* LIMA, 1988, p. 5).

Dos Açores, a festa foi levada por emigrantes não só ao Brasil como aos Estados Unidos e ao Canadá.

No Brasil, a festa é adotada pelos negros, em que pese inexistir uma tradição africana de coroação. O modelo será buscado nos reis coroados da antiga dinastia portuguesa de Aviz, uma vez que, tendo D. João IV oferecido a coroa real à Imaculada Conceição de Maria, a partir de 1646, os reis portugueses deixam de usá-la. Como afirma Câmara Cascudo,

A Festa do Divino, com imperador, mordomos, damas, açafatas, guardas, guerreiros, pajens, música e antes a “folia” agenciadora ou complementar dos recursos, era orgulho reinol e conquistou o negro escravo, num desejo puro de sublimação e alívio compensadores. [...] Todo o ciclo dos Reisados, Congos, Congadas e Congados, coroação do Rei dos Congos, o mirabolante Maracatu, receberam a poderosa influência do Divino no plano da indumentária e, notadamente, no uso da suprema insígnia real. Nenhum soberano da África Negra, antes da presença continental do português, conheceu coroa de Rei! (*apud* LIMA, 1988, p.6).

É ainda Câmara Cascudo quem comenta ter sido a popularidade da Festa do Divino determinante para a escolha, por José Bonifácio, do título de Imperador e não de Rei para D. Pedro I, o que contribuiu também para a separação, no julgamento popular do “Rei de Portugal do Imperador do Brasil, ligado este, ideal e amorosamente, ao Divino que ostentava o mesmo título”(*apud* LIMA, 1988, p.7).

Abreu comenta a respeito das comemorações paralelas da Coroação de D. Pedro I e da Festa do Divino:

A superposição das comemorações pelo Imperador com as barracas do Divino, na mesma época e local, certamente facilitava a aproximação e a troca de significados entre os dois eventos. [...] em função do prestígio do Divino na cidade, que a liberalização talvez representasse uma estratégia de tornar a maioria ao mesmo tempo abençoada e simpática entre os setores populares, depois dos conturbados anos de 1830. Festa e regime político iniciavam juntos um novo tempo (2005, p.15).

A mesma autora comenta a simbologia comum aos dois imperadores: a cor vermelha predominante, a presença da Ordem de Cristo nas armas imperiais e nos símbolos do Divino,

a juventude do Imperador e o costume de coroar crianças, o título de imperador. (cf. ABREU, 2005, p.21).

As Festas nos Açores e no Maranhão mantêm muitos pontos em comum, no que diz respeito ao ritual e à essência da festa, realizada como pagamento de promessas e concretizada por atos de doação, não só de bens materiais, como alimentos, mas também da dedicação de tempo e esforço para garantir que a beleza e a importância da festa suplantem as anteriores. Além disso, particularmente nos Açores e em Alcântara, lugares que se ressentem da forte tendência migratória, a Festa é um momento de afirmação de identidade com a terra natal, momento de reencontro com parentes e ancestrais, de rememorar histórias vividas em outras festas, de reatar laços e se sentir parte de um todo.

A importância da Festa, nos Açores como no Maranhão, pode ser avaliada pelo atrativo turístico que representa e, principalmente, pela importância para as comunidades que a realizam, sejam estas entendidas como comunidades que ocupam um mesmo espaço geográfico ou como as que mantêm interesses comuns, como é o caso dos terreiros de mina em São Luís. Esta importância revela-se, também, pela frequência com que a Festa tem sido objeto de estudos etnográficos, antropológicos e sociológicos que resultaram em teses, dissertações e monografias, fontes de pesquisa que possibilitam comparar os termos da festa em momentos e locais diferentes. No entanto, há que considerar que são estudos que apresentam perspectivas, fundamentações e objetivos diferentes, sem preocupação com os aspectos lingüísticos.

Muitos desses estudos têm como foco outros assuntos, como os terreiros de São Luís ou a história de Alcântara, e a Festa do Divino como elemento constituinte da história desses locais. Ferretti, S. (1985) descreve o Ciclo da Festa do Divino em estudo etnográfico sobre a Casa das Minas, terreiro tradicional de São Luís, e retoma o assunto ao discutir o sincretismo religioso a partir dessa mesma casa de culto (Ferretti, 1995).

Ferretti, M. (1993) descreve a Festa do Divino como uma das festas e rituais do catolicismo popular realizados na casa Fanti-Ashanti, assumida por pai Euclides como festeiro, com o apoio de seu caboclo Corre-Beirada e com a colaboração de pessoas e encantados que têm ligação com a casa.

Estudos mais antigos, como os de Carlos de Lima e os de Domingos Vieira Filho tiveram como preocupação apenas a descrição da festa. Lima (1988) descreve, de forma bem-humorada, a Festa do Divino em Alcântara, apresentando fotos que documentam as suas diferentes etapas. No prefácio a essa obra, Câmara Cascudo faz um pequeno histórico da festa e comenta alguns aspectos anedóticos a ela relacionados.

Também Domingos Vieira Filho descreve a festa, dedicando-lhe não só os livros **A Festa do Divino Espírito Santo** (1954) e **A Festa do Divino em Alcântara e São Luís** (1975), como artigos publicados em revistas e jornais.²

Mais recentemente, Marise Barbosa (2006) realiza estudo sobre as caixeiras do Divino, responsáveis pela condução do ritual da festa, registrando seus depoimentos, de que resulta um volume substancial de informações sobre a história e a evolução do ritual, suas etapas e dificuldades. Além disso, recolhe mais de sessenta cânticos, compreendendo todas as etapas de realização do culto, e registra também em DVD esses depoimentos. Também Pacheco, Gouveia e Abreu (2005) registram em livro e CD os cânticos produzidos pelas caixeiras para a realização da festa.

Existem ainda depoimentos de participantes da Festa do Divino em coleção publicada por iniciativa da Comissão Maranhense de Folclore, cujo título é **Memória de velhos**. De responsabilidade da mesma Comissão, podem ser consultados os **Boletins da Comissão Maranhense de Folclore** e artigos publicados na coletânea **Olhar, memória e reflexões sobre a gente do Maranhão**, de 2003.

Conhece-se ainda trabalhos acadêmicos como a monografia de graduação intitulada **O reinado de Vó Missã**, de Cláudia Rejane Martins Gouveia e a dissertação de mestrado da mesma autora **“As esposas do Divino”: poder e prestígio nas festas do Divino em terreiros de tambor de mina em São Luís do Maranhão**, ou ainda a monografia de graduação denominada **Alcântara e o império do Divino: pedras e tronos decadentes**, de José Ribamar Ferreira, que fala sobre a festa em Alcântara, todos estes trabalhos sempre em uma perspectiva sócio-etnológica.

No entanto, não se tem conhecimento de estudos lingüísticos sobre a Festa do Divino no Maranhão, diferentemente do que ocorre com outras manifestações culturais. Sobre a Festa do Divino nos Açores, pode-se mencionar Simões (1987) que realizou um roteiro lexical do culto e das festas, com o intuito de dar início a estudos que possibilitem a compreensão do imaginário do Culto do Espírito Santo, entendido como uma forma dinâmica e concreta de identidade cultural portuguesa.

1.3 O RITUAL DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

² A obra de Domingos Vieira Filho, cujo levantamento está sendo realizado, é objeto de projeto de pesquisa, de que a autora deste trabalho participa, com o objetivo de elaboração de um dicionário crítico.

A festa do Divino Espírito Santo mantém muitos pontos de convergência entre o modelo dos Açores e os do Maranhão.

As etapas da festa do Divino, no Maranhão, seguem uma ordem determinada, e as alterações, quando ocorrem, devem-se em geral às dificuldades financeiras cada vez maiores e às restrições impostas pela idade avançada da maioria das caixeiras, responsáveis pela condução do ritual.

Também a duração da festa vem sendo reduzida, pelas mesmas razões. No passado, a abertura da tribuna, que marca o início oficial da festa, acontecia no Domingo da Ressurreição ou de Páscoa; atualmente, algumas festas têm início apenas quinze dias antes da missa dos impérios. As datas de realização da festa, assim, podem variar, mas a abertura geralmente ocorre no Domingo de Pentecostes, mesmo que a festa não ocorra nessa época. Em entrevista concedida, em 18/04/96, a Gouveia, pai Euclides explica que a “Festa do Divino começa em Pentecostes, se não, não é festa do Divino, a coisa certa é essa, aí você fica batendo caixa todo domingo até o dia “D” quando ela acontece, assim é a história” (1997, p. 44).

Alguns momentos são considerados essenciais e são recorrentes em qualquer festa – como é o caso da Abertura e do Fechamento da Tribuna, do Buscamento, Levantamento e Derrubada do mastro. Outros mantêm-se apenas em algumas festas, como o Roubo do Império e o Carimbó das caixeiras. Outros ainda acontecem eventualmente e já são dados como desaparecidos, como é o caso da Prisão que pôde ser ainda observada em Alcântara no corrente ano de 2008, mas foi dada como extinta por Pacheco, Gouveia e Abreu, pelas palavras de Dona Fausta:

A prisão era para impor o respeito no tribunal, alguém que estava fumando, pessoas que estavam descompostas, mulheres com o vestido acima do joelho ou com o namorado com a mão no ombro etc... A gente vinha com a bandeira vermelha, cobria aquela pessoa e as caixeiras rufavam as caixas, ou então se prendia com a fita vermelha, o imperador vinha com a imperatriz e amarrava aquela pessoa com uma fita vermelha, então aquelas pessoas que estavam sendo presas recebiam um monte de versos improvisados pelas caixeiras e essa pessoa presa, que eles chamavam de passarinho, teria que dar uma prenda (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 40).

Lima, a esse respeito, menciona dois tipos de prisões: aquela feita pelo descumprimento de alguma regra implícita de respeito à tribuna, como fumar ou cruzar pernas ou braços, assinalada por uma fita no braço e sujeita a multa em dinheiro, e a prisão dos Mordomos, feita por vassalos por ordem do Imperador, que determina a incorporação dos

presos ao cortejo para visitarem o mastro e serem finalmente libertos, não sem antes oferecerem prendas ao Divino (cf. LIMA, 1988, p. 29).

Vieira Filho descreve esse momento da festa, situando-o quando da louvação ao mastro:

Aí ocorre geralmente a **prisão** ou **amarração ao mastro**, que consiste em colocar o convidado escolhido ao lado do mastro e cercá-lo de caixeiras, se não pagar determinada quantia ficará amarrado ao mastro por muito tempo. Paga a carceragem, o herói é louvado pelas caixeiras (1974, p. 58, grifos do autor).

É curioso que os depoimentos sobre esse ritual da festa apresentem interpretações tão divergentes: para um há infratores penalizados; para outro, heróis escolhidos.

Outras etapas mais deixaram de ser realizadas e permanecem apenas na memória dos mais antigos. É o caso do Roubo de Alvorada, quando as caixeiras buscavam às escondidas o lugar em que estava o mastro da festa de outro terreiro, para cantar Alvorada, o que, em geral, era depois repetido no terreiro que havia promovido o roubo. A dona da casa, tomada de surpresa pelo assalto, tinha que providenciar licores e doces para a ceia das caixeiras. Atualmente, a insegurança do mundo moderno cercou os espaços com muros e portões, impedindo o acesso; além disso, os mastros não são mais fincados todos na mesma época, dificultando essa prática. Pai Euclides recorda:

As caixeiras se arrumavam, pegavam a bandeira real e iam procurar saber onde tinha outro mastro enterrado, aí elas iam caladinhas, sem fazer o menor barulho, chegando lá rufavam as caixas e cantavam – isso se chamava roubar alvorada, então nesse dia era uma festa. A dona da festa que estava sendo roubada ia tratar todos aqueles visitantes, providenciava logo uma coisa, era cafezinho, doce, licor [...] e vice-versa, essa festa que foi roubada ela ia roubar em outra ou até nessa mesma que roubou. (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 40).

Outra tradição hoje quase perdida é a dos pedidos de esmola ou “tirar jóia”.

Chamava-se “tirar jóia” ao antigo hábito de saírem as caixeiras, acompanhadas de uma menina que carregava a coroa, de porta em porta, de vilarejo em vilarejo, para pedir a ajuda dos fiéis, em dinheiro ou gêneros alimentícios.

Vieira Filho menciona que, meses antes da festa,

[...] percorre as ruas da cidade, principalmente nos subúrbios, o bando do Divino, em algumas áreas brasileiras chamado de folia. É uma espécie de bando precatório destinado a angariar recursos para a festa. Compõe-se de

duas ou três caixeiras, meninas portando a bandeira do Divino e uma salva de prata com a coroa e a pombinha do Espírito Santo (1977, p.47).

O mesmo autor havia afirmado anteriormente:

[...] começa com a **folia**, aqui chamada de **barulhos do Espírito Santo**. É uma espécie de bando precatório que percorre as ruas angariando donativos para as festividades. [...] O devoto, ao dar o óbulo, beija respeitosamente a pombinha ou coloca a salva sobre a cabeça para que fique abençoado. As mães fazem o mesmo com os filhos pequenos para que tomem juízo (1974, p.56, grifos do autor).

Dona Nilza, caixeira do Divino, explica:

A festa do Espírito Santo era feita assim, pedindo esmola, não por necessidade, não por precisão, mas pra ver quem tinha bom coração, porque Deus não tem necessidade, por isso eu lembro quando eu era criança daquelas senhoras indo de porta em porta (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 41).

Também Marques comenta esse costume, dizendo que “Os farranchos percorrem cidades e vilas arrecadando esmola para o dia magno da festa.” (1941, p. 60).

Lima, descrevendo a Festa do Divino em Alcântara, fala dessa

[...] Folia do Divino, constituída de 3 caixeiras (tocadoras de tambor), 3 bandeireiras (porta-bandeiras), 1 bandeireiro, 2 cidadãos de confiança e carregadores para o transporte das ofertas de toda espécie, e que incluíam galinhas, perus, patos, cofos de farinha, etc. E ainda o “Vicente”, assim chamado o menino que recolhia as esmolas em dinheiro quer fosse Pedro, Paulo ou Simão (LIMA, 1988, p. 22-23).

Os pedidos eram feitos, bem como os agradecimentos pelos bens recebidos, por meio dos versos das caixeiras, como estes:

*Espírito Santo pede esmola
Mas não é por carecer
É só para experimentar
Quem seu devoto quer ser
[...]
Senhora dona da casa
Lhe fiquei muito obrigada
Quando precisar de nós
Estaremos a seu lado (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 77).*

É ainda Vieira Filho (cf.1954) quem relata uma lenda a respeito do “barulho” do Divino, que atesta a importância e o misticismo que sustentam a devoção. O autor faz referência ao artigo

“Os *barulhos* do Espírito Santo” de Inácio Raposo, publicado no Diário de São Luís em 15-1-1950. Conta-se que um “barulho” teve seu pedido de esmolas negado por um fazendeiro rico, mas avarento, que determinou a seus escravos a expulsão do grupo a golpes de pau. A partir de então morre o gado, crestam as plantações de cana e mandioca, secam as cacimbas, racha a terra. Desesperado e arrependido, o fazendeiro manda chamar o grupo, faz os donativos e cessa imediatamente a praga. “É crença arraigada de que aquele que nega uma esmola ao ‘barulho’ sofre duros castigos” (VIEIRA FILHO, 1954, p. 4)

A festa do Divino começa, na realidade, no último dia da festa anterior, quando ocorre o Passamento das Posses, ou seja, quando o Império entrega as insígnias que caracterizam a função de cada membro aos que exercerão as funções no ano seguinte, e se agendam as reuniões preparatórias para definição de responsabilidades, reuniões estas que contam com a participação dos pais das crianças que formarão o Império, dos padrinhos – do mastro, do mastaréu, da tribuna – e do dono ou dona da festa. É ele (ou ela) quem define a participação e contribuição de cada um, em dinheiro ou gêneros alimentícios, as cores do vestuário de cada um dos membros do império e da decoração, os dias e horários de cada etapa da festa.

É preciso ter o cuidado de não melindrar os membros do Império mas, ainda assim, estabelecer limites para que a hierarquia seja respeitada e não haja, por exemplo, um mordomo mais bem vestido do que o Imperador. O mesmo cuidado tem que ser tomado com relação às mesas de doces. Os padrinhos do mastro oferecem bebida.

Os cargos da festa também são definidos nessas reuniões. Além dos cargos principais de imperador e imperatriz, existem ainda os mordomos e mordomas régios(as) e mor; a ordem hierárquica dos mordomos pode variar; em alguns terreiros os mais importantes são os régios mas podem ser também o mordomo e a mordoma-mor, como pode ainda multiplicar-se o número de mordomos: celestes, de linha, baixos, segundo e terceiro-mor, por exemplo. Alguns terreiros, embora não sejam os mais numerosos, substituem o imperador e a imperatriz pelo reis³ e a rainha. Além dos cargos principais e essenciais, que compreendem também o mestre-sala, as bandeirinhas, o bandeireiro, o juiz, pode haver ainda crianças vestidas de anjo representando a Fé, a Esperança e a Caridade.

Outro aspecto curioso da festa é a sua eventual associação a outros santos como Nossa Senhora de Fátima, Santana, São Benedito, São Luís. Essa associação pode influenciar a escolha das cores ou o modelo das roupas. Na festa do Divino que homenageia, paralelamente, São Luís, a decoração é predominantemente em azul, vermelho e branco, cores

³ A respeito da insólita designação no plural para um único indivíduo, vale mencionar que essa mesma designação foi registrada por Meyer (1986) a respeito do imperador Carlos Magno em congadas.

da bandeira francesa, e as roupas do imperador seguem o modelo que se presume ter sido aquele adotado pelo rei francês, enquanto a coroa segue o modelo de coroa real e não o de coroa imperial. A associação da festa do Divino às festas de outros santos pode determinar também uma multiplicação dos Impérios, acrescentando-se um para cada santo homenageado, mas em geral essa associação ocorre para reduzir despesas. Gouveia registra que “[...] é o caso da festa de dona Nilza, onde se festeja ao mesmo tempo Espírito Santo, Nossa Senhora de Fátima e São Benedito, cada um tendo seu império próprio, formando ao todo 27 crianças” (2001, p. 54). Em geral os donos da festa alegam não promover mudanças por terem herdado as orientações para sua realização, não lhes cabendo inventar nada. No entanto, as associações das comemorações dos santos à festa do Divino são exemplos de uma dinâmica social que exige mudanças. Barbosa comenta que “Dona Jacy tem uma compreensão muito feliz desse processo. Ela diz que ‘o Espírito Santo não deixou livro...’”. (2005, p.36). Em entrevista concedida a Gouveia em 14/09/95, mãe Elzita descreve como começou a festa de Sant’Anna, associada em seu terreiro, denominado Fé em Deus, à do Divino por determinação de sua entidade, Surrupirinha, mensageiro da casa:

Surrupirinha mandou que eu ficasse esperando na porta com a bandeira dela. Nesse dia foi tanto choro, tanto sentimento, mas começou a festa de Sant’Anna. Teve já a menina de rainha, o menino de reis e aí nós fomos levantando a festa de Sant’Anna aqui na casa. Foi assim... (GOUVEIA, 1997, p. 66).

Mãe Elzita, na mesma entrevista, havia esclarecido que:

A festa é de Sant’Anna, mas também é do Divino, porque tem caixa, tem império e tem mastro e, a partir daí, já é Divino. Agora, o lado certo mesmo é Sant’Anna (GOUVEIA, 1997, p. 63).

O momento inicial da festa é designado pela expressão Abertura da Tribuna, que nomeia o momento em que são transportados os principais objetos rituais – a coroa real, a pomba, a bandeira real e as bandeirinhas para o salão principal da casa, a tribuna, luxuosamente decorada e onde ficam o altar do Divino e as cadeiras que serão ocupadas pelos membros do Império. Estas cadeiras ou tronos estão dispostas no topo de degraus, de forma a evidenciar a hierarquia rigorosamente respeitada, colocando-se sempre no lugar mais alto o imperador e a imperatriz, quando a houver, já que algumas festas, como a de Alcântara e a realizada em Paço do Lumiar pela Irmandade do Espírito Santo, alternam imperadores e imperatrizes. As caixeiros e donas de festa mais tradicionalistas lamentam as mudanças de

datas e o desrespeito ao ritual, já que muitos terreiros colocam a pomba simbólica no altar sem aguardar os cânticos das caixeiros, chamando o Divino para comparecer à festa. A Abertura da Tribuna, antigamente, acontecia no Domingo da Ressurreição ou Domingo de Páscoa, atualmente ocorre dez ou quinze dias antes da missa dos impérios. Alguns terreiros mantêm a Abertura da Tribuna na data convencional, mas o festejo só começa muito depois (cf. GOUVEIA, 2001, p. 49).

No momento da Abertura da Tribuna alternam-se os versos da caixeira e do(a) dono(a) da festa, para que o comando do ritual passe à responsabilidade da caixeira-régia (ou mor, conforme a casa que promove a festa), quando é tocado o cântico *Espírito Santo Dobrado* para invocar o Divino e dar espaço para que cada caixeira cante um verso:

*Vinde meu Espírito Santo
Que por vós estou chamando
A tribuna está aberta
E por vós está esperando
[...]
As portas do céu se abriam
O pombo branco avoou
Sentou pra ser festejado
Na festa do imperador* (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.19-20).

O momento de Abertura da Tribuna é considerado pelas caixeiros como de grande responsabilidade, pois determina e anuncia como a festa decorrerá, como afirma Dona Luzia:

O momento de abrir a tribuna é realmente o que mais me emociona, me faz chorar, porque é muita responsabilidade você chamar Deus para a terra, e nesse momento é isso que nós caixeiros fazemos [...] quer dizer, nós simples mulheres mortais, louvando ao Espírito Santo e ele vindo nos atendendo. (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.20).

Embora muitos versos da festa sejam improvisados e a habilidade de improvisação da caixeira seja extremamente valorizada, os versos de abertura da tribuna, por sua importância, são, em geral, conhecidos e transmitidos de geração em geração e obedecem a uma ordem definida: primeiro a invocação ao Divino, depois o cântico para São Pedro, guardião das chaves do céu e também da chave da tribuna.

O segundo momento da festa é o do Buscamento e Levantamento do mastro, que a partir de então passa a identificar, mesmo de longe, o lugar onde se realiza a festa. O mastro é um dos símbolos mais marcantes da festa, e sua importância pode ser avaliada pelo cuidado na escolha – precisa ser um tronco de árvore liso, reto, de 6 a 7 metros de altura. O tronco, dependendo da casa que promove a festa, pode ser pintado de branco e azul ou de branco e

vermelho, ou ser recoberto de murta e decorado com frutas e garrafas de bebida. O mastro tem padrinhos que bancam as despesas e o batizam aspergindo água benta com raminhos de arruda, quando recebe o nome de Manuel da Vera Cruz, se a festa ocorre em maio, ou de João da Vera Cruz, se a festa ocorrer em junho. No momento do batismo, os padrinhos, que podem ser perpétuos ou não, conforme a promessa feita, recebem uma toalha branca e uma vela, bem como galhos de arruda para aspergir o mastro e são acompanhados pelo canto das caixeiras que dizem, por exemplo:

*Te batizo Oliveira
Com toda a tua formosura
Não te dou os santos óleos
Porque não és criatura* (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.24).

O mastro é conhecido também pelo nome de Oliveira, ou Manuel da (ou de) Oliveira. Na casa de Nagô é chamado de Arvoredo antes do batismo e depois de Oliveira. Em geral, no topo fica afixada uma pequena bandeira com a imagem da Pomba do Divino, o chamado mastarel ou mastaréu, também apadrinhado por alguém e ao qual está preso um bolo de tapioca, para dar de comer aos pombos e outros pássaros que aí venham a pousar, mantendo-se assim, até para eles, a tradição de fartura de alimentos que caracteriza a festa do Divino. Na casa de Nagô, no momento do levantamento do mastro, são jogados aos assistentes, do alto da casa ou de árvores, bolinhos de tapioca e bombons.

Há uma forte simbologia de fundo bíblico na escolha das cores – azul do céu e de Maria, vermelho das fogueiras juninas – ou dos nomes, com referência aos nomes de Jesus – Emanuel – ou de seu primo, João Batista, ou ainda na referência à oliveira, árvore sagrada desde que ali pousou a pomba, depois do Dilúvio, e também associada ao sofrimento de Jesus no Horto das Oliveiras. Apesar das marcas religiosas de fundo católico, sempre mencionadas e sempre presentes, os momentos de Buscamento do mastro e de seu Levantamento são pretexto para brincadeiras e ditos de duplo sentido que decorrem durante o cortejo animado e acompanhado por bandas de música especialmente contratadas para esses momentos.

O Levantamento do mastro exige força, habilidade e responsabilidade para que sejam evitados acidentes ou erros que empanem o brilho da festa. Em Alcântara “conduzido por uma vintena de atletas escuros, cavalgam-no todas as crianças presentes, de 8 a 10 anos” (LIMA, 1988, p.26). O peso das crianças, associado ao do mastro, se, por um lado, dificulta o trabalho de quem o transporta, por outro lado também valoriza o esforço, a penitência, para o pagamento da promessa.

Como afirmam Pacheco, Gouveia e Abreu,

O levantamento do mastro é um momento de grande expectativa, tensão e euforia. São preparadas três ou mais tesouras (dois grandes pedaços de madeira em forma de cruz, amarrados ao meio com cordas de armar rede), que ajudam a distribuir o peso do mastro. Para levantá-lo, nele são amarradas quatro grandes cordas, puxadas ao mesmo tempo por vários homens. Nessa hora, muitas pessoas rezam e fazem pedidos para que nada dê errado. Quando o mastro se encontra totalmente erguido, são disparados foguetes, todos batem muitas palmas e alguns, mais emotivos, chegam a chorar (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 24).

O cântico próprio do momento do levantamento do mastro é o denominado *Nossa Senhora da Guia*:

*Sobe alto, Oliveira
Vai subindo devagar
Sobe meu Espírito Santo
Que perto de Deus vai ficar* (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 24)

Comenta Dona Zézé:

Eu me emociono muito no levantamento do mastro, antes dele ser o “Oliveira” ele é só um pedaço de madeira, mas depois de batizado ele vira uma árvore sagrada onde o Divino se assentou, já que tem a bandeira lá em cima. Então a gente levanta ele, a gente fica com tanta ansiedade que o mastro vai chegar lá em cima, levantar a festa, e a gente pedindo pra que ele não caia, com fé, a gente aqui canta “Nossa Senhora da Guia”, quer dizer, eu acredito que é pelas nossas orações, pela forma de cantar, de tocar as caixas com amor que os homens conseguem levantar sem derrubar, a gente pede aqui e o Divino abençoa os homens lá e tudo dá certo (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.26).

Nos cânticos denominados *Nossa Senhora da Guia* há invocações à sua proteção, como este de Dona Celeste:

*Nossa Senhora da Guia
Tá com a frente para o mar
Para ver seu bento filho
Que chegou de Portugal* (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.56).

Ou descrições do mastro, como nestes versos:

*Que bonito pé de árvore
Que a natureza criou
Pra servir de mastarel
Na festa do imperador* (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.57).

Depois de colocar o mastro em pé, é tocada a *Dança das Caixeiras*. Dona Luzia descreve a dança:

Bem, sobre a Dança das Caixeiras, quando nós chegamos da missa, e depois que faz a obrigação na tribuna, aí a gente faz o ritual da dança. Primeiro sai a caixeira-régia, aí vai tirando as outras, tira a mor, se tiver mor na sala, aí vai tirando as outras até tirar a última. A gente dança, e depois em volta todas juntas, e depois dança o cruzeiro. É a gente dançando de duas a duas, trocando (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.59).

Segue-se, no salão da tribuna, uma ladainha e um jantar, bancado pelos padrinhos do mastro. A partir do levantamento do mastro algumas obrigações terão que ser cumpridas, como é o caso do toque de caixa conhecido como *Alvorada*, cuja importância é explicada por Dona Celeste:

A Alvorada é um toque principal porque se toca de madrugada, na noite da festa, se toca meio-dia, se toca seis horas da tarde, e se toca na hora que vai visitar os impérios. Só os impérios é que toca com Alvorada. Então, tem que tocar sempre a Alvorada. Todas as vezes em que começar a tocar, os dias que não é o dia da festa, que chega seis horas ou meio-dia, tem que ter esse toque de Alvorada. Alvorada completa, porque toca a Alvorada, depois ela tem um “dobro” no meio, que se chama Alvoradinha, mas no mesmo toque (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.50).

Os versos das Alvoradas podem ser transmitidos de geração a geração ou resultarem de improvisações feitas pelas caixeiras:

*O cantar das Alvoradas
É um cantar excelente
Acordai quem está dormindo
Alegrai quem está doente
[...]
Vou cantar as Alvoradas
Não sei que Alvorada eu canto
Vou cantar Alvoradinha
Do Divino Espírito Santo* (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.52).

Apesar do nome, a Alvorada deve ser cantada, diariamente, às seis da manhã, ou ao meio-dia ou ainda às seis da tarde, logo seguida pelo cântico denominado *Santana*, cuja função é assim definida por Dona Celeste:

Depois da Alvorada, o que acompanha é Senhora Santana. Toda vez que se reza Alvorada, se reza Senhora Santana. É o toque que leva os impérios para a mesa, a cerimônia da comida dos impérios se toca Santana. Depois que tem

uma ladainha que se reza, se oferece, se toca também Senhora Santana (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.52).

No cântico da Senhora Santana faz-se menção a seu parentesco com Maria e Jesus e há referências à mesa dos impérios, como nestes versos de Dona Jacy:

*Deus te salve mesa posta
Ela é de tradição
Pra servir todos impérios
Do Divino Espírito Santo* (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.54).

Ou estes outros:

*Santana é a maior santa
Que no mundo tenho visto
Ela é mãe da mãe de Deus
É a avó de Jesus Cristo* (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.55).

Durante a semana principal da festa ocorrem as Visitas dos Impérios, oportunidade em que as crianças que formam o império recebem em suas casas, aos pares ou individualmente, a visita dos outros membros da corte imperial para um lanche de doces, salgadinhos e refrigerantes. As caixeiras também acompanham as visitas, tocando na porta e cantando e dançando no interior das casas visitadas.

Em Alcântara, o Mestre-Sala do Mordomo-Régio pede autorização para a Visita, que ocorre à noite, quando o cortejo vai à casa de cada Mordomo até chegar à casa do Imperador, sempre sob fogos de artifício e com as caixeiras.

O momento mais importante da festa do Divino é quando ocorre a Missa e a Cerimônia dos Impérios, em geral no Domingo de Pentecostes. Vale lembrar que também esta data vem sendo alterada, em função da associação às festas de santos homenageados. Nos Açores também se registram alterações nas datas tradicionais de realização da festa, mas, nesse caso, muito mais em função das promessas feitas pelos emigrantes e sua disponibilidade de tempo para cumpri-las nas ilhas de origem, havendo assim uma tendência a que ocorram nos meses das férias de verão, de junho a setembro.

Em Alcântara, acontece, na sexta-feira à tarde um evento curioso, que é soltar nas ruas um boi bravo,

[...] com os chifre enfeitados de flores e ramagens, sustido por longas cordas e rapazes fortes, acompanhado das caixeiras e que se destina, segundo parece, tão-somente a assustar os transeuntes. Se teve alguma conotação

sagrada, perdeu-a completamente, reduzido a mera expressão lúdica. Em todo caso, não deixa de representar o sacrificado, a vítima da imolação, pois, na manhã seguinte, será sacrificado. (LIMA, 1988, p. 32).

Vale assinalar que semelhante diversão ocorre também em algumas ilhas dos Açores.

A missa tradicional acontece na igreja católica escolhida e depende da aceitação do pároco. Vieira Filho menciona também uma missa na quinta-feira de Ascensão, além da missa solene do domingo seguinte (cf. 1977, p.48). As festas realizadas em São Luís, em sua maioria realizadas por terreiros, nem sempre contaram com aceitação e permissão de entrada nas igrejas, havendo registro até de violência física. Atualmente, algumas igrejas vêm aceitando a presença do império e até que os cânticos sejam acompanhados pelo toque das caixas no interior do templo, como afirma Pai Euclides, da casa Fanti-Ashanti:

Hoje em dia já se faz tudo dentro da igreja, mas isso é recente, até pouco tempo atrás tinha padre que não consentia o império de terreiros nas igrejas. Se ficava do lado de fora, na praça, quando a missa acabava a gente reunia os impérios e cantava para o cortejo. Comigo aconteceu foi muito, mas teve vez que deu briga mesmo, ia em cima e em baixo, e se você perguntar, muitos chefes de casa vão dizer isso também. Agora, hoje tem alguns, como na igreja de São João, de Santana, que permitem rufar as caixas dentro da igreja. (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.29).

Em Alcântara, a festa não tem relação direta com os terreiros e a presença da igreja católica é muito forte, mas também aí a presença das caixeiras é fundamental. Elas iniciam o dia festivo com o toque da alvorada, saudando o mastro, e acompanham o cortejo do império até à igreja. Durante a missa podem ser solicitadas a acompanhar os cânticos religiosos e após o final da missa saúdam e agradecem ao padre, com versos em que pedem graças e proteção ao Divino:

*O padre que disse a missa
Divino vai lhe ajudar
Lhe dando anos de vida
Para na vida passar* (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 59).

Na saída da igreja, em sinal de respeito, as caixeiras recuam sem virar as costas ao altar. Na saída canta-se o “Viva o Hino”, cântico de agradecimento e louvor ao Espírito Santo, como este de Dona Jacy:

*Eu olhando para o céu,
Eu vi uma estrela brilhando
Da igreja vem saindo
Divino Espírito Santo* (GOUVEIA, 2001, p. 53).

O cortejo, que vai até da igreja à casa da festa, é um momento de grande participação popular, acompanhado por bandas de música e foguetes. Pode ocorrer o encontro dos cortejos de duas casas. O cortejo do Divino da Casa das Minas, freqüentemente, encontra-se com o da Casa de Nagô, ocorrendo então a cerimônia de cruzamento das bandeiras. Cruzam-se as bandeiras, desencruzam-se e os cortejos separam-se e seguem seus caminhos até as casas. É costume também, em Alcântara, no sábado, como na Casa das Minas, depois da missa, oferecer esmolas aos pobres: “[...] a carne do boi sacrificado, pequenos feixes de lenha, dinheiro, pão, gêneros diversos, tudo acondicionado em pacotes, caixas, cofos, ornamentados sob motivos diversos: barcos, cestas, flores, etc.” (LIMA, 1988, p. 32).

Na chegada a casa, as caixeiras retomam os toques com o *Espírito Santo Dobrado*, para solicitar à dona da casa que receba o Império, como neste exemplo de Dona Jacy:

*Senhora dona da casa,
com prazer no coração,
receba Espírito Santo
que da missa está chegando* (GOUVEIA, 2001, p. 55).

É antes da entrada que, na Casa das Minas, são distribuídas as esmolas a doze pobres:

“como se fossem os doze apóstolos, como nos disse Dona Celeste [...] Aqui em casa, antes de entrar com a missa para a visita do mastro, eu distribuo uma cesta básica para os pobres, eu mando fazer umas sacolas onde coloco a pombinha e o dizer “Viva o Espírito Santo.” (GOUVEIA, 2001, p. 56).

Então as caixeiras entram, dão três voltas em torno do mastro e dirigem-se todos à tribuna.

As caixeiras orientam, em versos, o mestre-sala, que deve acomodar as crianças que formam a corte nas cadeiras próprias. Todos acompanham então a rezadeira, que profere a ladainha e diversos *Benditos*, cânticos em louvor de santos católicos. Segue-se o toque *Santana*, a salva em agradecimento à rezadeira e as orientações ao bandeireiro para que conduza a comitiva para o almoço:

*Bandeireiro, bandeireiro
Cumpra a sua obrigação
Chame todos os impérios
Reúna seu batalhão* (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 31).

Durante todo o almoço as caixeiras tocam *Santana*, comentando a refeição servida prioritariamente às crianças da corte imperial, acompanham-nas depois ao salão, onde aguardam o convite para o almoço, não sem antes fazerem uma última saudação ao Divino e se despedirem do Império. Depois do almoço das crianças e das caixeiras, quando o Império, despidas as roupas rituais, descansa um pouco, ou brinca no quintal, é servido o almoço a todos os presentes. A mesa é farta e variada – tortas de camarão e carne, frango desfiado, carne de boi e porco, vatapá, macarrão, arroz, farofa, salada e refrigerantes. Em geral o almoço é acompanhado por música animada – pagode ou radiola de reggae – e há consumo de bebidas alcoólicas, vendidas ou oferecidas ao público. Vieira Filho menciona, entretanto, que “Finda a louvação é servida aos presentes que confraternizaram com os impérios farta mesa de ‘doces de espécie, pastilhas e licor de jenipapo’.” (1977, p. 48), o que pode ser explicado pela informação colhida na Casa de Nagô de que, dependendo da hora de retorno da missa, pode haver um lanche, antes do almoço.

As casas dos festeiros, em São Luís e em Alcântara, são caprichosamente decoradas nas cores adequadas a cada uma das funções do ritual e “recebem abajures e correntes de papel de seda e crepom, dosséis de listras e acolchoados, salpicados de estrelas de malacacheta e luzes coloridas” (LIMA, 1988, p. 29). Vieira Filho descreve:

Meninotas risonhas, flores mal despertadas para o grave mistério da vida, trauteam estribilhos populares e recortam com mãos macias de fada mil enfeites de papel de seda. Arabescos caprichosos, rendilhados que lembram labores espanhóis, pequeno e sugestivo capítulo de uma arte que aos poucos vai desaparecendo sem protesto. (1954, p.6).

Ferretti enumera as providências necessárias para a realização da festa:

Uma festa do Divino considerada boa costuma ter, no mínimo, seis mesas de doces, cada uma com duas ou três dúzias de enfeites ou lembranças que serão distribuídas aos amigos e colaboradores. [...] São necessários ainda cortinas, toalhas, almofadas, bandeiras e móveis especiais para as mesas de doces, para a tribuna do império e o altar, além da colocação de fios, lâmpadas e pintura do local em que será realizada a festa e, às vezes, de toda a casa, preparação de enfeites de papel ou plástico para decorar o altar, o salão das mesas e o quintal ou o lugar do mastro (2005, p.25).

Cada membro do império fica responsável por uma mesa da festa e há uma verdadeira disputa para ter a mesa mais bonita. Na mesa há sempre um bolo confeitado de 10 a 20 libras, nas cores das roupas do membro do Império correspondente, e lembrancinhas nas mesmas

cores, que serão depois distribuídas. As mesas, envoltas por cortinados, para evitar moscas, ficam expostas durante dois ou três dias.

Dona Maria Farias, uma das caixeiras do Divino, em entrevista realizada em 26/05/94, comenta que “É a fartura da festa, porque festa de Espírito Santo tem que ser farta, tem é que ter muita comida, comida e doce ‘pra’ todo mundo, é assim” (GOUVEIA, 1997, p. 97).

Ou como diz mãe Elzita, ainda comentando a fartura da festa, “é a riqueza da festa, é o luxo dos ricos e os reis são nobres, vivem no conforto, e a festa de nobre tem que ter fartura. É a mistura do material com o espiritual” (GOUVEIA, 1997, p. 97).

Confirma-se, de certa forma, o que diz Durkheim:

A festa é uma efervescência cuja intensidade mantém a solidariedade de um grupo ou um povo; a representação das relações invisíveis entre o homem e as leis da natureza e a verdadeira instituição que sustenta, regenera e reproduz os vínculos que unem os membros de uma sociedade (1989, *apud* GOUVEIA, 2001, p. 135).

Lima enumera os doces:

[...] pudim, pão-de-ló, queijadinha, broa, bolo de tapioca, mãe-benta e pastilhas, onde a imaginação dos artistas coloca chinelinhas, garças, coelhos, corações e cestas de cartolina, feitas a caprichos, pintalgadas de orvalho brilhante e pó de ouro e os célebres “doces de espécie”, especialidade de Alcântara, receitas transmitidas de geração a geração, simples ou duplos, no feitio de folhas, cestos, maxixes, quiabos, bichos, etc., etc. São formas de massa de trigo, ovos e manteiga que recebem o saboroso recheio de inigualável doce-de-coco.”(1988, p. 29)

Vieira Filho descreve a azáfama, ressaltando a presença negra na festa: “Doceiras negras, rechonchudas e luzidias, de excelente paladar, capricham no fabrico de alfinins, capelas, suspiros, não-me-toques, papos de anjo, amêndoas, pudins deliciosos, bolo inglês, um mundo de gulodices.” (1954, p. 6).

À tarde, recomeça o ritual com toques de caixa, convocando o império a retomar seus lugares na tribuna, saudações ao mastro com a participação do império até às seis da tarde, quando se faz o toque da *Alvorada*, a que se segue a *Dança da Caixeiras*, repetindo-se todo o ritual da manhã. Depois do jantar, enquanto os convidados jantam, todo o império ocupa as suas cadeiras para a recitação da ladainha:

*Quem rezou a ladainha
Lá no céu tem seu valor
Uma cadeira de ouro
Do lado de Nosso Senhor* (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.31).

As atividades do dia encerram-se quando as caixeiras “arreiam” as caixas no chão, após os versos de agradecimento aos que acompanharam a reza, o louvor aos membros da tribuna e o agradecimento ao Divino Espírito Santo. Resta proceder ao derrubamento do mastro, mas algumas casas realizam ainda o chamado “roubo do império”, ritual curioso, hoje caindo em desuso por ser, em geral, demorado e cansativo. Consiste em recuperar peças das vestimentas, objetos rituais – as insígnias – e bandeiras, previamente distribuídas e escondidas nas casas da vizinhança. Ao império cabe sair em cortejo, de casa em casa, usando roupas menos vistosas, mas ainda assim luxuosas, para recuperar os objetos roubados e alguns donativos para a festa. As caixeiras e eventualmente bandas de música alternam-se no acompanhamento do cortejo, mas cabe sempre às caixeiras solicitar, em versos improvisados, a devolução dos objetos.

O Derrubamento do mastro marca o encerramento da festa. Antes que se inicie a derrubada acontece, em algumas casas a cerimônia do *serra-o-pau* ou *serra-toco*, quando as caixeiras e alguns convidados simulam cortar o mastro dando, cada um, três leves golpes de machado no tronco. Só então começa o processo de Derrubamento, cerimônia que exige força e destreza, para evitar a queda brusca do mastro. Usando cordas e tesouras para sustentá-lo, os homens cavam o buraco onde estava fincado o mastro e, lenta e cuidadosamente, deixem que ele se incline progressivamente, enquanto as mulheres acompanham a cerimônia tocando *Nossa Senhora da Guia* e lamentando a derrubada:

*Se eu pudesse, Oliveira,
Tu não ias para o chão
Mas tu vais ficar guardado
Dentro do meu coração* (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 35).

A queda do mastro é comemorada com palmas, foguetes e com bebidas como vinhos e espumantes, a que se segue uma ladainha e o jantar. Retorna-se então ao salão da festa onde se procede ao *Repasse das posses reais* pela caixeira-régia. É um momento emocionante que freqüentemente leva as crianças e os assistentes às lágrimas, emocionados com a despedida.

É uma cerimônia lenta, solene e demorada, já que, depois dos cânticos entoados coletivamente, a caixeira-régia orienta, em versos, a descida da tribuna de cada um dos participantes, e a retirada de cada uma das insígnias, para serem entregues ao participante da mesma função para o ano seguinte. Nesse momento o cântico usual é o Bendito de Hortelã, aqui em versão de Dona Dica:

*Deus salve o hortelã
 Salvador da boa fé
 Se por cá não viu passar
 Bom Jesus de Nazaré
 [...]
 A tribuna estou fechando
 Quem mandou foi o Divino
 Vós me enrole os estandartes
 E também as bandeirinhas* (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 61).

A cerimônia termina com o canto da caixeira para os demais festeiros, incluindo os padrinhos do mastro e da tribuna, anunciando a última etapa da festa, o Fechamento da Tribuna, quando são guardados todos os objetos da festa, para uso no ano seguinte, como descreve Dona Lalá, caixeira do Divino:

É bonito mas também causa tristeza na gente, porque a festa está terminando e você vai deixar as colegas pra trás. Mas quando você olha pra trás e vê que tudo deu certo, que é mais uma missão cumprida, aí o choro é de alegria, porque você sabe que no próximo ano pode estar ali de novo, junto com suas companheiras. Porque no fundo a festa é nossa diversão, é onde a gente deixa os problemas de lado, e junto com as amigas fazemos a fuzarca, elas são nossa outra família, a família da festa (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 37).

Em geral, o Fechamento da Tribuna encerra o ritual de obrigações a cumprir para a realização da festa, mas a festa propriamente dita termina com o Carimbó das caixeiras, antecedido pelo Serramento do mastro. As caixas podem ou não ser tocadas – na Casa das Minas, por exemplo, o Serramento do mastro ocorre ao som de palmas. Antigamente, na casa das Minas, o mastro era serrado em pequenos pedaços depois distribuídos a todos os assistentes, começando pelos membros do Império. Atualmente é serrado em dois grandes pedaços que servem de sustentação à cajazeira sagrada que existe no pátio da casa.

O Carimbó das caixeiras é um momento de descontração e diversão, com comida e bebida para os que trabalharam durante a festa. Cerveja e feijoada são comuns, mas na casa das Minas é tradicional servir arroz de toucinho com camarão, prato regional. As cantigas em geral são curtas e muitas vezes as letras são ousadas e de cunho satírico, com frases de duplo sentido:

*Mulata bonita
 Se tu vai pro Maranhão
 Me leva que eu também vou
 Maranhão é um jardim
 Eu dentro sou uma flor
 Ê mulata bonita (ai ai)*

Cadê teu barão (ai ai)
Me bota na rede (ai ai)
Me deita no chão (ai ai) (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 63).

Eu tava na minha casa
Quando mandaram me chamar
Eu tava com a vela acesa
Pra meter no castiçal (BARBOSA, M., 2006, p. 203)

Teresa não quer que eu chame,
Eu chamo!
Porra, não quer que eu chame,
Eu chamo! (BARBOSA, M., 2006, p. 203).

Só depois da finalização do Serramento do mastro e do Carimbó das Velhas ou das Caixeiras, se promovem festas de tambor-de-mina, com toque no terreiro, em geral no salão onde foi armada a tribuna e em que muitas vezes, diante do altar católico, permanecem as roupas das crianças, em exposição, para serem admiradas. No entanto, em algumas festas, pessoas da casa ou visitantes podem entrar em transe, incorporando suas entidades, e assim conversando, ajudando nas atividades ou dando conselhos (cf. FERRETTI, 2005, p.28-29).

1.4 O IMPÉRIO, OS SÍMBOLOS E INSÍGNIAS DA FESTA

Alguns aspectos da festa são essenciais para a sua compreensão, razão pela qual se decidiu dar-lhes uma explicação mais detalhada:

O IMPÉRIO – Para Dona Maria Farias, caixeira do Divino, em entrevista do dia 26/05/94, a tribuna e os impérios “é a representação da família real: o rei, a rainha, seus vassalos. É a corte que chegou no Brasil e aí se monta o trono para eles se assentar” (GOUVEIA, 1997, p. 96).

Mãe Elzita, em entrevista concedida, em 26/10/96, à mesma pesquisadora explica:

A festa do Divino é uma festa de católicos, por isso tem missa, tem ladainha onde se ouve os santos, agora o reinado aqui “pra” nós é o de Vó Missã, muita gente diz que é das origens da festa, de onde ela veio, mas para nós que fazemos pelo astro, esse reinado marca as entidades, porque aqui nós temos entidades princesas, nobres, então elas é que sentam no trono. Nós fazemos a ligação das duas coisas: o católico e o astral (GOUVEIA, 1997, p.47).

A constituição do Império pode sofrer algumas variações de acordo com a casa. No terreiro da Fé em Deus, por exemplo, fala-se em “reinado”, constituído pela *rainha*, a *dama*, podendo ocorrer, concomitantemente, uma *imperatriz de promessa* se assim determinar a entidade. Paralelamente haverá um *reis*, um *vassalo* que pode ser denominado eventualmente de *imperador* (cf. GOUVEIA, 1997, p.75), o *juiz*, que representa a ordem, no âmbito da festa, e o *bandeireiro real*, que constituem a “corte principal”. Além destes componentes, nesse terreiro, existem ainda seis *bandeirinhas*, oito *anjos* e três anjos que representam a *Fé*, a *Esperança* e a *Caridade*, vestidos nas cores verde, branco e rosa. Mãe Elzita explica:

É por causa da corrente de cada ano, lá na outra casa era reis e rainha, aqui a gente já tem reis, rainha e algumas vezes a corrente dá para o império, pode sair um imperador, uma imperatriz até por promessa, que não tá nem sabendo o significado da casa, quer dizer que é uma coisa que vem sem que eles saibam, tudo é em função da corrente da entidade que vai estar na frente da festa, por exemplo, digamos que este ano vai reinar “Rainha Rosa” então ela vai reinar no trono de Sant’Anna, tem uma rainha pra reinar por ela, quer dizer que a criança tá recebendo aquela formação daquele reinado, Surrupirinha vem e dá as ordens, se é reis ou rainha, imperador ou imperatriz, agora aqui dá mais reino, fora um ano ou outro que pode reinar o imperador (GOUVEIA, 1997, p. 85).

Em Alcântara, há uma alternância, a cada ano, entre Imperador e Imperatriz, de que decorre também a existência de Mordomo-Régio ou Mordoma-Régia. Há sempre um total de 12, seis mordomos e seis mordomas, computando-se a uma dessas somas, de acordo com o ano, o mordomo-régio ou a mordoma-régia, o que totaliza 13 festeiros, mas nem sempre é possível fechar esse número, em razão dos tempos difíceis e das grandes despesas que a festa exige. São indispensáveis o Imperador, que tem assegurada a casa para o festejo, de propriedade do governo, conhecida como Casa do Divino, e o Mordomo-Régio. As cores do Império são fixas: vermelho para o Imperador, verde para o Mordomo-Régio e azul-claro ou rosa para os outros. A festa dura treze dias, com a seguinte organização: 1º dia – quarta-feira anterior à Ascensão – cortejo e levantamento do mastro; 2º dia – quinta-feira de Ascensão – alvorada, Missa de Ascensão, cortejo, mesas de doces na casa do Imperador; 3º dia – levantamento do mastro do mordomo-Régio, cortejo; 4º dia – mordomos visitam o Imperador, vários cortejos; 5º dia – domingo do meio – Missa, visita do Imperador aos Mordomos, mesa de doces oferecida pelo Mordomo-Régio; 6º ao 9º dias – ladainhas; 10º dia – Mordomos visitam o Imperador, corrida do boi; 11º dia – Mordomos visitam o Imperador, passeata, distribuição de esmolos, procissão, pagamento de promessas; 12º dia - Domingo – Missa

solene, recepção pelo Imperador, ladainhas; 13º dia – entrega do posto, visita aos novos festeiros. (cf. FERREIRA, 1998, p.44).

Diferentemente da composição do Império, os objetos simbólicos da festa são similares em todos os terreiros e coincidem com os da festa em Alcântara, que não tem vínculo evidente com terreiros: o mastro, a pomba, a coroa, o cetro, a salva, as bandeiras, as caixas, cada um com um significado específico. Nos Açores também são encontrados como símbolos a coroa, a pomba, as bandeiras, a que se somam as varas, hastes longas decoradas com fitas e flores e que são carregadas no cortejo antes e depois da missa, por convidados ou participantes formais, individualmente, em posição ereta ou dispostas horizontalmente, formando um quadrado no centro do qual pode ir a salva com a coroa e o cetro.

O MASTRO – Para Dona Maria Farias, caixeira do Divino, em entrevista do dia 26/05/94, o mastro “[...] é como se fosse a árvore sagrada em que o Divino se assentou e, por isso, lá em cima tem o mastarel com a pomba que significa paz, proteção, benção”. (GOUVEIA, 1997, p. 96).

Segundo Ferretti, uma das funções do mastro é assinalar a casa que promove a festa, ou ainda representar a autoridade de quem organiza a festa, e observa a freqüência de “alusões e brincadeiras relacionadas com a introdução ou a retirada ressaltando o caráter fálico do mastro” (1985, p.163).

A presença de mastros é recorrente em festas populares, na forma de paus-de-sebo, mâts-de-cocagne, mastros para as danças de fitas, entre outras. Câmara Cascudo registra o depoimento de Claude D’Abbeville que menciona costume de índios do Maranhão que, por recomendação do pajé para afastar maus ares, tinham o hábito de “fincar à entrada de suas aldeias, um madeiro alto, com um pedaço de pau atravessado por cima; aí penduram quantidade de pequenos escudos feitos de folhas de palmeira” (2002, p. 47).

A POMBA – Dona Maria Farias, caixeira do Divino, em entrevista do dia 26/05/94, afirma que a pomba “[...] representa o Espírito Santo que desceu do céu no batismo de Jesus por São João e depois abençoou os apóstolos dele e continua abençoando a gente até hoje” (GOUVEIA, 1997, p. 96).

Em Alcântara, os mordomos recebem pombas, em tamanho natural, de gesso ou madeira.

Barbosa registra o caso curioso da fala de uma caixeira que interpreta o dogma da Santíssima Trindade, afirmando que “seu *encantado* é o ‘pombo que voa’ ou ‘pombo roxo’, que forma uma trindade com o ‘pombo branco’ e o ‘pombo pedrês’, na compreensão da encantaria maranhense” (2005, p.37). A figura do pombo branco, representando o Espírito

Santo, está presente nos bordados das bandeiras, na decoração da tribuna, no topo da coroa e do cetro, nas lembrancinhas que decoram as mesas e nos bolos decorados, além de figurar em múltiplas formas e versões nas mãos dos mordomos durante os cortejos.

A COROA E O CETRO – Para Dona Maria Farias, caixeira do Divino, em entrevista do dia 26/05/94, a justificativa é histórica, em que pese uma certa imprecisão de dados: “É a significação da realeza, porque a festa é de reis. O rei de Portugal tinha cetro e coroa e a festa começou com D. Pedro I, que chegou no Brasil. Assim é que é.” (GOUVEIA, 1997, p. 96).

Em Alcântara a coroa é de prata maciça e fica sob a guarda da igreja, sendo entregue ao Imperador enquanto durar a festa.

Nos Açores, onde a festa também conheceu momentos de perseguição religiosa, pelo seu caráter alegre e associação a cantigas e danças profanas, uma das exigências para sua realização era a de que as insígnias – coroa, cetro e salva, fossem de prata maciça, considerando-se um desrespeito o uso de materiais menos nobres.

BANDEIRA REAL – Dona Maria Farias, caixeira do Divino, entrevistada em 26/05/94, diz que a bandeira real “[...] é a guia da festa, por isso vem na frente de tudo. Quem carrega é o alferes da bandeira, ele vem com ela puxando a procissão, guiando os impérios. Ele traz a corte para o seu trono”. (GOUVEIA, 1997, p. 96).

AS CAIXAS – As caixas são instrumentos musicais de percussão, do tipo membranofone, que produzem som quando percutidas por baquetas, conhecidas como varetas, vaquetas, vanquetas ou gambitos.

A caixeira Dona Maria Farias, em 26/05/94, explicou que “As caixas são muito importantes porque com elas que as caixeiras fazem as saudações aos impérios e a louvação ao Divino, ao santo homenageado, e é tudo com caixa”. (GOUVEIA, 1997, p. 96).

Nem todas as caixeiras possuem caixas. Algumas utilizam os instrumentos da casa que promove a festa. Quando os instrumentos são próprios, em geral, são construídos pela própria caixeira ou por seus familiares ou amigos. Raramente são comprados. Constrói-se em geral uma relação de identidade e afetividade com o instrumento. As caixas também são batizadas “com toalha, velas, água benta e padrinhos” (FERRETTI, 1995, p. 172) e recebem nomes como Açucena, Florzinha, Prenda do Ano, Soberana (cf. BARBOSA, 2005, p. 39). A importância dada às caixas e o caráter de humanidade a elas atribuído pode ser avaliado por este relato de Barbosa:

Uma cena interessante: uma caixeira-régia, Dona Marcelina, chegava para uma festa, e a porta principal da casa ainda estava fechada. Lá dentro

montavam os tronos. E ela bateu na porta, dizendo: ‘Abram esta porta! Minha caixa não entra pela porta dos fundos!’ (2005, p. 44).

É este universo de fé, mas também de diversão, que se propõe investigar e divulgar, por meio de um glossário dos termos da festa, baseado em fontes documentais e que compreende a festa em Alcântara e as festas dos terreiros de São Luís, com ênfase na Casa das Minas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A terminologia faz a ponte entre vários mundos
 Maria Teresa Cabré

2.1 O ESTUDO DO LÉXICO

2.1.1 Língua, Cultura e Léxico

As estreitas relações entre língua e cultura têm sido objeto de estudos permanentes, que reafirmam sua existência inquestionável. A natureza dessas relações, entretanto, nem sempre congrega opiniões. Câmara Júnior afirma que

1. A língua é parte da cultura; 2. É, porém, parte autônoma, que se opõe ao resto da cultura; 3. Explica-se até certo ponto pela cultura e até certo ponto explica a cultura; 4. Tem não obstante uma individualidade própria, que deve ser estudada em si. 5. Apresenta um progresso que é seu reajustamento incessante com a cultura. 6. É uma estrutura cultural modelo, que nos permite ver a estrutura menos nítida, imanente em outros aspectos da cultura. (2004, p. 293).

Lévi-Strauss comenta as complexas relações entre língua e cultura, ampliando-as e lembrando que é possível, também,

[...] tratar a linguagem como um *produto* da cultura: uma língua, em uso numa sociedade, reflete a cultura geral de uma população. Mas num outro sentido, a linguagem é *parte* da cultura: constitui um de seus elementos, dentre outros. Recordemos Tylor, para quem a cultura é um conjunto complexo que compreende as ferramentas, as instituições, as crenças, os costumes e também, bem entendido, a língua. (1975, p. 86).

Na verdade, não há como deixar de considerar que a língua, como fenômeno social que vive e se desenvolve como uma elaboração coletiva (cf. LÉVI-STRAUSS, 1975, p.73), não só faz parte da cultura como é o meio que nos permite a apropriação da própria cultura, seu conhecimento, preservação e divulgação. “Língua, sociedade e cultura são indissociáveis, interagem continuamente, constituem, na verdade, um único processo complexo” (BARBOSA, 1981, p. 158).

É ainda Lévi-Strauss (1975) quem acrescenta que, além de produto e parte da cultura, a língua é condição da cultura por motivo duplo, diacrônico: por um lado, é pela língua que o

indivíduo, desde a infância, adquire a cultura do grupo a que pertence; por outro, a língua e a cultura se assemelham na arquitetura, já que se constroem a partir de relações lógicas de correlação e oposição, além de compartilharem uma evolução paralela de vários milênios.

Não se pode deixar de considerar as diferenças entre os conceitos: linguagem, língua e fala. A linguagem como a capacidade que o homem tem de emitir signos verbais duplamente articulados, a língua como código, sistema, fenômeno social de caráter coletivo e que presume uma relativa estabilidade e a fala como codificação dessa linguagem com um caráter de fenômeno individual e essencialmente dinâmico. Língua e sociedade não se concebem sem interrelação, uma vez que dela depende a comunicação. A língua é um sistema abstrato de signos de oposição funcional e social que serve de instrumento de comunicação, suporte de pensamento e meio de expressão. A fala é a concretização da língua, admitindo na sua realização a variação, seja ela individual – os idioletos – ou regional – os dialetos - e múltiplas facetas: diacrônicas, diafásicas, diastráticas, diageracionais (cf. ARAGÃO, 1990 apud COSTA, 2004, p. 21).

Essa dinamicidade da linguagem caracteriza a língua viva, como afirma Bechara:

Uma língua viva não está feita, isto é, não só estrutura seus atos por modelos precedentes, mas faz-se e refaz-se constantemente, encerra formas feitas e tem potencialidade para criar formas novas, e está sempre a serviço das necessidades expressivas de qualquer falante (2000, p. 43).

Para Vilela (2002), a língua, criação coletiva, é ao mesmo tempo produto e veículo da cultura de um povo, representando a sua forma original e própria de ver o mundo e possibilitando-lhe transmitir essa visão da realidade. “A língua é a mediadora entre a identidade de uma cultura e a sua alteridade. Pela sua própria natureza a língua é idêntica a todas as línguas e é diferente de todas as outras línguas” (VILELA, 2002, p. 372).

Ou como afirma Bally, utilizando uma imagem particularmente bem sucedida:

Assim cada língua, por seu sistema de conceitos e de relações entre os conceitos, recobre o mundo real com uma espécie de manto caprichosamente quadriculado, que vela os contornos dos objetos mais sensíveis, até o ponto que não somente cada língua deforma de uma maneira diferente a realidade percebida se não nos obriga a perceber essa realidade por meio de seu prisma deformador (1935, p. 204-205 *apud* CARDOSO, 2004, p.10).⁴

⁴ Así cada lengua, por su sistema de conceptos y relaciones entre los conceptos, recubre el mundo real con una especie de manto caprichosamente cuadriculado, que nos vela los contornos de los objetos más sensibles, hasta al punto que no solamente cada lengua deforma de una manera diferente la realidad percibida, sino que nos obliga a percibir esa realidad a través de su prisma deformador. (BALLY, 1935, p. 204-205).

O ato de nomear constitui, em si só, uma apropriação da cultura. Muitos são os exemplos que se poderia arrolar sobre a nomeação como ato de apropriação pela linguagem, mas dois são evidentes. Em Gênese, a criação do mundo faz-se pela palavra, pela nomeação de cada uma das partes criadas para a constituição desse mundo. Outro exemplo revelador é o da aquisição da linguagem pelas crianças. A necessidade da comunicação, associada à limitada dominação da língua, determina escolhas, relegando a um segundo momento a aquisição e o domínio de estruturas complexas e centrando o esforço de comunicação na nomeação do mundo que as cerca. Posteriormente, as escolhas lexicais serão reveladoras dos valores que cultuam, das influências sofridas, da história pessoal e coletiva.

Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber lingüístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade. (VILELA, 1994a, p. 6).

Muitas vezes essas escolhas serão consideradas marcas pessoais do discurso ou do estilo literário de um autor, mas podem, também, revelar origens, processos migratórios mais marcantes, antiguidade, tipos de atividades, influências políticas e religiosas, entre outras possibilidades.

Segundo Vilela, para

[...] encontrar a memória genuína de um povo só podemos procurá-la na língua. Por exemplo, as normas morais e éticas, as normas de comportamento, as rotinas de representação e de vivências espelham-se nos seus provérbios, nas suas expressões idiomáticas, nas suas anedotas, nos seus jeitos de categorizar o mundo; [...] (2002, p. 373).

Na realidade, o ato de nomear é, concomitantemente, uma forma de manifestar valores e ideologia. Bakhtin (1992, p. 31), a esse respeito, afirma que “tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (grifos originais) e acrescenta: “por sua onipresença social a palavra é o indicador mais sensível de todas as transformações sociais”.

O conjunto dos sistemas de valores traduz-se no léxico de uma língua, ou seja, encontra no léxico o espaço privilegiado para os seus processos de produção, acumulação, transformação e diferenciação (cf. BARBOSA, 1981, p. 158).

São as unidades lexicais e suas relações em contexto que possibilitam compreender, descrever e explicar a visão de mundo – ideologia, sistemas de valores, práticas socioculturais – de comunidades humanas, de especialistas ou de profissionais, ou seja, de um grupo sócio-

lingüístico-cultural. (cf. ARAGÃO, 2000, p. 54). É no léxico que a língua se atualiza, adequando-se às novas necessidades de nomeação impostas pelas inovações tecnológicas, ao desenvolvimento dos sistemas de comunicação, que aproxima e integra povos e culturas. O processo de ampliação lexical, seja ele feito pela lógica da língua, com base nos seus próprios padrões lexicais, ou por empréstimos lingüísticos, é dinâmico e constante. “É o léxico o único domínio da língua que constitui um sistema aberto, diversamente dos demais, fonologia, morfologia e sintaxe, que constituem sistemas fechados” (BIDERMAN, 2001b, p. 15).

Como afirma Diki-Kidiri, a respeito da formação terminológica:

O homem é essencialmente um ser cultural, tanto individual quanto coletivamente. Por isso, segue o mesmo processo de apropriação do conhecimento tanto no âmbito individual como no comunitário. Este processo que vai da apreensão do novo até à sua denominação é a base do crescimento do homem no conhecimento e na construção do seu universo. A análise desse processo revela a importância da percepção cultural na reconceitualização da nova realidade, a partir da sua integração em um ambiente cultural diferente da sua origem. A denominação terminológica que reveste tais realidades, desde o princípio, serve-se desta reconceitualização condicionada pela cultura receptora. E nesta condição um termo bem formado denominará uma realidade bem integrada. (2008, p.1).⁵

Ainda Biderman (1978 *apud* ARAGÃO, 2000, p. 55) afirma que “O universo semântico se estrutura em dois planos: o indivíduo e a sociedade, e da tensão entre ambos se origina o léxico”.

Realizar estudos do léxico de uma atividade cultural em comunidades que falam a mesma língua, mas que ocupam espaços diferentes, pode revelar a influência de fatores de natureza geográfica, sociocultural e histórica sobre as escolhas lexicais.

Como afirma Silva Neto:

As tradições são testemunho da história de um país, que devem respeitar-se como qualquer documento histórico de valor. Daí a necessidade e, mais do que isso, a urgência da recolha dos traços culturais que são, a bem dizer, o retrato de um povo, a sua memória coletiva (1977, 177-8 *apud* CARDOSO, 2004, p. 14).

⁵ El hombre es esencialmente un ser cultural, tanto individual como colectivamente. Por eso, sigue el mismo proceso de apropiación del conocimiento tanto en el ámbito individual como en el comunitario. Este proceso que va de la aprehensión de lo nuevo hasta su denominación es la base del crecimiento del hombre en el conocimiento y la construcción de su universo. El análisis de este proceso revela la importancia de la percepción cultural en la reconceptualización de la nueva realidad, desde su integración en un ambiente cultural, diferente de su origen. La denominación terminológica que reviste tales realidades, desde el principio, se sirve de esta reconceptualización condicionada por la cultura receptora. Y en esta condición, un término bien formado denominará una realidad bien integrada. (DIKI-KIDIRI, 2002, p.1)

É importante ressaltar que se reconhece que o ambiente, por si só, não é determinante. Concorde-se com Sapir (1961, p. 45) quando afirma que “fatores físicos só se refletem na língua, à medida que atuarem sobre ela fatores sociais”. Entretanto é o mesmo autor quem reconhece que a complexidade lexical é proporcional à complexidade cultural e conseqüente necessidade de distinção de fenômenos. Ou, como se afirmou em estudo anterior, “A variedade, na busca da precisão [do ato de nomear], está intimamente associada à complexidade da atividade a que se refere” (ROCHA, 2006, p. 35).

A relação linguagem-cultura pertence ao âmbito de estudos da etnolinguística. Para Coseriu,

À etnolinguística corresponde, precisamente, o estudo dos fatos de uma língua enquanto motivados pelos “saberes” (idéias, crenças, concepções, ideologia) acerca das “coisas”, portanto, também acerca da estratificação social das comunidades e acerca da linguagem mesma enquanto fato “real” (1987, p.19).

É neste sentido que Barbosa [s.n.t.]a propõe uma nova abordagem para os estudos terminológicos, a etno-terminologia, subárea dos estudos terminológicos, que tem como objeto de pesquisa os discursos etno-literários, compreendendo assim os discursos das manifestações culturais populares. A autora defende o estatuto próprio e exclusivo das unidades lexicais desses discursos, sua plurifuncionalidade, e ainda comenta os processos de vocabularização e terminologização, movimentos de transformação de termo a vocábulo e vice-versa, e ainda o de metaterminologização, de termo a termo. Esses movimentos são facilmente perceptíveis nas terminologias etno-literárias. A autora considera que uma unidade lexical não é um termo ou um vocábulo em si mesma, mas está em função vocábulo ou em função termo.

Esta dupla condição, no mesmo discurso etno-literário, é facilmente reconhecível, por exemplo no termo/vocábulo *coroa* ou *croá*, no âmbito da festa do Divino. Enquanto vocábulo, *coroa/croá* designa a insígnia imperial, objeto concreto, enquanto termo simboliza o próprio Divino, verificando-se uma tendência ao movimento de separação de significados, mantido o vocábulo *coroa* e reservando-se a forma *croá* para o termo da festa.

Esta estreita relação língua e sociedade é que permite que, por meio dela, se possa identificar não apenas os grupos sociais a que pertencem os indivíduos como reconhecer os aspectos que os diferenciam, e que se manifestam pela diversidade linguística. A diversidade linguística, que ocorre tanto no plano da expressão quanto no do conteúdo, atesta o que afirma Humboldt, citado por Bechara (2000, p. 33), quando assinala que a linguagem não é

essencialmente um “produto” ou “coisa feita”, o que se designaria, em termos aristotélicos, como “érgon”, mas sobretudo uma atividade criadora, que ultrapassa a própria concepção do “saber”, muito mais “energeia” do que “dínamis”.

2.2 LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA, TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA

Falar de Lexicologia e Terminologia requer um esclarecimento inicial do conceito de léxico, freqüentemente confundido, no uso corrente, com vocabulário, para então estabelecer o conceito de termo e, paralelamente, o de língua de especialidade ou tecnoleto. Léxico, do grego “lexis” (palavra), é entendido como o conjunto do que alguns dicionários especializados, como o de Lewandowski (1986, p. 208) denominam de unidades lexicais, lexemas ou vocábulos, e outros, como o de Trask (2004, p. 155), apresentam como sinônimo de vocabulário, ativo ou passivo, composto por palavras. Lexias, palavras, lexemas ou vocábulos são freqüentemente empregados indistintamente, havendo divergências quanto ao seu maior ou menor grau de sinonímia.

Barthes entende lexia como “o melhor espaço possível em que se pode observar os sentidos” (1970). Outros autores, entre eles Pottier, denominam de lexia a unidade de comportamento léxico, opondo-a morfema, subdividida em léxica, ou lexema, e gramatical ou gramema. (cf. DUBOIS et al., 2001, p. 360-361). O mesmo autor propõe o emprego de lexia em substituição a palavra para evitar a ambigüidade deste último termo.

Léxico e vocabulário, no âmbito deste trabalho, foram considerados como distinguindo-se, à medida que se distinguem também os conceitos saussurianos de língua e fala. Para o estatístico Muller (cf. CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 494), o léxico está para a língua como o vocabulário para a fala, ou o discurso. Para o lexicólogo Wagner (1967, p. 17), o léxico “é o conjunto de palavras por meio das quais os membros de uma comunidade lingüística se comunicam entre si”, enquanto que o vocabulário é “um domínio do léxico que se presta a um inventário e a uma descrição”. Picoche simplifica a distinção, ao propor “chamar de léxico o conjunto de palavras que uma língua coloca à disposição dos locutores, e vocabulário o conjunto de palavras utilizadas por um dado locutor em dadas circunstâncias” (1977, p. 44)⁶.

⁶ “[...] Appeler lexique l’ensemble des mots qu’une langue met à la disposition des locuteurs, et vocabulaire l’ensemble des mots utilisés par un locuteur donné dans des circonstances données”, (PICOCHÉ, 1977, p.44).

Já termo,

[...] chamado também de unidade terminológica, é uma unidade lexical, com função denominativa, que se encontra definida em relação com outras unidades do mesmo tipo no interior de um domínio de atividade estreitamente delimitada. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 465).

O léxico de uma língua pode ser entendido, então, como um conjunto complexo, que compreende não só vários subconjuntos, de conhecimento geral por parte dos falantes da língua, como ainda os chamados léxicos de especialidade, relacionados com os domínios das ciências, tecnologias, profissões e atividades específicas.

Esses léxicos de especialidade são o objeto de estudo da Terminologia. Inicialmente proposta como interessada estritamente nos vocabulários das ciências e tecnologias, sua abrangência vem sendo progressivamente ampliada.

Assim, Dubuc refere-se ao vocabulário técnico, afirmando:

Estranha à língua corrente, a terminologia concerne ao vocabulário técnico. Entendida nesse sentido, a palavra “técnica” recobre a quase totalidade da atividade produtora do agir humano. Engloba as artes, as ciências e as profissões, este último termo compreendendo os diversos ramos da indústria, da atividade econômica, e da exploração dos recursos naturais. (1978, p. 16).⁷

As línguas em geral, e cada língua em particular, devem ser vistas sob dois aspectos – o de conjunto de estruturas abstratas, de possibilidades, de virtualidades, e o de fato sócio-histórico (cf. AUBERT, 1996, p. 13). Só admitindo esses dois aspectos, pode-se compreender a criação neológica e a adequação lingüística, diante das necessidades de usuários da língua que podem, ainda que num mesmo campo de conhecimento, ter exigências diferenciadas.

Aos conjuntos de léxicos de especialidade usa-se chamar, também, de línguas de especialidade,

[...] expressão tomada emprestada do germanista Müller e definida por Galisson e Costew (...) como uma “expressão genérica para designar as línguas utilizadas em situações de comunicação (orais e escritas) que implicam a transmissão de uma informação relativa a um campo de experiência particular”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 206).

⁷ Étrangère à la langue courante, la terminologie concerne le vocabulaire technique. Entendu en ce sens, le mot “technique” recouvre presque la totalité de l’activité productrice de l’agir humain. Il englobe les arts, les sciences et les métiers, ce dernier terme comprenant les diverses branches de l’industrie, de l’activité économique, et de l’exploitation des ressources naturelles. (DUBUC, 1978, p. 16).

Sobre essa denominação dividem-se os estudiosos. Para os terminólogos, a língua de especialidade é “qualquer produção linguageira realizada por um especialista no meio profissional, sobre o tema de sua especialidade” (HUMBLEY e CANDEL, 1994, p.133), excluídas aquelas que se refiram a campos de experiência não profissionais. Os defensores da denominação *língua de especialidade* apóiam-se na afirmação de Saussure de que “um grau avançado de civilização favorece o desenvolvimento de certas línguas especiais (língua jurídica, terminologia científica etc.)” (SAUSSURE, 1995, p. 30), mas os que a ela se opõem baseiam-se justamente na definição saussuriana de língua como um sistema de signos de natureza verbal, cujo funcionamento está alicerçado por um conjunto de normas e regras, o que implicaria em um sistema diferenciado para cada uma das línguas de especialidade. A comunidade técnica e científica considera a língua de especialidade como “um subsistema lingüístico que utiliza uma terminologia e outros meios terminológicos que visam à não-ambigüidade da comunicação em um domínio particular” (ISO, *International Standardization Organization*, 1990). Para os lexicólogos, é inadequado o emprego de designações que incluam a palavra *língua*, devendo-se substituí-la por vocabulário, ou por discurso especializado.

Krieger e Finatto mencionam comunicações especializadas, caracterizadas pela precisão, objetividade e uso sistemático de termos científicos, afirmando que “costuma também ser identificada com língua para fins específicos (Language for Specific Purposes, LSP), tecnoleto, língua de especialidade, entre outras denominações.” (2004, p. 16).

Ainda outros autores, como Alves, utilizam a denominação de tecnoletos, ao apresentar as acepções do termo terminologia e comentar sua polissemia. Segundo eles, o termo terminologia

[...] costuma ser utilizado segundo três acepções (Cabré, 1993, p. 82; Sager, 1990, p. 3): conjunto dos termos de uma área de especialidade; conjunto dos princípios e dos métodos utilizados em um trabalho terminológico; conjunto dos princípios e das bases conceituais que determinam o estudo dos termos. De acordo com a primeira acepção, terminologia denomina o conjunto dos termos referentes a cada tecnoleto.(1998, p. 95-96).

Para este trabalho optou-se pela designação de terminologia, entendida na forma apresentada como primeira acepção do termo por Alves (1998) e defendida por Biderman (2001b, p. 13-22), segundo a qual terminologia é “um subconjunto especializado do léxico de uma língua, a saber, cada área específica do conhecimento humano”.

Os estudos do léxico estão, assim, divididos em dois grandes campos: o da Lexicologia e o da Terminologia, este mais recente e decorrente do avanço e popularização das ciências, das tecnologias, dos meios de comunicação, apresentando ambos um aspecto prático em oposição ao teórico, a Lexicografia no primeiro caso e a Terminografia no segundo.

A Lexicologia é definida geralmente como a ciência do léxico, entendido este como a totalidade das palavras de uma língua, e pode compreender vários domínios de estudos lingüísticos, entre eles: a etimologia, a formação de palavras, a morfologia, a sintaxe, a fonologia e, sobretudo, a semântica com a qual mantém uma relação especial (cf. VILELA, 1994a, p. 10). Tem como tarefas, entre outras,

[...] definir conjuntos e subconjuntos lexicais; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade lexical de base – a lexia –, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; abordar a palavra como um instrumento de construção de detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de sistemas culturais; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes. (BARBOSA, 1990).

Autores como Ullman (1987, p. 114) justificam a Lexicologia, disciplina específica para o estudo do léxico, pela importância da palavra na estrutura da língua. Para esse autor, a Lexicologia seria a segunda divisão da Lingüística, depois da Fonologia e estaria subdividida em Morfologia e Semântica.

Também Haensch *et al.* (1982, p. 93) consideram a Lexicologia como objetivando a descrição do léxico a partir de suas estruturas e regularidades morfológicas e semânticas, subdividindo-se no que eles chamam de Morfologia Léxica e Semântica Léxica. Quanto às tarefas da Lexicologia, Barbosa (1990, p.153) propõe que as fundamentais seriam a definição de conjuntos e subconjuntos lexicais e a sistematização de criação e renovação lexicais. Para a autora, todas as questões poderiam ter abordagens descritivas ou aplicadas, de que decorreriam uma Lexicologia Descritiva e uma Lexicologia Aplicada.

Os limites entre Lexicologia e Lexicografia e entre Terminologia e Terminografia estão bem delimitados. A Lexicografia estuda a descrição da língua feita pelos dicionários ou os elabora a partir dos dados da lexicologia. A Terminografia tem os mesmos objetivos, mas para a elaboração de dicionários de especialidade e reflexão sobre eles. É o que explica Barbosa:

Terminografia é a ciência aplicada à qual cabe a elaboração de modelos que permitam a produção de obras terminológicas/terminográficas, no que diz respeito à sua macroestrutura, à sua microestrutura, ao seu sistema de remissivas. A Terminologia, por sua vez, tem um objeto que contempla as questões precedentes mas ultrapassa os seus limites, de vez que lhe cabem estudos como os das relações de significações - entre expressão e conteúdo - do signo terminológico, os que concernem à complexa dinâmica da criação desse mesmo signo (neonímia), da renovação e ampliação dos universos de discurso terminológicos, dentre outros. Nesse sentido, as tarefas de uma e de outra são, na verdade, complementares (1990).

São os limites entre Lexicologia e Terminologia que não são consensuais entre os estudiosos. As dificuldades de estabelecer esses limites devem-se ao fato de que o léxico geral de uma língua e os léxicos de especialidade freqüentemente se interpenetram, ocorrendo muitas vezes migrações entre eles, com derivações de um domínio a outro por fatores diatópicos, diastráticos ou diacrônicos, dentre outros. Assim, os termos jurídicos, econômicos ou científicos, por exemplo, têm sido incorporados ao léxico geral ou comum em razão do momento vivido pela comunidade que os utiliza. É o que se vem verificando no atual momento político brasileiro. Muitos termos, anteriormente de domínio especializado, foram incorporados pelo falante comum, com conotações às vezes mais amplas do que as iniciais.

Barbosa, citando Malmberg, lembra que:

A ciência, enquanto processo de busca da verdade e construção do conhecimento, é una e suas questões básicas são idênticas, nas diversas áreas do saber, uma vez postas de lado diferenças superficiais. Ao abordar essa questão, Malmberg [1] a complementa com importantes ponderações sobre a interdisciplinaridade e a multidisciplinaridade, procurando mostrar que a ciência não tem fronteiras, ou seja, que as disciplinas e os setores de pesquisa superpõem-se e necessitam umas das outras.(1990).⁸

No âmbito deste trabalho, optou-se por entender como léxico, o conjunto de palavras que compõem a língua e que a ela se integraram em momentos e por razões diversas.

Desse conjunto amplo destaca-se o léxico de determinados domínios do saber ou de um setor de atividade, a terminologia, entendida como o conjunto das palavras específicas de um determinado domínio bem como as que representam os conceitos desse domínio – os termos – dispostos num sistema conceitual, e criados muitas vezes a partir de palavras do léxico geral, a que foi atribuído um valor específico para esse domínio.

⁸ Obra citada: MALMBERG, B. **A língua e o homem**: introdução aos problemas gerais da lingüística. Rio de Janeiro: Nórdica, 1970.

Esse campo específico é o objeto de estudo da Terminologia, que tem as mesmas tarefas da Lexicologia, às quais se soma

[...] o estudo das relações de significação (expressão e conteúdo) do signo terminológico, o que inclui a complexa dinâmica da criação desse signo (neonímia), e da renovação e ampliação dos universos de discursos terminológicos. (BARBOSA, 1990).

Dubuc comenta as concepções divergentes da Terminologia, relacionando três tipos diferentes: para alguns técnicos sua função seria essencialmente normatizadora, cabendo-lhe “dirigir o uso, prescrever a utilização de certos termos e abolir outros (1978, p. 13)⁹; para o meio universitário a terminologia resumir-se-ia a uma lexicografia técnica e para algumas “escolas” de terminologia sua função seria a de organizar nomenclaturas da forma mais exaustiva possível. O autor comenta que a evolução da terminologia acrescentou ao seu sentido inicial, que designava os conjuntos de termos próprios de cada atividade, por extensão, o procedimento que permita agrupar e estruturar esses conjuntos, diferenciando-a de disciplinas afins por sua estreita relação com as funções de expressão e comunicação.

Para o *Vocabulaire Systématique de la terminologie*, a ciência terminológica é definida como o “estudo sistemático da denominação das noções que pertencem a domínios especializados da experiência humana e considerados no seu funcionamento social” (BOUTIN-QUESNEL, R. et al., 1990, p.17).

Para Cabré,

A terminologia é, antes de tudo, um estudo do conceito e dos sistemas conceptuais que descrevem cada matéria especializada; o trabalho terminológico consiste em representar esse campo conceptual, e estabelecer as denominações precisas que garantirão uma comunicação profissional rigorosa. (1993, p. 52).¹⁰

Vale lembrar que, em Terminologia, “os conceitos são tidos como unidades pré-lingüísticas de conhecimento, isto é, conceitos podem existir sem símbolos ou signos lingüísticos que lhes correspondam previamente” (FINATTO, 2001, p. 212).

A Terminologia, na acepção da primeira orientação mencionada e tal como considerada atualmente, teve seu marco inicial nos estudos de Eugen Wüster, engenheiro austríaco, admirador do esperanto como língua universal e defensor “das linguagens técnico-científicas sem ambigüidades” (FINATO, 2004, p. 342). Wüster, representante da Escola de

⁹ “diriger l’usage, prescrire l’utilisation de certains termes et en proscrire d’autres” (DUBUC, 1978, p. 13)

¹⁰ La terminología es ante todo un estudio del concepto y de los sistemas conceptuales que describen cada materia especializada; el trabajo terminológico consiste en representar esse campo conceptual, y establecer las denominaciones precisas que garantizarán una comunicación profesional rigurosa. (CABRÉ, 1993, p. 52).

Viena, que reunia um grupo de importantes estudiosos, defendeu tese de Doutorado intitulada *A normalização internacional da terminologia técnica*. Fundador da chamada Teoria Geral da Terminologia – TGT, Wüster criou as bases da teoria e defendeu uma orientação de normatização das terminologias, em busca de um ideal de padronização que permitisse a perfeita intercomunicação internacional das ciências e técnicas. Com base nesse ideal surgiram organismos internacionais e comitês, principalmente no Québec e na Catalunha.

As primeiras escolas, a de Viena, a de Praga e a Russa, são consideradas como escolas clássicas e apresentaram alguns pontos comuns dos quais os mais relevantes são:

[...] a valorização da dimensão cognitiva dos termos e o delineamento de diretrizes para a sistematização dos métodos de trabalho terminológico, visando, com isso, a padronização dos termos técnicos e, por vezes, o aparelhamento das línguas para responderem às exigências de uma comunicação profissional eficiente. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 31).

Para a Escola de Viena, a terminologia foi sempre considerada uma ciência e assim uma das acepções do termo terminologia é exatamente a ciência da terminologia. No entanto outros autores consideram-na uma arte ou uma prática.

Inicialmente, Dubuc afirma:

No seu estado atual, a terminologia aparece como uma arte, uma prática mais do que uma ciência. Se ela oferece um objeto bem definido, que é o de responder às necessidades de expressão dos usuários, seus métodos são ainda amplamente empíricos e carecem do rigor que apraz reconhecer nos métodos científicos. (1978, p. 15).¹¹

O mesmo autor, no entanto, reformula seu ponto de vista em edição posterior dessa mesma obra, incluindo-a entre as disciplinas que se propõem coletar sistematicamente, analisar e, se necessário, criar e normatizar o vocabulário de uma determinada técnica “numa situação concreta de funcionamento de modo a responder às necessidades de expressão do usuário” (DUBUC, 1992, p. 3).¹²

O autor define também os métodos de base do trabalho terminológico: a identificação dos termos, ou seja, o trabalho de repertoriar todos os meios de expressão de uma dada técnica, compreendendo um nível conceitual, reunindo a nomenclatura das noções específicas

¹¹Dans son état actuel, la terminologie apparaît comme un art, une pratique plutôt qu’une science. Si elle offre un objet bien défini, qui est de répondre aux besoins d’expression des usagers, ses méthodes sont encore largement empiriques et manquent de la rigueur qu’on se plaît à reconnaître aux méthodes scientifiques. (DUBUC, 1978, p. 15).

¹² “dans une situation concrète de fonctionnement de façon a répondre aux besoins d’expression de l’usager.” (DUBUC, 1992, p. 3).

dessa área de conhecimento e um nível funcional que identifique as expressões típicas dessa técnica (cf. DUBUC, 1978).

É também como disciplina que a ela se referem Krieger; Finatto (2004).

Ao fundar-se como disciplina, foram estabelecidas suas dicotomias fundamentais: *linguagem e conhecimento, palavras e termos, conceitos e significados*. A fase inicial da Terminologia, conhecida como fase clássica ou tradicional, na década de 80, mantinha pouca ligação com a lingüística, já que se acreditava que lidava com termos e não com palavras e ocupava-se de conceitos e não de significados (cf. FINATTO, 2004, p. 342). O interesse dos lingüistas surgiu a partir dessa década, quando a Terminologia passa da dimensão normativa à dimensão descritiva e seu objetivo passa a ser compreender a competência lingüística do usuário da língua de especialidade.

As fronteiras entre palavra e termo, entendido este como unidade de significação especializada, são bastante permeáveis. Alan Rey, a esse respeito, destaca que a linguagem técnica pode ser usada não só no contexto em que predomina a língua de especialidade, mas por qualquer falante da língua mesmo quando não está usando a língua de especialidade correspondente e em contextos diversificados.

Três características distinguem os termos em relação às palavras da língua em geral: como os termos são específicos de um determinado campo de conhecimento, exigem um aprendizado específico e o acesso ao conhecimento se processa pela apropriação desses termos; os termos mantêm uma relação estreita com os conceitos que denominam, por serem, em geral, criados de forma mais consciente, o que os torna, conseqüentemente, mais monossêmicos que as palavras da língua comum; há uma orientação internacional da Terminologia, não só em razão do conhecimento partilhado, por força do desenvolvimento das comunicações, como de uma origem greco-latina comum para a maioria desses termos, sobretudo aqueles que designam as ciências e as tecnologias (cf. HUMBLEY, 1998, p. 23).

Assim, os termos, em que pese a articulação freqüente entre a língua do dia-a-dia e as terminologias – quando o domínio do conhecimento se populariza, como acontece com a terminologia da informática –, não seriam plenamente acessíveis ao homem comum.

No intuito de estabelecer os limites entre a Lexicologia e a Terminologia, Barbosa observou que, do ponto de vista das práticas lexicográfica e terminográfica, o elemento diferenciador é o percurso de investigação. Assim, enquanto a obra lexicográfica

[...] recupera, compila, armazena as unidades lexicais, com vistas a resgatar os seus significados, explicando-os com uma metalinguagem definitória, a obra terminológica/terminográfica visa à recuperação, compilação e

armazenagem das denominações dos ‘recortes’ científicos e tecnológicos. (BARBOSA, 1990).

A Lexicografia parte da forma para o conteúdo, da denominação, de uma lista de palavras para descrevê-las semanticamente, tendo como fim a definição, enquanto a Terminologia faz o percurso inverso: a partir de uma lista de conceitos, busca o “reconhecimento e compreensão da forma sígnica para a denominação” (ANDRADE, 2001, p. 193).

Também Clas comenta que,

Em terminologia, o sentido vai opor, certamente, a palavra ao termo, especificando que a palavra está, de forma ampla, ligada ao seu ambiente textual, mas que o termo depende de seu ambiente pragmático. Como se vê, isso provoca uma outra oposição: a lexicologia, que parte do sentido, da análise das palavras em contexto, logo, o método de análise é semasiológico, enquanto a terminologia parte do conceito e tange à onomasiologia. (2004, p. 225).

Para Cabré (1995), as duas disciplinas apresentam diferenças em pontos metodológicos, como os dados que compilam, o método de compilação, o tratamento dos dados e a apresentação destes em forma de glossários. A autora estabelece três pontos de diferença: o método de trabalho, tanto no processo como na orientação desse processo; os objetivos do trabalho – já que a Terminologia busca a normalização dos termos relativos a um domínio especializado para uma comunicação profissional precisa, atual e unívoca – e os aspectos lingüísticos dos elementos resultantes, ressaltando que o fenômeno da polissemia é menos freqüente no âmbito da Terminologia, além de que os dados são apresentados de forma mais sistemática e simples.

Cabré considera que os aspectos pragmáticos são os que diferenciam mais concretamente os termos. O usuário, as situações de comunicação, a temática divulgada e os tipos de discurso são os elementos capazes de determinar a que designação se referir.

Alguns aspectos diferenciadores da Terminologia em relação à Lexicologia são irrefutáveis: o caráter mais objetivo e menos informal da Terminologia, uma predominância de substantivos sobre os verbos e os adjetivos, objetivos diferenciados – no caso da Terminologia o de estabelecer formas de referência – um caráter mais prescritivo, e uma tarefa básica, a de nomear e não de definir, tarefa esta da Lexicografia.

Admite-se, modernamente, que três acepções caracterizam o campo de estudo da Terminologia:

- o conjunto de práticas e métodos usados para a coleta, descrição e apresentação de termos;
- o conjunto de princípios necessários à explicação das relações entre os conceitos e termos;
- o vocabulário de um campo de conhecimento especial.

2.3 A SOCIOTERMINOLOGIA

Ao longo dos anos 90 do século XX, um novo rumo orienta os estudos terminológicos, atualizando-os. Sager é um dos primeiros estudiosos a formular hipóteses e reconhecer a existência e uso de variantes léxico-terminológicas, contrapondo-se, assim, à afirmação teórica de univocidade de referência. Como afirma Alves:

[...] o neologismo terminológico deve ser, segundo o ideal de Wüster, denotativo e desprovido de relações sinonímicas ou polissêmicas. No entanto, a prática terminológica tem mostrado que essa posição rígida do pesquisador austríaco e dos seguidores da Escola de Viena não condiz com a realidade. Em uma língua, um mesmo conceito é, em muitos casos, representado por diferentes termos que expressam variações de caráter regional e socioprofissional. Como consequência, o trabalho terminológico tende a tornar-se menos normativo e mais descritivo. A prática terminológica transforma-se, assim, numa socioterminologia, termo que marca a relação que a terminologia estabelece com a sociolinguística [...] (1998a, p. 103).

O primeiro autor a usar a designação de Socioterminologia para essa nova orientação de estudos foi Jean-Claude Boulanger, em artigo datado de 1991 e intitulado “Une lecture socio-culturelle de la terminologia”, em que afirma que a perspectiva socioterminológica “vem atenuar os efeitos prescritivos exagerados de algumas proposições normativas” (1991, p. 25). A Socioterminologia significava então uma abordagem da terminologia para o estudo do uso linguístico.

O autor defende que houve uma evolução natural e cronológica:

[...] da prática isolada e mais frequentemente individual e para fins pessoais (a terminografia) à teorização estruturante e muitas vezes institucionalizada (a terminologia) depois à inserção comunitária tendo objetivos identitários (a socioterminologia). (BOULANGER, 1991, p. 18).¹³

¹³ [...] de la pratique isolée et le plus souvent individuelle et à des fins personnelles (la terminographie) à la théorisation structurante et souvent institutionnalisée (la terminologie) puis à l’insertion communautaire ayant des objectifs identitaires (la socioterminologie). (BOULANGER, 1991, p. 18).

Também Auger defende essa nova orientação socioterminológica, em conferência realizada em 1993, quando afirma que:

[...] uma nova corrente chamada socioterminologia, em reação às escolas hipernormalizadoras desconectadas de situações lingüísticas próprias a cada país; essa corrente busca suas origens no cruzamento da sociologia da linguagem e da harmonização lingüística (AUGER, 1994, p.53).

Como se percebe, há uma confluência de opiniões e insatisfações com os rumos da terminologia, que se centram essencialmente no caráter prescritivo que ela assume e na desconsideração pelos fatos reais da língua. Auger defende então a aceitação da variação lingüística:

Concretamente é na gestão da sinonímia e da polissemia, dois fenômenos considerados tradicionalmente como nocivos aos sistemas terminológicos, que vai manifestar-se a aceitação da variação lingüística. Rebatendo a ideologia das terminologias com conjuntos de termos unívocos e monoreferenciais, esses fenômenos interferentes vêm perturbar as idéias geralmente recebidas sobre o assunto que confirmam geralmente as normas terminológicas dos organismos de normalização. (AUGER, 1994, p. 55).¹⁴

É principalmente François Gaudin (2003) quem vai discutir e propor uma terminologia voltada para o social, inicialmente com tese defendida sobre o assunto, de que resultou o livro “Pour une socioterminologie – des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles”. O autor adota como definição do termo socioterminologia, aquela proposta por Mario Barité, em dicionário eletrônico divulgado no ano 2000:

Socioterminologia. Ramo da terminologia que se ocupa da análise dos termos (surgimento, formação, consolidação e interrelações) considerando-as a partir de uma perspectiva lingüística na interação social. //2. Disciplina eminentemente prática do trabalho terminológico, que se fundamenta na análise das condições sociais e lingüísticas de circulação dos termos. (BARITÉ, 2008).¹⁵

¹⁴ Concrètement c'est dans la gestion de la synonymie et de la polysémie, deux phénomènes considérés traditionnellement comme nuisibles aux systèmes terminologiques, que va se manifester l'acceptation de la variation linguistique. Repoussant l'idéologie des terminologies comme ensembles de termes univoques et monoréférentiels, ces phénomènes interférants viennent perturber les idées généralement recues en la matière que confirment généralement les normes terminologiques des organismes de normalisation. (AUGER, 1994, p. 55).

¹⁵ Socioterminología. Rama de la Terminología que se ocupa del análisis de los términos (surgimiento, formación, consolidación e interrelaciones), considerándolos desde una perspectiva lingüística en la interacción social. //2. disciplina eminentemente práctica del trabajo terminológico, que se fundamenta en el análisis de las condiciones sociales y lingüísticas de circulación de los términos. (BARITÉ, 2000).

Gaudin defende que o mesmo percurso que levou a lingüística estrutural à sociolingüística conduziu a terminologia à socioterminologia, recuperando assim a dimensão social das práticas languageiras e levando em conta o real funcionamento da língua. (cf. GAUDIN, 1993, p. 16).

Gaudin apresenta em sua obra as linhas fundamentais do percurso histórico da terminologia moderna, critica alguns dos postulados mais importantes da terminologia tradicional, apresenta orientações e pistas para uma nova orientação de planejamento socioterminológico, com base na sociolingüística e em disciplinas próximas como a epistemologia comparada, a sociologia das ciências, a análise da interação verbal, a pragmática e a glotopolítica. (cf. AYMERICH, 2002, p. 37)

As reflexões de Gaudin, defendendo o exame do contexto de produção do léxico especializado e um diálogo interdisciplinar entre áreas de conhecimento que tenham parte na constituição da terminologia, encontrou resultados concretos no desenvolvimento da Terminologia no Québec, que tem um objetivo concreto, a preservação do francês.

Gaudin afirma que

[...] a socioterminologia, com o suposto de que deseja ultrapassar os limites de uma “terminologia de escrivão”, deve localizar a gênese dos termos, sua recepção, sua aceitação, mas também as causas do insucesso e as do sucesso, no âmbito das práticas lingüísticas e sociais concretas dos homens que empregam tais termos. Essas práticas são essencialmente aquelas que se exercem nas esferas de atividade. Eis porque a socioterminologia devia reencontrar as reflexões nos laços que se criam entre trabalho e linguagem (1993, p. 216).

Também Alain Rey, no contexto francês se interessou pela terminologia, principalmente nas questões referentes à sinonímia:

Assim, a harmonização das designações, a redução das sinonímias e das ambigüidades designativas, esse aspecto da normalização que eu proponho nomear ortonímia deve não somente levar em conta os fatores habitualmente considerados e as finalidades clássicas (um termo para uma noção, etc.) da terminologia, mas também da natureza dos sistemas concernentes, de sua produção e de seu funcionamento, muito diverso e às vezes oposto (REY, 1983, p. 301 *apud* AYMERICH, 2002, p.43).¹⁶

¹⁶ Ainsi, l'harmonisation des désignations, la réduction des synonymies et des ambiguïtés désignatives, cet aspect de la normalisation que je propose de nommer ortonhymie doit non seulement tenir compte des facteurs habituellement envisagés et des finalités classiques (un terme pour une notion, etc.) de la terminologie, mais aussi de la nature des systèmes concernés, de leur production et de leur fonctionnement, très divers et parfois opposé. (REY, 1983, p. 301 *apud* AYMERICH, 2002, p.43).

Como Alain Rey, Sager tem contribuído para que se delineie “o desenvolvimento de uma teoria da terminologia que efetivamente leve em conta os fatos da linguagem em toda a sua abrangência pragmática” (KRIEGER, 2000, p.224). Para Aymerich, a contribuição mais importante de Sager para o tratamento da variação em terminologia é o fato de distinguir diferentes usos terminológicos e saber dar um espaço diferente à variação, em função do uso. A autora comenta ter sido Sager um dos primeiros autores a defender a observação dos usos terminológicos orais e que reflete sobre as causas da sinonímia planejada como uma estratégia comunicativa. (cf. AYMERICH, 2002, p. 43).

Segundo Faulstich, a abordagem que privilegiava o enfoque descritivo e propunha outros caminhos de estudo dos textos técnico-científicos, justificava-se em razão de fatores como o caráter essencialmente prescritivo da Terminologia e o fato de que a situação de comunicação privilegiada para estudo desconsiderava a situação real. (2008a).

De fato, Cabré assinala que:

A observação do uso real que os profissionais fazem dos termos revela que uma noção pode ser expressa (e de fato quase sempre o é) por várias denominações, que variam em função dos parâmetros dialetais, comunicativos e estilísticos que, em maior ou menor grau que na comunicação geral, rege também a comunicação especializada. Neste sentido, os dicionários especializados pela temática [...] dão mostra também de variação dialetal, se bem que em muitíssimo menor grau que os dicionários gerais. (CABRÉ, 2008a).¹⁷

Cabré recorda que, em 2001, G. Budin faz uma análise comparativa das várias propostas teóricas surgidas como alternativas à Terminologia tradicional, apresentando três grandes grupos que, segundo a autora, não refletem ainda a realidade das tendências dos estudos terminológicos, mas que incluem, além da terminologia computacional e de um paradigma independente, a Socioterminologia. Para Budin, incluem-se nesta proposta teórica as do grupo de Rouen, a terminologia de base e enfoque social escandinava, a socioterminologia cognitiva e alguns aportes individuais (cf. CABRÉ, 2008a).

¹⁷ La observación del uso real que los profesionales hacen de los términos revela que una noción puede ser expresada (y de hecho casi siempre lo es) por varias denominaciones, que varían en función de los parámetros dialectales, comunicativos y estilísticos que, en menor grado que en la comunicación general, rige también la comunicación especializada. En este sentido, los diccionarios especializados por la temática, [...] dan muestra también de variación dialectal, si bien en muchísimo menor grado que los diccionarios generales. (CABRÉ, 2005).¹⁷

Essa nova orientação, que leva em conta a diversidade da língua, é defendida pela própria autora, que propôs, no entanto, uma outra teoria, a Teoria Comunicativa da Terminologia – TCT.

Segundo Faulstich, a socioterminologia adquiriu fundamentos teóricos, o que lhe possibilita reivindicar a posição de disciplina e não apenas de método de pesquisa, apresentando duas abordagens: como prática do trabalho terminológico, quando deve levar em conta as condições de circulação dos termos no funcionamento da linguagem; e como disciplina descritiva, em que o termo é considerado sob a perspectiva lingüística da interação social (cf. FAULSTICH, 1995a).

A Socioterminologia, assim, ocupa-se “da *variação terminológica* tendo como princípio de sua pesquisa o registro e análise de *variantes terminológicas*, levando em consideração os contextos social, situacional, espacial e lingüístico em que os termos circulam” (VASCONCELOS, 2003, p. 144).

Segundo Faulstich:

Socioterminologia é a disciplina que se ocupa da identificação e da categorização das variantes lingüísticas dos termos, em diferentes tipos de situação de uso da língua [...] é preciso levar em conta critérios básicos de variação terminológica no meio social, bem como critérios etnográficos porque as comunicações entre membros da comunidade em estudo podem gerar termos diferentes para um mesmo conceito ou mais de um conceito para um mesmo termo (1995a).

Faulstich defende que a teoria da variação em terminologia deve levar em consideração os diferentes valores que pode assumir um termo, segundo a função e o contexto em que ele se encontra, e apresenta os seguintes postulados relativos à variação em terminologia:

a) dissociação entre estrutura terminológica e homogeneidade, univocidade e monoreferencialidade, e associação da noção de heterogeneidade ordenada à estrutura terminológica; b) abandono do isomorfismo categórico entre termo-conceito-significado; c) aceitação do fato que, uma vez que a terminologia é um fato de língua, ela contém elementos que variam; d) aceitação do fato que a terminologia varia e que essa variação pode indicar uma mudança em curso; e) análise da terminologia em co-textos lingüísticos

e em contextos discursivos da língua escrita e da língua oral. (1998/1999, p. 93-103).¹⁸

Faulstich propõe uma classificação das variantes em dois grandes grupos, conforme o processo de variação tenha razões eminentemente lingüísticas ou decorram do ambiente em que ocorrem, apresentando exemplos. Essas variantes podem ser:

VARIANTES LINGÜÍSTICAS, que podem ser: 1. Variante terminológica morfossintática – “apresenta alternância de estrutura de ordem morfológica e sintática na constituição do termo [...] como em *lombo d’acém* e *lombinho do acém*”; 2. Variante terminológica lexical – “a forma do item lexical sofre comutação, mas o conceito do termo se mantém intato [...] como *pressão seletiva* e *pressão de seleção*”; 3. Variante terminológica gráfica – “se apresenta sob a forma gráfica diversificada de acordo com as convenções da língua [...] como *pólen* e *polem*”.

VARIANTES DE REGISTRO 1. Variante terminológica geográfica que, como o nome indica, “ocorre no plano horizontal de diferentes regiões em que se fala a mesma língua”, tendo como exemplos *caxumba* e *papeira*; 2. Variante terminológica de discurso, “que decorre da sintonia que se estabelece entre elaborador e usuários de textos mais formais ou menos formais”, como em *parotidite epidêmica* para *papeira*; 3. Variante terminológica temporal, “em que duas formas (X e Y) concorrem durante um tempo, até que uma se fixe como forma preferida” como em *gameta masculino* substituindo *macrogameta* (cf. FAULSTICH, 2008d).

Em 1998, em conferência magistral proferida em Havana, Faulstich comenta que a socioterminologia tem dois percursos temporais possíveis para a análise dos termos no discurso: sincronia e diacronia. Apresenta uma proposta ampliada de variantes lingüísticas, admitindo o cruzamento entre elas. Nessa proposta a autora divide a variante morfossintática em variante morfológica, como em *porrada* e *porreta*, ambos originados de comidas com alhos porros; e variante sintática, que se caracteriza pela alternância de construções sintagmáticas, como em *agua de frol co almísquer* e *agua de cheiro almislada*, do português arcaico da culinária, sempre em exemplos retirados do texto. Faulstich acrescenta ainda a variante terminológica fonológica, como em *agoa de frol* e *água de flor*.

¹⁸ a) dissociation entre structure terminologique et homogénéité, univocité ou monoréférentialité, et association de la notion d’hétérogénéité ordonnée à la structure terminologique; b) abandon de l’isomorphisme catégorique entre terme-concept-signifié; c) acceptation du fait que, puisque la terminologie est un fait de langue, elle contient des éléments qui varient; d) acceptation du fait que la terminologie varie et que cette variation peut indiquer un changement en cours; analyse de la terminologie dans les co-textes linguistiques et en contextes discursifs de la langue écrite et de la langue orale.

Todas essas categorias de variantes incluem-se no grande grupo que a autora denomina de variantes concorrentes. Propõe ainda duas outras categorias, a das variantes co-ocorrentes, em que se inserem os sinônimos e as variantes competitivas, que compreendem os empréstimos, termos híbridos, decalcados ou estrangeirismos.

A autora acrescenta “A socioterminologia é a disciplina que abriga o movimento do termo nas linguagens de especialidade” (FAULSTICH, 2008b), movimento este que a autora já afirmara ser gradual, no tempo e no espaço, e que justifica a variação.

É ainda a mesma autora que defende que a Socioterminologia tem como tarefa sistematizar essa variantes, adotando a abordagem do funcionalismo lingüístico “que orienta a interpretação dos fenômenos lingüísticos para si próprios”, considerando os três planos em que se manifesta a diversidade de uma língua:

i) toda língua é historicamente diversificada e, dada a mudança lingüística, um estado de língua no tempo 1 é diferente de um estado de língua no tempo 2. ii) toda língua é socialmente diversificada tanto pela origem geográfica quanto pela origem social dos locutores. iii) toda língua é estilisticamente diversificada; os locutores vão modificando sua maneira de falar de acordo com as situações sociais em que se encontram (VERMES; BOULET *apud* FAULSTICH, 2008a, p.5)

O desenvolvimento da socioterminologia minimiza o relativo afastamento em relação à lingüística, como afirma Gambier:

/.../ terminologia não mais trabalhando a priori sobre termos-etiquetas, objetos para “pregar com alfinete”, mas fundamentada na emergência e na circulação das noções e suas transformações incessantes, no coração do real contraditório, das atividades concretas, aceitando o retorno da lingüística – a da variação (sociolingüística, pragmalingüística) –, procurando dar conta das diferenças entre as práticas das ciências (exatas e sociais), a das técnicas, a das indústrias /.../. (1991, p. 51).¹⁹

Faulstich apresenta como auxiliares da pesquisa socioterminológica os princípios da sociolingüística, dos quais destaca os critérios de variação e de perspectiva de mudança, e os princípios da etnografia, principalmente no que se refere à capacidade de gerar “conceitos

¹⁹ */.../ terminologie non plus d’a priori travaillant sur des termes-étiquettes, des ‘objets à épingle’ mais fondée sur l’émergence et la circulation des notions et leurs transformations incessantes, au coeur du réel contradictoire, des activités concrètes, acceptant le retour de la linguistique – celle de la variation (sociolinguistique, pragmalinguistique) –, cherchant à rendre compte des différences entre les pratiques des sciences (exactes et sociales), celle des techniques, celles des industries /.../. (GAMBIER, 1993, p. 51).*

interacionais de um mesmo termo ou de gerar termos diferentes para um mesmo conceito” (1995a).

A mesma autora defende, como tarefas do pesquisador variacionista aquelas propostas por Scherre (1996),²⁰ deixando clara, no entanto, a diferença entre sociolingüística e socioterminologia. Desse modo, segundo Faulstich, são tarefas da socioterminologia:

entre outras, identificar os fenômenos lingüísticos variáveis de uma dada língua, inventariar suas variantes, levantar hipóteses que dêem conta das tendências sistemáticas da variação lingüística [...], identificar, levantar e codificar os dados relevantes [...] socioterminologia não é sociolingüística. A primeira se ocupa da variação social que o termo sofre nos diversos níveis e planos hierárquicos do discurso científico e técnico. A sociolingüística, por sua vez, trata da variação social por que passa a língua geral, no decorrer de sua sincronia, em vista da mudança que poderá vir a ocorrer. (2008b)

Além disso, estabelece como posturas para validação do trabalho socioterminológico: identificar o usuário da terminologia a ser descrita; adotar atitude descritiva; consultar especialista da área; delimitar o *corpus*; selecionar documentação bibliográfica pertinente; precisar as condições de produção e de recepção do texto científico e técnico; conceder, na análise do funcionamento dos termos, estatuto principal à sintaxe e à semântica; registrar o termo e a(s) variante(s) do termo e redigir repertórios terminológicos. (cf. FAULSTICH, 1995a).

Para Borbujo, a Socioterminologia é parte de uma lingüística crítica, que deve receber os aportes da Sociologia, da Sociolingüística, da Semântica Cognitiva, da Etnografia da Palavra, da Lexicometria, da Editologia e da Semiótica Narrativa, para cumprir seus objetivos que o autor resume em funções e atribuições, como a criativa, a cognitiva, a heurística, a comunicativa, a lingüística e a sócio-histórica. (cf. BORBUJO, 2001).

Faulstich conclui artigo em que defende o status de disciplina para a Socioterminologia, dizendo:

A socioterminologia focaliza o dado terminológico de maneira contrária à postura normativizadora da terminologia da década de 30. Nenhuma língua é um bloco homogêneo e uniforme, mas um sistema plural, constituído de normas que evidenciam os usos reais em variação. Nesse contexto,

²⁰ Obra citada: SILVA, Giselle M. de O.; SCHERRE, Maria Marta P. (Orgs.). **Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, UFRJ, 1996.

instauram-se, também, os estudos da terminologia contemporânea (1995a, p. 287).

Em síntese, o que se pretende, em Socioterminologia, é levar em conta os diversificados discursos especializados, neles incluídos os contextos orais, admitindo as variações dos termos e que essas variações devem estar incluídas na elaboração de produtos terminográficos.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA E DA ELABORAÇÃO DO GLOSSÁRIO

3.1 O UNIVERSO DA PESQUISA

Para a realização da pesquisa foi necessário estabelecer a delimitação do objeto de estudo, levando em conta as peculiaridades da festa, sua abrangência geográfica e temporal e as fontes de pesquisa. A festa do Divino, em que pese sua natural associação com o Domingo de Pentecostes, é realizada, no Maranhão, em todo o Estado e durante o ano inteiro, apenas com uma concentração maior no período que vai da Quarta-Feira de Ascensão ao Domingo de Pentecostes. Em 2005, o cadastro do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho registrou 150 festas em 23 municípios do Maranhão, 66 na capital, conforme foi divulgado no material publicitário do Projeto de Apoio do Governo do Estado do Maranhão, DIVINO MARANHÃO.

Considerando a impossibilidade, dado o extenso calendário da festa, de observar um número representativo de festas, optou-se por realizar o levantamento dos termos a partir de obras publicadas sobre o assunto e ainda de restringir a pesquisa aos municípios de São Luís e Alcântara que, apesar da proximidade geográfica, apresentam orientações diferentes: em Alcântara, a festa é essencialmente ligada à Igreja Católica, enquanto que em São Luís é predominantemente realizada por terreiros. O número reduzido de estudos específicos sobre o assunto determinou a escolha de obras de cunho etnográfico. Vale ressaltar que dois dos livros selecionados, além da descrição da festa feita por estudiosos, compreendem a transcrição de depoimentos de caixeiras e de cânticos rituais da festa do Divino, o que faz com que o *corpus* da pesquisa seja composto por registros da língua escrita e da língua oral.

Para a seleção dos termos levou-se em conta a proposta de FAULSTICH que elenca princípios para classificação de variantes de registro, quais sejam:

- a) os termos são recolhidos no discurso real da linguagem de especialidade;
- b) os termos pertencem à variedade socioprofissional;
- c) os termos são recolhidos de textos, de procedência diversificada, que tratam do mesmo assunto;
- d) os termos são recolhidos de discursos com maior ou menor grau de formalização, que tratam do mesmo assunto;
- e) os termos são recolhidos de textos redigidos em épocas diferentes, que tratam do mesmo assunto;

f) os usos escrito e oral são levados em conta (2008b, p. 8).

Inicialmente foi feito um levantamento das palavras e expressões usadas para descrever as diferentes etapas, participantes, símbolos, cânticos e outros elementos importantes da festa.

Foi realizada então uma seleção das palavras e expressões que efetivamente assumem um significado específico para o ritual da festa, ou seja, os termos da festa, que constituíram o universo da pesquisa e que são o objeto da descrição proposta neste glossário. Levou-se em conta que determinados objetos do ritual – como a espada, o almofadão, a faixa ou fita, o manto ou capote, entre outros – embora não tenham uma descrição diferente daquela que lhe é atribuída no léxico geral da língua, têm um significado diferente, em razão do valor simbólico de que se revestem. É o que comenta, comparando o ritual das festas nos Açores e no Maranhão, Lima: “Nosso imperador, além de coroa e cetro, ostenta regularmente farda e espada, faixa e manto o que lhe confere foros de real autoridade” (2002c, p.16).

Como diz Maria Michol de Carvalho, em texto registrado no verso de material de propaganda do Projeto de Governo de Apoio à Festa, intitulado Divino Maranhão, em 2007:

Na ritualística da Festa, os organizadores e participantes constituem um “Império divino para o DIVINO”, onde a força do sagrado opera uma série de transformações: faz de uma coroa e pomba, a Santa Croa, símbolo da presença divina; faz de crianças e adolescentes, Imperadores / Imperatrizes / Mordomos, com poderes reais; faz de mulheres que tocam, dançam e cantam – as caixeiras – suas sacerdotisas; faz de homens que orientam o ritual – os mestres salas – os guardiães do seu saber; faz do espaço comum de uma sala, o espaço real da sua tribuna; faz de um tronco de árvore o seu mastro votivo, sinal externo de seu território festivo... (CARVALHO, 2007).

Optou-se assim por incluir esses termos com valor simbólico no glossário, ressaltando as razões de sua inclusão.

Estes termos foram organizados em ordem alfabética desconsiderando-se assim a organização por campos, que foram, no entanto, mencionados nos verbetes finais.

3.1.1 Fontes de pesquisa

Para a obtenção do *corpus* da pesquisa foram consultadas as seguintes obras, mencionadas e identificadas nos verbetes:

Querebentan de Zomadonu: etnografia da Casa das Minas, de Sérgio Figueiredo Ferretti – tese de doutoramento do autor, a obra faz um estudo etnográfico da casa das Minas, o mais

antigo e tradicional terreiro de mina de São Luís e, no capítulo III – Os rituais da Casa das Minas – apresenta, nas páginas 161 a 175, a descrição da Festa do Divino Espírito Santo realizada por essa casa de culto.

Repensando o sincretismo, de Sérgio Figueiredo Ferretti – obra que se propõe repensar o fenômeno do sincretismo religioso afro-brasileiro, aplicando os estudos ao caso específico da Casa das Minas, dedica o capítulo dez, das páginas 167 a 187, à descrição da Festa do Divino Espírito Santo, bem como a comentários sobre o ritual.

Um as mulheres que dão no couro, de Marise Barbosa – trabalho realizado como dissertação de mestrado da autora, descreve as festas realizadas em vários lugares do Estado do Maranhão, com enfoque especial sobre o papel das mulheres e principalmente das caixeiras no ritual da festa. A obra registra e transcreve depoimentos das caixeiras e os cânticos do ritual da festa. Vem acompanhada por um CD, com esses registros.

Caixeiras do Divino Espírito Santo de São Luís do Maranhão de Gustavo Pacheco, Cláudia Gouveia e Maria Clara Abreu – obra nascida do desejo de registrar e divulgar uma das “mais antigas, difundidas e importantes tradições populares do Maranhão”, conta com dois CDs, faz a descrição da festa e registra comentários das caixeiras e um grande número de cânticos, transcritos no livro.

Folclore brasileiro: Maranhão – Publicação do Ministério da Educação e Cultura, realizada em 1972, como resultado de uma Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, é de autoria de Domingos Vieira Filho, pesquisador e folclorista maranhense, que descreve a Festa do Divino Espírito Santo e registra trechos de cânticos, no item Outras Manifestações, da página 47 à página 49.

A Festa do Divino Espírito Santo – também de Domingos Vieira Filho, datado de 1954, e publicado como separata da Revista da Academia Maranhense de Letras, volume IX, descreve uma festa realizada em 1948, na casa de D. Elsa Sousa, na Vila Passos, em São Luís.

A Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (Maranhão) – de Carlos de Lima, publicado em 1972 por iniciativa do Ministério da Cultura, descreve uma Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara. A obra conta com prefácio de Luís da Câmara Cascudo, que elucida aspectos da origem da festa e de seu valor simbólico.

As esposas do Divino: poder e prestígio feminino nas festas do Divino Espírito Santo em terreiros de tambor de mina em São Luís do Maranhão, de Cláudia Rejane Martins Gouveia, dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal de Pernambuco, em 2001, trata do papel das mulheres para o festejo, descrevendo-o e registrando depoimentos e cânticos.

Memórias de Velhos – vol. I, IV – iniciativa do Governo do Estado, intitula-se “uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense” e configura-se como uma série de coletâneas de depoimentos de idosos, ilustres por seu conhecimento e sua contribuição à cultura popular. No volume I está registrado o depoimento de D. Celeste Santos, responsável atual pela festa do Divino Espírito Santo na Casa das Minas. D. Celeste participa da festa desde os dez anos de idade, começou como festeira em 1958 e realiza a festa desde 1970; no volume IV estão os depoimentos de alcantarenses, como Ricardo Leitão, mestre-sala da Festa do Divino e artesão, Diógenes Alberto Lemos Ribeiro, santeiro e decorador do Altar das Festas do Divino e Heidimar Guimarães Marques, descendente de família da nobreza alcantarense e que foi Imperador da Festa do Divino;

Considerou-se fundamental a consulta a obras que registram os cânticos e os depoimentos de caixeiras e participantes da festa, dessa forma foi possível conhecer duas visões da festa: a dos estudiosos de folclore e de terreiros de São Luís, o discurso acadêmico, que se pretende imparcial, e a dos devotos e dos que fazem e vivem a festa. Contou-se ainda com os registros dos cânticos, em CD, que acompanham os livros **Um as mulheres que dão no couro**, de Marise Barbosa, e **Caixeiras do Divino Espírito Santo de São Luís do Maranhão**, de Gustavo Pacheco, Cláudia Gouveia e Maria Clara Abreu, e ainda com os DVDs:

- Divino de Alcântara, de Murilo Santos;
- Em nome do Divino – Brasil, de Carlos Brandão Lucas;
- Em nome do Espírito Santo, de Carlos Brandão Lucas.

Utilizou-se também o material iconográfico de propaganda da festa, calendários, convites, abanos, cartazes que, mencionando as datas de realização das diferentes etapas do ritual da festa, utilizam termos referentes às atividades características e a seus participantes, oferecendo, assim, a oportunidade de confirmação do emprego desses termos.

Apesar de se ter optado por uma pesquisa documental, procurou-se visitar, registrar em fotos e conversar com festeiros, mestres-salas e caixeiras, personagens da festa, em geral, os maiores conhecedores do seu ritual. Buscou-se assim confirmar a atualidade dos termos selecionados e seu emprego no decorrer da festa, o que facilitou dirimir dúvidas.

Observou-se a festa nos seguintes lugares:

- Terreiro de Iemanjá (Anexo A)
- Terreiro das Portas Verdes
- Terreiro Ilê d’Axé de Lufã (Anexo B)
- Irmandade do Espírito Santo em Paço do Lumiar (Anexo C)

A festa de Alcântara (Anexos D e E) já tinha sido objeto de acompanhamento para elaboração de um estudo comparativo de termos utilizados nas festas do Maranhão e na dos Açores. Também a festa do Divino da Casa das Minas foi observada em anos anteriores.

Além disso, foram ouvidos festeiros, mestres-salas e caixeiras das festas do Terreiro de Iemanjá, da Casa das Minas, da Casa de Nagô, do Terreiro da Fé em Deus, do Terreiro das Portas Verdes, da Irmandade do Espírito Santo em Paço do Lumiar. Esses participantes em geral não restringem sua atuação a uma única festa, o que os torna profundos conhecedores do ritual.

Some-se a isso, a oportunidade de participação no *III Congresso Internacional sobre as festas do Divino Espírito Santo*, (Anexo F) o que possibilitou conhecer algumas das festas dos Açores, na Ilha Terceira: a da freguesia do Raminho e a da freguesia de São Sebastião.

A observação dessas festas foi fundamental para a seleção dos termos que são utilizados no decorrer da festa, distinguindo-os do léxico geral da língua.

3.2 A ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO

3.2.1 A macroestrutura

A elaboração de um glossário exige que se tome uma posição sobre qual a perspectiva que se vai adotar, já que as definições propostas nem sempre são consensuais em todos os seus detalhes. Para ilustrar estas considerações, observe-se a diferença de enfoque das definições que Matos (1990) apresenta, a primeira elaborada pelo lingüista David Crystal “glossário - uma lista, em ordem alfabética, de termos usados num campo especializado” e a outra proposta por um terminólogo, Sager: “Glossário - Um glossário é uma lista de termos com explicações e/ou definições”.

Para a elaboração deste glossário, em uma abordagem socioterminológica, optou-se por seguir as orientações de Faulstich (2008c), para quem o glossário é um “ inventário terminológico, de caráter seletivo que tem como finalidade registrar e definir termos de domínios científicos, técnicos ou culturais, independentemente do suporte material em que se apresenta”.

Para a autora, quanto à macroestrutura, ou seja, a organização das entradas, o glossário pode ser organizado com verbetes ordenados:

- em ordem alfabética, podendo ser organizados por áreas ou apresentados em uma única área, forma mais freqüente;
- por campo lexical e ordem alfabética dentro de cada campo;
- de acordo com hiperônimos, hipônimos e sinônimos, modelo inédito.

Conforme a organização ou estrutura, um glossário pode ser classificado em dois tipos: alfabéticos, quando os termos são organizados em ordem alfabética, ou semânticos, quando a organização alfabética acontece em cada um dos campos semânticos definidos e compostos pelos termos

Para este glossário, as palavras foram inicialmente organizadas em campos, no entanto, a seleção e separação dos termos da festa revelaram áreas improdutivas do ponto de vista terminológico, razão pela qual se optou por desconsiderar essa organização. O conteúdo dos verbetes organiza-se de acordo com paradigmas, dos quais os mais freqüentes são, segundo a autora:

paradigma definicional, paradigma morfológico, paradigma gramatical, paradigma de sinonímia, paradigma etimológico, paradigma de pronúncia, paradigma de ilustração, paradigma de abonação, paradigma explicativo, paradigma referencial, paradigma associativo. Cada verbete poderá vir acompanhado de alguns desses paradigmas de acordo com o critério e a necessidade. A ordem de apresentação dos paradigmas também varia conforme a obra. (FAULSTICH, 2008c).

De acordo com o tipo de informação sobre os verbetes, as obras terminológicas podem apresentar-se como listas de termos, em que estes são apenas arrolados em ordem alfabética, como se fez inicialmente neste trabalho, para organizar todas as palavras encontradas que eram utilizadas no decorrer da festa. Pode ainda apresentar-se na forma de glossários simples, quando são fornecidas poucas informações sobre os termos, considerando-se fundamentais os aspectos quantitativos e qualitativos dos paradigmas; glossários completos são os que apresentam o maior número possível de paradigmas.

3.2.2 A microestrutura

A microestrutura do glossário constitui-se pelos campos elaborados com base nos paradigmas selecionados, daqueles já referidos. Para este glossário foram estabelecidos dez campos, distribuídos de forma a atender essencialmente os paradigmas informacional, que fornece dados sobre a categoria do termo (substantivo, adjetivo, verbo, sintagma), definicional (significado do termo naquela língua de especialidade), pragmático (contexto de uso do termo, apresentado sob a forma de abonações e/ou ilustrações), lexical (remissivas).

Para a definição e composição dos campos, seguiu-se as orientações de Alves (1998a), Farias (2003; 2006) e Faulstich (2008c).

A fórmula para descrição do verbete apresenta a seguinte configuração:

Termo-entrada + referências gramaticais ± variantes ± dicionarização (+acepções) + campo conceitual + definição final + contexto (+ fonte) ± ilustrações ± remissivas ± notas.

Nos verbetes as referências gramaticais aparecem sob a forma de abreviaturas e as variantes aparecem registradas imediatamente após o termo-entrada, em recuo.

As siglas referentes aos dicionários estão entre parênteses, após a indicação do tipo de dicionarização.

O campo conceitual aparece no verbete após a abreviatura *c.c.*

Na definição final buscou-se conservar, sempre que possível, a mesma estrutura sintática, com termos definidos por itens da mesma classe gramatical e evitando a circularidade.

Nos textos utilizados para o contexto, apresentados em itálico nos verbetes, algumas convenções devem ser observadas:

[...] indica que parte do texto, irrelevante para a proposta de contextualização, foi excluída nessa parte;

/ indica a separação entre versos;

// // indica que houve um acréscimo ao texto, para fins de clareza da informação;

< > envolve o termo, para melhor identificação e visualização.

Foram acrescentadas ilustrações (fotos) para contribuir para uma melhor compreensão do termo, sempre que necessário.

As remissivas estão indicadas nos verbetes por VER, seguido do termo a que se está remetendo;

Organizou-se, para melhor acompanhamento, uma lista de abreviaturas para leitura do verbete.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

s. – substantivo

v. – verbo

sin. nom. – sintagma nominal

sin. verb. – sintagma verbal

m. – masculino

f. – feminino

sing. – singular

pl. – plural

TND – termo não dicionarizado

TDAE – termo dicionarizado com acepção equivalente

TDAD – termo dicionarizado com acepção diferente

TDAC – termo dicionarizado com acepção complementar

NDA – Novo Dicionário Aurélio

DHLP – Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

ALPM – A linguagem popular do Maranhão de Domingos Vieira Filho

DLP – Dicionário da Língua Portuguesa

Fig. – figura

c.c. – campo conceitual

Da mesma forma, organizou-se um quadro das obras utilizadas para os conceitos, as definições e os contextos. Estas obras encontram-se mencionadas nos verbetes, onde aparecem representadas por siglas constituídas pelas iniciais dos nomes dos autores, seguidas do número da página, em algarismos arábicos. Quando mais de uma obra do mesmo autor for mencionada estabeleceu-se uma numeração, que leva em conta a ordem de publicação da obra. No caso da Coleção Memória de Velhos, publicação da Comissão Maranhense de Folclore, além dessa numeração colocou-se o número do volume da coleção, em algarismos romanos, seguido do número da página, em algarismos arábicos.

CATÁLOGO DE SIGLAS DE DOCUMENTOS DO *CORPUS*

NOME DO AUTOR	NOME DA OBRA	SIGLA
FERRETTI, Sérgio Figueiredo	Querebentan de Zomadonu: etnografia da Casa das Minas	SFF1
FERRETTI, Sérgio Figueiredo	Repensando o sincretismo	SFF2
BARBOSA, Marise	Um as mulheres que dão no couro	MB
PACHECO, Gustavo;	Caixeiros do Divino	PGA

GOUVEIA, Cláudia; ABREU, Maria Clara	Espírito Santo de São Luís do Maranhão	
VIEIRA FILHO, Domingos	Folclore do Maranhão	DVF1
VIEIRA FILHO, Domingos	A Festa do Divino Espírito Santo	DVF2
LIMA, Carlos de	Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (Maranhão).	CL
GOUVEIA, Cláudia Rejane Martins	As esposas do Divino	CMG
MARANHÃO (Estado). Secretaria de estado da cultura. Comissão Maranhense de Folclore	Memórias de Velhos – vol. I, IV	CMF

O glossário dos termos da Festa do Divino Espírito Santo está constituído por 159 termos, na sua maioria substantivos ou sintagmas nominais.

3.2.3 A ficha terminológica

Um material importante para a elaboração de glossários é a ficha terminológica, (Apêndices A a D) constituída pelo número de campos necessários aos objetivos do glossário, essencialmente compreendendo informações de natureza **documental, terminológica e lingüística**. Segundo Faulstich (2008c), “Grosso modo, a ficha terminológica pode ser comparada à certidão de nascimento do termo”. A autora acrescenta que:

A elaboração de uma ficha requer do pesquisador um comportamento sistemático e normativo que leva em conta primeiramente a ética lexicográfica, em seguida a verdade terminográfica, tudo isso em função do texto final —o discurso produzido— a ser consultado pela comunidade social para quem o mesmo se dirige (FAULSTICH, 2008c).

São os seguintes os campos que compõem a ficha terminológica elaborada para este glossário:

1. Termo-entrada – neste campo estão as unidades terminológicas selecionadas, em forma lematizada, isto é, substantivos ou adjetivos no masculino singular e verbos no infinitivo. Manteve-se a forma do feminino ou do plural em casos em que esta é a forma utilizada, para evitar alterações de sentido. Foram encontrados termos simples, como *alvorada* e termos formados por derivação, como *alvoradinha*; por composição como *mordomo-régio* e composição sintagmática, como *alvorada dobrada* e *bendito de hortelã*. Há predominância relevante de substantivos e sintagmas nominais.

2. Referências gramaticais – neste campo estão as informações sobre a classe gramatical a que pertence o termo e o seu gênero, quando se trata de substantivos. A informação sobre número ocorreu raramente, apenas quando o uso da forma plural não seguiu o padrão usual.

3. Variantes – este campo contém o registro dos termos variantes encontrados nas obras pesquisadas, seguindo-se as orientações de Faulstich (2008b), para quem variantes gráficas, morfossintáticas, lexicais, geográficas incluem-se no grande grupo que a autora denomina de variantes concorrentes. A autora considera ainda variantes os sinônimos, na categoria de variantes co-ocorrentes, e os empréstimos, termos híbridos, decalcados ou estrangeirismos como variantes competitivas. Assim, neste campo, podem estar registradas as variantes do termo, desde as que apresentam leves variações gráficas até aquelas consideradas por Faulstich como sinônimos, sem relação gráfica com o termo.

4. Indicação de dicionarização ou não dicionarização e suas acepções dicionarizadas – neste campo, indicamos o registro em dicionários e as acepções que o termo apresenta nesses dicionários, que aparecem nos verbetes, por meio de siglas, traduzidas no quadro de abreviaturas e siglas que se apresenta neste trabalho. A escolha dos dicionários atendeu aos critérios de abrangência e popularidade, para o caso do **Novo Dicionário Aurélio** e do **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**; considerando-se a origem da festa, selecionou-se um dicionário sobre o português europeu, **O Dicionário da Língua Portuguesa 2008**, da Porto Editora, que permitiu esclarecimentos que produziram notas enciclopédicas; além disso, diante da inexistência de obras de cunho lingüístico sobre o assunto, decidiu-se consultar a obra de Domingos Vieira Filho, **A linguagem popular do Maranhão**.

5. Campo conceitual – a organização final do glossário em ordem alfabética tornou importante incluir os campos conceituais em que estão incluídos os termos. Da ficha constam os seguintes campos: ciclo da festa, personagens, símbolos e insígnias, cânticos e outros.

6. Conceitos e fontes – neste campo registrou-se o(s) conceito(s) encontrado(s) nas obras pesquisadas, priorizando-se sempre aqueles produzidos pelos participantes das festas e

indicando-se as fontes. Só se registrou mais de um conceito quando ocorreram casos de polissemia, no âmbito da festa. Os conceitos registrados nas fichas terminológicas foram utilizados para a redação da definição final.

7. Definição final – a definição final foi elaborada, sempre que possível, com base em contexto, havendo, no entanto, a preocupação com a clareza do texto final, o que pôde determinar alterações ao texto original. Levou-se em conta o que diz Finatto (2008) a esse respeito: “definir um termo é um ‘comportamento lingüístico-textual’ específico...”. A autora apresenta os paradigmas propostos:

Como bem indica Gianni (1993:51 ss.), a ISO (International Organization of Standardization), documento 1087 de 1968, estabelece basicamente dois tipos de processos deficionais terminográficos:

- a. definição por compreensão - corresponde à definição clássica do gênero próximo e diferença específica;
- b. definição por extensão - pode corresponder a uma enumeração dos constituintes de um termo genérico, ou, então, fornece uma regra para a determinação da extensão de uma noção.

Além desses dois tipos, são também indicados por Gianni:

- c. definição contextual - é aquela que reproduz o contexto ou contextos em que o termo ocorre;
- d. definição enciclopédica - está orientada para a descrição exaustiva da coisa nomeada. A informação predominante refere-se a um recorte da realidade extralingüística.

Observe-se que estas diferentes metodologias de definição podem coocorrer. Por outro lado, é importante salientar que, mesmo a definição terminológica entendida como conjunto proposicional predicativo, também pode incluir metodologias de ocorrência simultânea (FINATTO, 2008).

8. Contexto e fonte – neste glossário, optou-se por apresentar um ou mais fragmentos de texto em que aparece o termo em estudo, priorizando trechos de cânticos. Sempre que possível, acrescentou-se ilustrações, em fotos, indicadas, logo após o texto de abonação, com a abreviatura Fig., e a numeração correspondente às fotos. Seguiu-se, para o contexto, as orientações de Faulstich (2008c): “o terminógrafo deve copiar as frases dos documentos onde o próprio termo aparece, para, assim, fundamentar a verdade textual”.

Buscou-se privilegiar, na seleção dos contextos, aqueles mais informativos, em geral os definitórios e explicativos, bem como levar em conta as sugestões de Pontes:

- ser conciso, contanto que seja completo;
- apresentar a unidade terminológica investigada;
- ser extraído de uma fonte confiável;
- ilustrar o comportamento do termo no contexto;
- ser definitório, explicativo ou associativo (1996, p. 48 *apud* FARIAS, 2003, p. 22).

Este último item deve ser entendido, tal como se apresenta em Farias:

Os contextos de ocorrência dos termos, segundo Aubert (1996, p. 66-67), podem ser identificados como:

Contexto associativo – que apresenta o termo como pertencente ao tema pesquisado, sem indicação de traços conceptuais específicos;

Contexto explicativo – que apresenta alguns traços conceptuais específicos do termo investigado e referem-se, principalmente, ao material, ao funcionamento e à finalidade;

Contexto definitório – que apresenta um conjunto de traços conceptuais que distingue o termo dos demais participantes do mesmo domínio (FARIAS, 2003, p. 21).

9. Remissivas - as remissivas relacionam os termos que constituem os glossários. Tais relações podem ser ou de natureza inclusiva, como a hiperonímia e a hiponímia, ou equivalente, como a sinonímia, ou associativa, como o conceito conexo. Os termos remissivos podem também estar incluídos na definição de outros termos.

10. Notas – para este campo foram previstas duas possibilidades: notas lingüísticas e/ou enciclopédicas; as primeiras para registrar dados etimológicos ou particularidades lingüísticas que contribuam para a descrição do termo e as segundas, dados complementares ou curiosidades sobre o termo.

11. Datas de registro e última atualização – para registro e acompanhamento da coleta de informações.

4 GLOSSÁRIO

Tudo que se faz com prazer o santo ajuda
D. Maria do Terreiro das Portas Verdes

ABERTURA DA TRIBUNA *sin. nom. f. sing.*

TND – c.c.: ciclo da festa.

Ritual inicial da festa que consiste em instalar os símbolos no salão decorado, ao toque das caixas. “[...] <a abertura da tribuna> nós botamos tudo que estava guardado: as bandeirinhas, bandeira, a coroa e ficamos tocando as caixa [...]” (Dona Celeste - CMF, I, 119). VER **TRIBUNA**.

AIA *s. f. sing.*

TDAE (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: personagens.

Adolescente do sexo feminino, membro do séquito da Imperatriz. “[...] (para a Imperatriz são 2 <aiais> e 1 vassalo) [...]” - CL, 27.

ALMOÇO DOS IMPÉRIOS *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: ciclo da festa.

Almoço oferecido, pela casa que festeja o Divino, ao império das crianças e depois a todos os presentes. “Novamente em São Luís, na Casa Fanti Ashanti, gravamos o <Almoço dos Impérios> e o Passamento das Posses”. MB, 15.

ALMOFADÃO *s. m. sing.*

TDAE (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: insígnias.

Almofada grande, que faz parte das Posses Reais, isto é, faz parte do conjunto de objetos que simbolizam o poder imperial. “*Meu Divino Espírito Santo/ Vossa tribuna vai fechar/ Entregue o <almofadão>/ Tapete e vela e castiçal*” MB, 174. Fig. 1. VER **POSSES REAIS**.



Fig. 1 – Almofadão Fonte: Autora

NOTA ENCICLOPÉDICA: “Tapete, vela e castiçal”, embora neste cântico sejam apresentados como parte das Posses Reais, são objetos apenas eventualmente presentes, não mencionados em outros cânticos, não lhes sendo atribuído valor simbólico.

ALTAR *s. m. sing.*

TDAD (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: símbolos.

Armação em degraus, revestida de tecido e decorada com flores, colocada na parte central do salão principal, para expor as insígnias. “*Já chegou Espírito Santo/ Que viemos festejar/ Perante suas caixeiros/ Ele pousou no <altar>*” PGA, 20. Fig. 2.



Fig. 2 – Altar

Fonte: Projeto ALiMA

ALVORADA *s. f. sing.*

TDAD (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: cânticos.

1. Momento do ritual, que se repete por vários dias, às seis horas, ao meio-dia, às 18 horas.
 2. Toque de caixa que acompanha o ritual da alvorada.
- “<Alvorada> nova, novas alvoradas/ De manhã bem cedo, sobre a madrugada/ Alecrim cheiroso, angerca dobrada/ Ao sair da estrela, ela foi croada” PGA, 51. Fig. 3.



ALVORADA DOBRADA *sin. nom. f. sing.*

“Depois que todas as Caixeiras ‘botaram’ seu verso, a Caixeira_Régia começa a ‘dobrar’ a Alvorada. É a hora da <Alvorada Dobrada>ou Alvoradinha.” MB, 115. VER **ALVORADINHA**.

ALVORADINHA *s. f. sing.*

TND – c.c.: cânticos.

Cântico com toque semelhante ao de alvorada, mas em ritmo mais acelerado. *“Vou cantar as Alvoradas/ Não sei que Alvorada eu canto/ Vou cantar <Alvoradinha>/ Do Divino Espírito Santo”* PGA, 52.

AMARRAÇÃO AO MASTRO *sin. nom. f. sing.*

TND – c.c.: ciclo da festa.

Ritual em que convidados escolhidos são levados até o mastro onde permanecem até pagarem a prenda. *“Aí ocorre geralmente a prisão ou <amarração ao mastro>, que consiste em colocar o convidado escolhido e cercá-lo de caixeiras”* DVF1, 58. VER **PRISÃO**.

BAIXÃO *s. m. sing.*

TND – c.c.: outros.

Linha melódica de apoio, com voz mais grave, que corresponde à terça paralela inferior, cantada em ritmo compassado. *“Ai, meu Divino Espírito Santo/ Ai, me dê voz, me dê <baixão>/ Ai é pra eu cantar pra nós/ Ai de gosto e satisfação”* MB, 148.

BAMBAÊ *s. m. sing*

“O carimbó de caixeiros de São Luís é aparentado a diversasa manifestações semelhantes [...] conhecidas como <bambaê> [...]” PGA, 38. VER **CARIMBÓ DAS CAIXEIRAS** .

NOTA ENCICLOPÉDICA: Trecho de cantiga de Bambaê: *“Periquitinho que vem da Holanda/ Óis que bamba/ Bamba, <bamba ê>/ Por cima do seu reinado/ óis que bamba, bamba ê/[...]”* MB, 203.

BANDEIRA *s. f. sing.*

TDAE (DHLP) – c.c.: insígnias.

Bandeira principal, vermelha, em geral bordada com um motivo de pomba, usada durante os cortejos e na tribuna. *“Lá vai o pombo avoando/ Oi por cima da laranjeira/ Foi voando e foi dizendo/ Oi viva o Mastro e a <bandeira>”* MB, 149. Fig. 4.



Fig. 4 – Bandeira

Fonte: Autora

BANDEIRA DO ESPÍRITO SANTO *sin. nom. f. sing.*

“*Eu sou bandeira vermelha/ Bandeira de todo o ano/ Eu sou bandeira vermelha/ <Bandeira do Espírito Santo>*” PGA, 67. VER **BANDEIRA**.

BANDEIRA REAL *sin. nom. f. sing.*

“*Ô Bandeiro Bandeiro/ Que é da <Bandeira real>/ Ai convidai os seus Impérios/ Pra levar pro Tribunal*” MB, 163. VER **BANDEIRA**.

BANDEIREIRA *s. f. sing.*

TND – c.c.: personagens.

Adolescentes encarregadas de transportar pequenas bandeiras brancas ou vermelhas durante a recolha de esmolos. “*Era a Folia do Divino, constituída de 3 caixeiros (tocadoras de tambor), 3 <bandeiras> (porta-bandeiras), 1 bandeiro [...]*” CL, 22. VER **FOLIA DO DIVINO**.

BANDEIREIRO *s. m. sing.*

TDAD (NDA; DHL. DLP) – c.c.: personagens.

Participante da festa encarregado de levar a bandeira de Pentecostes. “*<Bandeiro>, <bandeiro>/ Cumpra com sua obrigação/ Chame todos os impérios/ Reúna seu batalhão*” PGA, 31.

BANDEIRINHAS *s. f. pl.*

TND – c.c.: personagens.

Crianças ou adolescentes do sexo feminino, que carregam uma pequena bandeira e acompanham as evoluções da caixeira. “*Nessa época a caixeira tudo tinha companheira que era uma <bandeirinha>*” CMF, I, 116. “*Estas nossas <bandeirinha>/ Agora eu vou falar/ Carregou suas bandeira/ Vai ficar no seu lugar*” MB, 174.

BANDELEIRO *s. m. sing.*

“<Bandeireiro>, <bandeireiro>/ Arreúna vossa gente/ A bandeira encarnada/ É a primeira da frente” PGA, 58. VER **BANDEIREIRO**.

BARULHO DO DIVINO *sin. nom. m. sing.*

“[...] muito antes da festa, percorre as ruas de Alcântara o chamado <‘barulho’ do Divino>, bando precatório para angariar donativos” DVF2, 4. VER **FOLIA DO DIVINO**.

BATALHÃO *s. m. sing.*

TDAC (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: personagens.

Conjunto de todos os que participam da festa. “Bandeireiro, bandeireiro/ Cumpra com sua obrigação/ Chame todos os impérios/ Reúna seu <batalhão>” PGA, 31.

NOTA ENCICLOPÉDICA: Na festa do Bumba-meu-boi, <batalhão> designa também o grupo dos participantes.

BATISMO DAS CAIXAS *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: ciclo da festa.

Cerimônia de batismo das caixas, que inclui o uso de toalha, vela, água benta, e a presença de padrinhos; nessa cerimônia, as caixas recebem nomes. “O <batismo das caixas> costuma ser feito no levantamento do mastro”. “[...] <batismo de novas caixas>, recebendo por exemplo nomes como Saudade e Recordação” SFF1, 167.

BATISMO DO MASTRO *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: ciclo da festa.

Cerimônia de batismo do mastro, que consiste em aspergir água benta com ramos de murta, pelos padrinhos. “*Quarta-feira véspera da Ascensão, é o dia do <batismo (e do levantamento) do mastro>*” SFF1, 167. VER **MASTRO, OLIVEIRA**.

BATIZADO DO MASTRO *sin. nom. m. sing.*

“*No Terreiro da Fé em Deus, na casa de D. Euzita, gravamos o <Batizado do Mastro>*” MB, 15. VER **BATISMO DO MASTRO**.

NOTA ENCICLOPÉDICA: Trecho de cântico para o batizado do mastro: “*Te batizo Oliveira/ Com toda a tua formosura/ Não te dou os santos óleos/ Porque não és criatura*” PGA, 24.

BENDITO DE HORTELÃ *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: cânticos.

Cântico para o Fechamento da Tribuna, intitulado Bendito de Hortelã. “*D, Celeste diz que no encerramento é cantado o <‘bendito de hortelã’>, que conta toda a vida de Jesus até a descida do Espírito Santo.*” SFF2, 172.

NOTA ENCICLOPÉDICA: Trecho de Bendito de Hortelã: “*Deus o salve o <hortelã>/ Salvador da boa fé/ Se por cá não viu passar/ Bom Jesus de Nazaré*” PGA, 61.

BUSCAMENTO DO MASTRO *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: ciclo da festa.

Ritual festivo e processional de transporte do mastro, sobre os ombros de participantes. “*O <buscamento (e levantamento) do mastro> geralmente acontecem no mesmo dia*” PGA, 23.

NOTA ENCICLOPÉDICA: Para buscar o mastro, as caixeiras cantam: “*Senhora dona da festa/ Foi agora que eu cheguei, Pra buscar o vosso mastro/ Onde se encontra não sei*” MB, 153.

BUSCAR A SANTA COROA *sint. verb.*

TND – c.c.: ciclo da festa.

Ritual de visita entre impérios de casas diferentes. “*O império da Casa de Nagô vai visitar o da Casa das Minas. Diz-se que vai <buscar a ‘santa coroa’>*”. SFF1, 172.

CAIXA *s. f. sing.*

TDAD (ALPM) – c.c.: símbolos.

Tambor de madeira revestido de couro nas duas extremidades, com armação de metal e cordas, pintado de cores vivas e percutido por varetas. “*Senhora [nome da caixeira]/ A <caixa> estou lhe entregando/ Porque eu sei que tu és/ caixeira do Espírito Santo*” PGA, 76. Fig. 5.



Fig. 5 – Caixa

Fonte: Autora

CAIXEIRA *s. f. s.*

TDAD (NDA; DHLP; DLP); TDAE (ALPM) – c.c.: personagens.

Tocadora de caixa, que orienta a organização do ritual. “<Caixeira> *queira saber/ Que cor tem Espírito Santo/ Tem os pés, bico encarnado/ Seu corpinho todo branco*” DVF, 6. “*Canta <Caixeira> daqui/ canta <Caixeira> de lá/ Canta <Caixeira> do meio/ Eu também quero cantar*” MB, 187. Fig. 6. VER **FOLIOA, CAIXA**.



Fig. 6 – Caixeira Fonte: Projeto ALiMA

CAIXEIRA-MOR *sin. nom. f. sing.*

TND – c.c.: personagens.

Segunda caixeira, em grau de importância. “*Salvação que tu ganhaste/ Mas não foi para ti só/ Pra repartir com as caixeiras/ Primeiro a <caixeira-mor>*” PGA, 45.

NOTA ENCICLOPÉDICA: “[...] em Alcântara o maior cargo é o de <caixeira-mor>, e a segunda é que é a caixeira-régia.” MB, 44.

CAIXEIRA-RÉGIA *sin. nom. f. sing.*

TND – c.c.: personagens.

Caixeira mais importante, que conduz as outras caixeiras e também o ritual da festa. “*Divino veio do céu/ Voando sobre a floresta/ Senhora <caixeira-régia>/ Estou lhe entregando a festa*” PGA, 19.

CAPOTE *s. m. sing.*

TDAD (NDA); TDAC (DHLP; DLP) – c.c.: insígnias.

Manto de veludo rebordado, que faz parte das Posses do Império, isto é, faz parte do conjunto de objetos que simbolizam o poder imperial. “*Oh meu nobre imperador/ Menino de boa sorte/ Pela sua gentileza/ Me entregue o seu <capote>*” MB, 172. Fig. 7. VER **POSSES REAIS**.



Fig. 7 – Capote

Fonte: Autora

CARIMBÓ DE CAIXEIRAS *sin. nom. m. sing.*

TDAE (ALPM) – c.c.: ciclo da festa.

Dança sensual e de divertimento, em ritmo de carimbó, e com versos satíricos e de duplo sentido, realizada depois do encerramento da festa, sem caráter de obrigação. “[...] o <carimbó de caixeiras> não tem o mesmo caráter de obrigação religiosa [...]” PGA, 38.

NOTA ENCICLOPÉDICA: Trecho de carimbó de caixeiras: “*Este lindo <carimbó>/ Ele veio do estrangeiro/ Veio para essas caixeiras/ Do Espírito Santo verdadeiro*” PGA, 62.

CARIMBÓ DE VELHO *sin. nom. m. sing.*

“[...] <Carimbó de Velho>, é cantando cantigas de Carimbó e elas /as caixeiras/ dançando, se requebrando, uma dando punga na outra [...]”. CMF, I, 124. VER **CARIMBÓ DAS CAIXEIRAS**.

CARIMBÓ DE VELHAS *sin. nom. m. sing.*

“No sarramento ocorre o <carimbó de velhas>” SFF2, 183. VER **CARIMBÓ DAS CAIXEIRAS**.

CASA DO DIVINO *sin. nom. f. sing.*

TDAE (DHLP) – c.c.: outros.

Casa-museu, em Alcântara, para realização da festa e para exposições temáticas permanentes. Em Alcântara, “[...] casa para o Império, adquirida pela Empresa Maranhense de Turismo – MARATUR, e que o povo chama a <‘casa do Divino’>, e onde o ano inteiro há exposição de tronos, altares e mesas de doce” CL, 22. Fig. 8.



Fig. 8 – Casa do Divino Fonte: Projeto ALiMA

CETRO *s. m. sing.*

TDAE (NDA; DHLP) – c.c.: insígnias.

Bastão de prata que faz parte das Posses do Império, isto é, faz parte do conjunto de objetos que simbolizam o poder imperial. “Arreda povo arreda/

Deixa os impérios passar/ Passa o <etro>, passa a croa/ Passa o império real” PGA, 54. VER **POSSES REAIS**.

CETRO REAL *sin. nom. m. sing.*

“Entrega Imperador/ Este lindo <etro real>/ Que usou na sua mão/ Divino celestial” MB, 172. VER **CETRO**.

CIGANAGEM *s. f. sing.*

TDAD (DHLP; DLP; ALPM) – c.c.: ciclo da festa.

Tradição que consiste na recolha de pequenas contribuições em dinheiro ou gêneros, durante a festa, realizada por adolescentes e jovens. *“No sábado seguinte, durante o dia, mocinhas e crianças, sempre acompanhadas das caixeiros, se entregam à <‘ciganagem’>, novo recolhimento de pequenas oferendas: um maço de folhas de vinagreira para o arroz-de-cuxá, dois limões para a batida, uma talhada de jerimum e uma garrafa de cachaça”* CL, 29.

COROA *s. f. sing.*

croa

TDAE (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: insígnias.

Objeto em metal para ser colocado na cabeça do imperador e que faz parte das Posses do Império, isto é, faz parte do conjunto de objetos que simbolizam o poder imperial, e que representa o Espírito Santo. *“Se rasgou o véu do tempo/ Veio o pombo e veio a <Coroa>/ Vamos todas festejar/ Essa prenda de Lisboa”* MB, 149. *“Arreda povo arreda/ Deixa os impérios passar/ Passa o etro, passa a <croa>/ Passa o império real”* PGA, 54.

NOTA ENCICLOPÉDICA: A coroa, na festa, tem dupla significação: sobre a cabeça do Imperador é o símbolo do poder imperial a ele atribuído; carregada sobre uma salva ou exposta

no altar da tribuna, é uma das representações simbólicas do Divino Espírito Santo e é então mais comumente designada por Santa Croa.

COROA DE ESPRITO SANTO *sin. nom. f. sing.*

croa de espirito santo

“Ôi nas horas de Deus nas horas/ Nas horas de Deus eu canto/ Eu vou salvar linda coroa/ <Coroa de Espírito Santo>” MB, 187. VER **COROA**.

COROA DO DIVINO *sin. nom. f. sing.*

croa do divino

“Caixeira tu não me deixas/ Não me deixe aqui sozinha/ Não sou eu quem tá pedindo/ É a <Croa do Divino>” MB, 199. VER **COROA**.

COROA DO DIVINO ESPRITO SANTO *sin. nom. f. sing.*

croa do divino espirito santo

“Ai a <Croa do Divino Espírito Santo>/ Ai é bonita é formosa/ Ai mais bonita ela fica/ Ai quando se enfeita de rosa” MB, 148. VER **COROA**.

COROA DIVINA *sin. nom. f. sing.*

croa divina

“Essa batalha real/ Nós havemos de vencer/ Com a mesma <Croa Divina>/ Ela há de nos valer” MB, 185. VER **COROA**.

COROA VERDADEIRA *sin. nom. f. sing.*

croa verdadeira

“*Ai eu canto pra cá eu canto/ Ai eu canto o mundo inteiro/ Ai eu canto pra Esprito Santo/ E pra <Coroa verdadeira>*” MB, 186. VER **COROA**.

COROAR v.

croar

TDAE (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: ciclo da festa.

Ritual de coroação do Imperador e/ou Imperatriz, realizado pelo padre durante a missa. “*Domingo de Esprito Santo/ Teve um grande paladar/ Logo no entrar da missa/ Quando o padre vai <croar>*” MB, 156.

CORTE s. f. *sing.*

TDAC (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: outros.

Tribuna, depois da instalação do Império. “*Esse mesmo espaço/ da tribuna/ se chamará [...] <Corte>, quando este //o Império// estiver presente*”. MB, 28. VER **TRIBUNA, IMPÉRIO**.

CORTEJO s. m. *sing.*

TDAE (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: ciclo da festa.

Percurso, organizado, da igreja à casa da festa, depois da missa, com a presença do Império. “*O <cortejo> é acompanhado pelas caixeiras, pelos parentes das crianças, por pessoas da casa e amigos*” SFF1, 170. Fig. 9.



Fig. 9 – Cortejo

Fonte: Projeto ALiMA

DAMA *s. f. sing.*

“Costuma haver [...] algumas vezes vassalos, aias ou <damas>, que são adolescentes.” SFF2, 174. VER AIA.

DANÇA DAS CAIXEIRAS *sin. nom. f. sing.*

TND – c.c.: ciclo da festa.

Dança ritual das caixeiras, de saudação ao mastro e ao Império. “Bem, sobre a <Dança das Caixeiras>, quando nós chegamos da missa, e depois que faz a obrigação na tribuna, aí a gente faz o ritual da dança” PGA, 59. “[...] a gente faz o ritual da dança. Primeiro sai a caixeira-régia, [...] tira a mor, [...] vai tirando as outras até tirar a última. A gente dança, depois a gente dança em volta todas juntas, e depois dança o cruzeiro. É a gente dançando de duas a duas, trocando.” PGA, 59.

NOTA ENCICLOPÉDICA: Cântico para a dança das caixeiras: “Caixeira que está dançando/ dança bem, não dança mal/ o defeito que ela tem/ é dançar não me puxar” CMG, 76.

DERRUBADA DO MASTRO *sin. nom. f. sing.*

TND - c.c.: ciclo da festa.

Ritual de retirada do mastro que marca o encerramento da festa.. “*Nesse mesmo dia, à noite, a <derrubada do mastro> na Casa das Minas [...]*” MB, 15. VER **MASTRO**.

NOTA ENCICLOPÉDICA: Cântico para a derrubada do mastro: “*Nas horas de Deus amém/ nas horas de Deus será/ Já está chegando a hora/ do mastro nós derrubar*” MB, 153.



Fig. 10 – Derrubada do mastro Fonte: Projeto ALiMA

DERRUBAMENTO DO MASTRO *sin. nom. m. sing.*

“*O <derrubamento do mastro> dá início ao final das festividades*” PGA, 35.
VER **DERRUBADA DO MASTRO**.

DIVINA COROA *sin. nom. f. sing.*

divina croa

“*Eu quero subir ao céu/ Pelo fio de retrós/ Vou buscar Espírito Santo, <divina croa>/ Pra fazer festa pra nós*” PGA, 70. VER **COROA**.

DIVINA SANTA COROA *sin. nom. f. sing.*

divina santa croa

“(Solo) *Ai para apresentar/ apresentar <Divina Santa Coroa>*” MB, 195.
VER **COROA**.

DIVINO *s. m. sing.*

“Levantamos Oliveira/ Com grande satisfação/ <Divino> subiu ao céu/ alegrando o coração” PGA, 24. VER **ESPÍRITO SANTO**.

DIVINO DE OLIVEIRA *sin. nom. m. sing.*

“Receba minha senhora/ Esta formosa Bandeira/ Pra batizar o Mastaréu/ do <Divino de Oliveira>” MB, 174. VER **MASTRO**.

DIVINO ESPÍRITO SANTO *sin. nom. m. sing.*

“Meu <Divino Espírito Santo>/ Onde vós tava escondido/ Lá no céu atrás das nuvens/ Seja bem aparecido” PGA, 20. VER **ESPÍRITO SANTO**.

DIVINO REI DA GLÓRIA *sin. nom. m. sing.*

“Foi agora que eu cheguei/ No pino das 12 horas/ Vou salvar Espírito Santo/ O <Divino rei da glória>” MB, 142. VER **ESPÍRITO SANTO**.

DOCE DE ESPÉCIE *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: outros.

Doce em forma de animais e plantas, feito com massa de trigo e doce de coco, que é tradicionalmente oferecido a todos os que visitam Alcântara durante a festa do Divino. *“E os célebres <doces de espécie>, especialidade de Alcântara [...]”*. CL, 29.

DOMINGO DE PENTECOSTES *sin. nom. m. sing.*

“[...] Festa, que vai de sábado de aleluia até o Domingo do Espírito Santo, <Domingo de Pentecostes>, que é o dia grande da Festa” CMF, I, 97. VER **DOMINGO DO ESPÍRITO SANTO**.

DOMINGO DO ESPÍRITO SANTO *sin. nom. m. sing.*

TDAE (DHLP) – c.c.: outros.

Domingo de Pentecostes, quando se celebra a manifestação do Espírito Santo aos apóstolos. “[...] *Festa, que vai de sábado de aleluia até o <Domingo do Espírito Santo>, Domingo de Pentecostes, que é o dia grande da Festa*” CMF, I, 97.

DOMINGO DO MEIO *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: outros.

Domingo anterior ao domingo de Pentecostes. “*Então, é domingo, o <‘domingo-do-meio’>, situado entre a Quinta-feira da Ascensão e o Domingo de Pentecostes*”. CL, 31.

ENTERRO DOS OSSOS *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: ciclo da festa.

O dia seguinte à festa, quando se faz a limpeza da casa e a distribuição das sobras. “*Para ser considerada boa, a festa do Divino deve ter alimento em abundância, para todos e que sobre para o ‘lava-pratos’ e para o <‘enterro dos ossos’> nos dias seguintes*”. SFF2, 176.

ENTREGA DAS POSSES *sin. nom. f. sing.*

“*Há ainda a cerimônia de <entrega das posses> do império*” SFF1, 172. VER **REPASSE DAS POSSES REAIS.**

ESCOTEIRO *s. m. sing.*

TDAD (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: personagens.

Participante que “tira jóia” sem o acompanhamento do toque de caixas. “*Por isso é que quem tira a jóia sem a caixa, que dá-se o nome de <escoteiro>, eles tira às vezes melhor jóia de que quem tá com a caixa*” MB, 64. VER **TIRAR JÓIA**.

NOTA ENCICLOPÉDICA: A expressão “escoteiro” é utilizada também, no Maranhão, para designar arroz sem qualquer acompanhamento - arroz escoteiro.

ESMOLA *s. f. sing.*

TDAC (DLP); TDAD (NDA; DHLP) – c.c.: outros.

Pedido de colaboração em dinheiro ou gêneros alimentícios para a realização da festa. “*Espírito Santo pede <esmola>/ Mas não é por carecer/ É só pra experimentar/ Quem seu devoto quer ser*” PGA, 77. VER **TIRAR JÓIA**.

ESPADA *s. f. sing.*

TDAD (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: insígnias.

Arma fictícia que faz parte das Posses Reais ou do Império, isto é, faz parte do conjunto de objetos que simbolizam o poder imperial. “*Receba esta <espada>/ De todo o seu coração/ Quem mandou foi Santa Croa/ Eu entregar em vossas mãos*” MB, 169. VER **POSSES REAIS**.

ESPÍRITO SANTO *sin. nom. m. sing.*

esprito santo

TDAE (DLP) – c.c.: outros.

Terceira pessoa da Santíssima Trindade, dogma da igreja católica, centro da devoção que motiva a festa. “*Já chegou <Espírito Santo>/ Que viemos festejar/ Perante suas caixeiros/ Ele pousou no altar*” PGA, 20. VER **POMBO**.

ESPÍRITO SANTO COMPASSADO *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: cânticos.

Variação do cântico Espírito Santo Dobrado, em ritmo mais lento. “[...] *e tem o toque <Compassado>, conforme seja a salva que a gente cantar. Tem que tocar tudo compassado, tudo ali lento [...]*” MB, 68.

ESPÍRITO SANTO CORRIDO *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: cânticos.

Variação do cântico Espírito Santo Dobrado, em ritmo acelerado. “[...] *tem o toque Corrido*” MB, 68. “*São dois <Espírito Santo. O Dobrado e Corrido>*” MB, 68.

ESPÍRITO SANTO DOBRADO *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: cânticos.

Designação dada a um cântico dos mais importantes, com ritmo fortemente marcado. “*São dois <Espírito Santo. O Dobrado> e Corrido*” MB, 68. “*Porque tem o toque dobrado, que é o de Divino Espírito Santo, é Três Pancada*” MB, 68.

ESPÍRITO SANTO DO PAÇO *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: outros.

Saudação feita pelo mestre-sala, em Alcântara, quando o cortejo passa pela casa dos mordomos. “*Grita o Mestre-Sala – Viva o <Espírito Santo do Paço>!*” CL, 30.

ESTADO-MAIOR *s. m. sing.*

“<Estado Maior>/ Saia para fora/ É o saque da bandeira/ Estado vamos embora” MB, 156. VER **BATALHÃO**.

FECHAMENTO DA TRIBUNA *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: ciclo da festa.

Cerimônia de encerramento da festa. “*O <fechamento da tribuna> é a cerimônia que encerra a parte solene da festa*” MB, 37.

NOTA ENCICLOPÉDICA: Cântico para fechamento da tribuna: “*Sete cravo e sete rosa/ Formou um raminho de flor/ Meu Divino Espírito Santo/ Sua Tribuna se fechou*” MB, 178.

FESTEIRO *s. m. sing.*

TDAE (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: personagens.

Participante responsável pela festa. “*Oh Divino Nosso Pai/ Da Glória Celestial/ A todos os seus <festeiro>/ Vós queira abençoar*” MB, 178.

FITA *s. f. sing.*

TDAE (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: insígnias.

Faixa de tecido que faz parte das Posses Reais ou do Império, isto é, faz parte do conjunto de objetos que simbolizam o poder imperial. “*A Crôa do Espírito*

*Santo/ É uma prenda bonita/ Ela é quem mandou entregar/ A você bendita <fita>” MB, 169. VER **POSSES REAIS**.*

FOLIA DO DIVINO *sin. nom. f. sing.*

TDAE (NDA; DHLP) – c.c.: ciclo da festa.

Bando precatório que percorre o interior do estado, para angariar fundos. “[...] cortejo de pessoas que percorria léguas e léguas de estrada, recolhendo esmolos para a festa. Era a <Folia do Divino>[...]” CL, 22. VER **TIRAR JÓIA**.

FOLIOA *s. f. sing.*

foliõa

TND – c.c.: personagens.

Caixeiras, segundo fórmula de tratamento por elas utilizada para se autodesignarem. “*Minha amiga< folioa>/ Me diga que horas são/ Se já deu Ave Maria/ Eu quero tomar benção*” PGA, 51. VER **CAIXEIRA**.

GAMBITOS *s. m. pl.*

“*o sagrado ali aparece como seu depositário: [...] as caixas e as vaquetas, vanquetas ou <gambitos> com que elas são percutidas [...]*” MB, 33. VER **VAQUETAS**.

HINO DA MISSA *sin. nom. m. sing.*

“*No imenso repertório musical do Divino, destacam-se alguns toques [...]: Espírito Santo Dobrado, Alvorada, Alvoradinha, Santana, Nossa Senhora da Guia, <Hino da Missa>, [...]*”. PGA, 42. VER **VIVA O HINO**.

IMPERADOR *s. m. sing.*

TDAE (DHLP); TDAD (NDA; DLP) – c.c.: personagens.

Principal representante masculino do Império do Divino, responsável pelas despesas da festa. “*Me fizeram uma gaiola/ Essa mesma se quebrou/ Por ordem do Espírito Santo/ também do <Imperador>*” MB, 193. “*O meu nobre <imperador>/ Olhos de estrela do norte/ O Divino Espírito Santo/ Queira lhe dar boa sorte*” DVF2, 7. Fig. 11. VER **IMPERADOR-FESTEIRO**, **IMPERADOR DO TRONO**.



Fig. 11 – Imperador Fonte: Projeto ALiMA

IMPERADOR DO TRONO *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: personagens.

Imperador, geralmente uma criança, que pode representar o Imperador-Festeiro, e ocupar o espaço da tribuna. “*O Imperador-Festeiro é representado pelo <‘Imperador do Trono’> (geralmente seu filho, neto ou aparentado), um menino fardado de branco, com alamares, ou botões, dourados, manto vermelho e coroa*”. CL, 27. VER **IMPERADOR-FESTEIRO**.

IMPERADOR-FESTEIRO *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: personagens.

Imperador, geralmente um adulto, designado para a festa e que pode ser representado pelo Imperador do Trono. “*O <Imperador-Festeiro> é representado pelo ‘Imperador do Trono’(geralmente seu filho, neto ou aparentado), um menino fardado de branco, com alamares, ou botões, dourados, manto vermelho e coroa*”. CL, 27. VER **IMPERADOR DO TRONO**.

IMPERATRIZ *s. f. sing.*

TDAD (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: personagens.

Principal representante feminino do Império, responsável por parte das despesas da festa. “*Minha nobre <imperatriz>/ olhos de pedra redonda/ É a pedra mais bonita/ aonde o mar camba as ondas*” DVF2, 8. VER **IMPÉRIO**.

IMPÉRIO *s. m. sing.*

TDAD (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: outros.

Designação dada ao conjunto dos membros da corte, composto pelo Imperador e/ou Imperatriz, Mordomos e Mordomas. “*Arreda povo arreda,/ Deixa <Império> passar/ ele vai pra sua ermida/ Pra fazer pelo sinal.*” MB, 156. Fig. 12. VER **IMPERADOR, IMPERATRIZ, MORDOMO, MORDOMA**.

NOTA ENCICLOPÉDICA: O termo no plural designa a corte imperial e o conjunto dos seus componentes, como em “*deixa os impérios passar*” (PGA, 54), que se refere a um imperador e sua corte; a designação de “*império*” pode ser usada como sinônimo de “*imperador*”, como se vê no depoimento de Dona Celeste, que oferece o cargo de juiz ao antigo imperador porque “*ele já não tem mais aquela capacidade de ser um Império*” (CMF, I 124).



Fig. 12 – Império *Fonte: Projeto ALiMA*

IMPÉRIO REAL *sin. nom. m. sing.*

*“Arreda povo arreda/ Deixa os impérios passar/ Passa o cetro, passa a croa/
Passa o <império real>”* PGA, 54. VER **IMPÉRIO**.

JOÃO DA VERA CRUZ *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: símbolos.

Mastro, assim designado por batismo, quando a festa acontece em junho.
*“Quando a festa cai em junho, mês de São João, sua cor é branca e vermelha,
sendo batizado de <João da Vera Cruz>”* SFF2, 183. VER **MASTRO**.

JÓIA *s. f. sing.*

“[...] eles tira às vezes melhor <jóia> que quem tá com a caixa” MB, 64. VER **ESMOLA**

JUIZ *s. m. sing.*

TDAD (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: personagens.

1. Adulto, homem ou mulher, que responde pelas tarefas relativas ao cargo de Imperador ou Imperatriz representado pelas crianças. 2. Função honrosa e permanente, atribuída aos imperadores anteriores, para manter sua participação

na festa. “[...] *ele //o imperador do ano anterior// já não vai mais ser assim importante [...] ele continua na festa como festeiro, lá em casa eu coloco ele como <juiz> da festa [...]*” CMF, I, 124. “*Ao adulto se denomina <juiz> ou <juíza>, e à criança que o representa, Imperador ou Imperatriz*” MB, 208.

LAVA-PRATOS *s. m. sing.*

“*No dia seguinte [...] há o <lava-pratos>, que se desdobra em mais festa*”. MB, 124. VER **ENTERRO DOS OSSOS**.

NOTA ENCICLOPÉDICA: A expressão “lava-pratos”, com o mesmo sentido, é utilizada também para outras festas, como por exemplo, para o carnaval.

MANOEL DA VERA CRUZ *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: símbolos.

Mastro, assim designado por batismo, quando a festa ocorre em maio. “*Ofereço este bendito/ A <Manoel da Vera Cruz>/ Padre, Filho e Espírito Santo/ Para sempre amém Jesus*” MB, 177. VER **MASTRO**.

MASTAREL *s. m. sing.*

TDAC (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: símbolos.

Pequeno mastro suplementar giratório, encimado por uma bandeira pintada com a pomba e a coroa, na qual é fixado um bolo de tapioca. “*Que bonito pé de árvore/ Que a natureza criou/ Pra servir de <mastarel>/ Na festa do imperador*” PGA, 57.

MASTARÉU *s. m. sing.*

“*Os padrinho deste ano/ Da Coroa verdadeira/ recebei seu <Mastaréu>/ E também sua Bandeira*”. MB, 174. Fig. 13. VER **MASTAREL**.



Fig. 13 – Mastaréu *Fonte: Autora*

MASTRO *s. m. sing.*

TDAE (DLP); TDAC (DHLP); TDAD (NDA) – c.c.: símbolos.

Tronco de árvore com seis metros ou mais de comprimento, decorado ou pintado, que é fincado em frente à casa onde se realiza a festa, ou em praça pública. “Lá vai o pombo voando/ Oi por cima da laranjeira/ Foi voando e foi dizendo/ Oi viva o <Mastro> e a bandeira”. MB, 149. Fig. 14. VER **OLIVEIRA, JOÃO DA VERA CRUZ, MANUEL DA VERA CRUZ.**

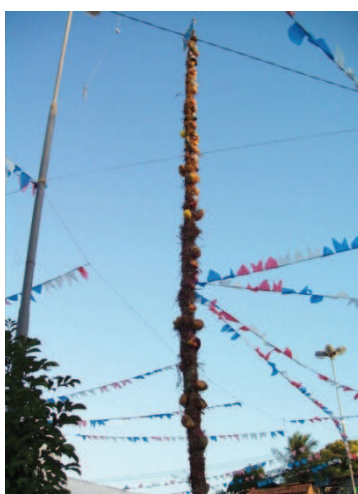


Fig. 14 – Mastro *Fonte: Autora*

MASTRO BENTO *sin. nom. m. sing*

“To salvando Espírito Santo/ Em cima daquela bola/ Também salvo <Mastro Bento>/ Que tá do lado de fora” MB, 138. VER **MASTRO**.

MASTRO DE ESPÍRITO SANTO *sin. nom. m. sing*

“Balanceia, balanceia/ Quero ver balancear/ O <mastro de Espírito Santo>/ Em pé ele já está” PGA, 56. VER **MASTRO**.

MASTRO DE OLIVEIRA *sin. nom. m. sing*

“Filho da Virgem Maria/ É Jesus anunciado/ Num <Mastro de Oliveira>/ Foi morrer crucificado” MB, 138. VER **MASTRO**.

MASTRO DO DIVINO *sin. nom. m. sing*

“Euclides, da Casa de Fanti-Ashanti, comparou o <mastro do Divino> com o pelourinho [...]” SFF1, 184. VER **MASTRO**.

MATANÇA *s. f. sing.*

“[...] realiza esse ritual, chamado <matança> ou matutagem” MB, 58. VER **MATUTAGEM**.

MATUTAGEM *s. f. sing.*

TDAD (ALPM); TDAE (NDA; DHLP) – c.c.: ciclo da festa.

Ritual de morte e esquartejamento do boi que será servido como alimento durante a festa; a seqüência do ritual é definida pelos cânticos das caixeiras
“[...] realiza esse ritual, chamado matança ou <matutagem>” MB, 58.

NOTA ENCICLOPÉDICA: Cântico para orientar a matutagem ou matança: “*O senhor seu magarefe/ Se está com a faca nas mão/ Depois de partir o boi tira o bofe e o coração*” MB, 164.

MESTRE-SALA *sin. nom. m. sing.*

TDAD (DHL); TDAD (DHLP) – c.c.: personagens.

Adulto responsável pelo cumprimento das orientações das caixeiras. “*Grita o <Mestre-Sala> – Viva o Espírito Santo do Paço!*” CL, 30. “*O Senhor seu <Mestre-Sala>/ Eu com vos quero falar/ Me sente o Mordomo-Régio/ Nesta corte Imperial*” MB, 170.

MESTRE-SALA-MOR *sin. nom. m. sing.*

“*Em Alcântara [...] as escolhas são feitas previamente [...] por promessas ou por escolhas e acordos do <Mestre-Sala-Mor>*” CL, 31. VER **MESTRE-SALA**.

NOTA ENCICLOPÉDICA: Em Alcântara, as escolhas do Império são feitas e anunciadas pelo Mestre-Sala, que é denominado Mestre-Sala-Mor.

MORDOMO/A *s. m.f. sing.*

TDAD (DHL); TDAD (DLP); TDAD (NDA) – c.c.: personagens.

Membro da corte imperial, o primeiro, em ordem de importância, depois do imperador. “*Meus Impérios e <mordomo>/ Vamos na missa do dia/ vamos ver cantar os anjos/ Na capela de Maria*” MB, 156. Fig. 15. VER **MORDOMO-RÉGIO, MORDOMO-MOR**.

NOTA ENCICLOPÉDICA: Em Alcântara, o Mordomo-Baixo é o segundo mordomo em ordem de importância, depois do Mordomo-Régio.

MORDOMO/A-BAIXO/A *sin. nom. m.f. sing.*

“Cada festeiro (*Imperador, Mordomo-Régio e <Mordomos-Baixos>*) tem seu séquito”. CL, 27. “[...] os <Mordomos-Baixos>, com seus séquitos, paletós um tanto fora de moda, gravatas pretas, luvas brancas” CL, 35. VER **MORDOMO/A**.

MORDOMO/A-CELESTE *sin. nom. m.f. sing.*

“Cada casa propõe variações como: *Mordomos de Linha, <Celestes>, Reais e muitas outras, o que determina a duração do caminho que as crianças percorrerão /para chegar a imperador/*” MB, 206. VER **MORDOMO/A**.

MORDOMO/A DE LINHA *sin. nom. m.f. sing.*

“Cada casa propõe variações como: *<Mordomos de Linha>, Celestes, Reais e muitas outras, o que determina a duração do caminho que as crianças percorrerão /para chegar a imperador/*” MB, 206. VER **MORDOMO/A**.

MORDOMO/A-MOR *sin. nom. m.f. sing.*

TDAD (DLP) – c.c.: personagens.

Segundo/a Mordomo/a em ordem de importância, depois do Mordomo-Régio. “Recebi os dois pombinhos/ Pombinho de privilégio/ Pra mão da <Mordoma-Mor>/ para a mão da Mordoma-Régia”. MB, 171. VER **MORDOMO-RÉGIO**.

NOTA ENCICLOPÉDICA: Na Casa das Minas, “A preparação das crianças para chegar a ser Império, são cinco anos, quer dizer, ela primeiro começa pela terceira, Terceira-Mor, no outro ano ela é Segunda-Mor, no terceiro ano ela é Primeira-Mor [...]” CMF, I, 125.



Fig. 15 – Mordomo Fonte: Autora

MORDOMO/A-REAL/ *sin. nom. m./f. sing.*

“Cada casa propõe variações como: *Mordomos de Linha, Celestes, <Reais>* e muitas outras, o que determina a duração do caminho que as crianças percorrerão /para chegar a imperador/” MB, 206. “*Meu nobre Mordomo-Mor/ A você vou entregar/ Esta bonita fita/ Pra ser <Mordomo Real>*” MB, 172. VER **MORDOMO/A**.

MORDOMO/A-RÉGIO/A *sin.nom. m/f. sing.*

TND – c.c.: personagens.

Membro da corte imperial mais importante, depois do imperador. “*Pombo branco avoou/ Todo cheio de privilégio/ Foi voando e foi dizendo/ Viva os <Mordomos-Régios>* ” MB, 149.

MORDOMO/A-RÉGIO/A DO TRONO *sin .nom. m./f. sing.*

TND – c.c.: personagens.

Criança que representa o Imperador escolhido, no ritual. “*O Mordomo-Régio é representado pelo ‘<Mordomo-Régio do Trono>’, de farda branca, manto curto, chapéu de dois bicos, verde, orlado de arminho [...]*” CL, 27.

NOSSA SENHORA DA GUIA *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: cânticos.

Cântico que acompanha o ritual de levantamento e derrubada do mastro.
 “<Nossa Senhora da Guia>/ Tá com a frente para o mar/ Oi pra ver seu bento
 filho/ Ai que chegou de Portugal” CMG, 78.

OLIVEIRA *s. m. sing.*

TDAD (NDA; DHL; DLP) – c.c.: símbolos.

Mastro, assim designado em algumas casas de culto. “*Te batizo, <Oliveira>/
 Com toda a tua formosura/ Não te dou os santos óleos/ porque não és
 criatura*”. PGA, 24.

NOTA ENCICLOPÉDICA: Na Casa de Nagô, o mastro é chamado de Arvoredo até ser batizado e receber o nome de Oliveira.

PADRINHOS DO MASTRO *sin. nom. m. pl.*

TND – c.c.: personagens.

Participantes da festa responsáveis pela obtenção do mastro e por sua decoração. “*Vinde os <padrinho do Mastro>/ agora eu quero falar/ Para receber seu afilhado/ Para o ano batizar*” MB, 174. VER **MASTRO**.

PASSAMENTO DAS POSSES *sin. nom. m. sing.*

“*A cerimônia de <Passamento das Posses> é o momento em que as sagradas insígnias do Divino em posse do par de Imperadores e seus Mordomos são transferidas para as crianças que os sucederão no ano seguinte*”. MB, 21.
 VER **REPASSE DAS POSSES**.

PASSARINHO *s. m. sing.*

TDAD (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: personagens.

Designação dada à pessoa presa, no ritual da prisão, até pagar a prenda ou jóia.
 “<Passarinho> tu tá preso/ No galho do limoeiro/ Se tu quiser que te solte/
 Puxa pelo teu dinheiro” MB, 193. VER **PRISÃO**.

PÉ QUEBRADO *sin. nom. m. sing.*

TDAE (NDA; DHLP) – c.c.: outros.

Verso errado ou sem rima. “*Minhas amigas foliôa/ Me dão um pinto pelado/
 Que é pra eu dar pra essa caixeira/ que cantou um <pé quebrado>*” MB, 180.

PELOURO *s. m. sing.*

TDAD (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: outros.

Relação dos nomes dos festeiros do ano seguinte, escolhidos ou sorteados, e divulgados no último dia da festa. “*Todos estão ansiosos pela revelação dos nomes dos festeiros do próximo ano, escritos no ‘<pelouro>’, papeizinhos preparados [...]*” CL, 36.

PILORO *s. m. sing.*

“*[...] o <piloro> como chama é lido no último dia da festa*” CMF, 62. VER **PELOURO**.

POMBO *s. m. sing.*

TDAD (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: símbolos.

Representação simbólica do Espírito Santo, na forma de uma ave, a pomba.
 “Lá vai o <pombo> avoando/ Por cima da gameleira/ O meu nobre
 Imperador/ Se despeça das caixeiros” MB, 169. Fig. 16.



Fig. 16 – Pombo Fonte: Autora

POMBO BRANCO *sin. nom. m. sing.*

“*Cantemos, mana, cantemos/ Cantemos nós todas três/ Cantemos pro <pombo
 branco>/ Filho do pombo pedrês*” MB, 39. VER **POMBO**.

POMBINHO *s. m. sing.*

“*Quando o mastro for acima/ Eu quero ser a primeira/ Eu quero pegar nas
 asas/ Do <pombinho> verdadeiro*”. PGA, 57. VER **POMBO**.

PORTA-BANDEIRA *s. f. sing.*

“*Era a Folia do Divino, constituída de 3 caixeiros (tocadoras de tambor), 3
 bandeiras (<porta-bandeiras>), 1 bandeiro [...]*” CL, 22. VER
BANDEIREIRA.

POSSES REAIS *sin. nom. f. pl.*

TND – c.c.: insígnias.

Conjunto de objetos rituais e da indumentária que simbolizam o poder imperial como coroa, cetro, fita, espada, almofadão. “*O repasse das < posses reais > é um momento solene e de profunda emoção*” PGA, 36. VER **COROA, CETRO, FITA, ESPADA, ALMOFADÃO**.

PRENDA *s. f. sing.*

TDAD (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: outros.

Quantia em dinheiro dada pelo passarinho, para ser libertado da prisão. “[...] *e essa pessoa presa, que eles chamavam de passarinho, teria que dar uma <prenda>*” PGA, 40. VER **PRISÃO, PASSARINHO**.

PRIMEIRO/A-MOR *sin. nom. m./f. sing.*

“*A preparação das crianças para chegar a ser Império, são cinco anos, quer dizer, ela primeiro começa pela terceira, Terceira-Mor, no outro ano ela é Segunda-Mor, no terceiro ano ela é <Primeira-Mor> [...]*” CME, I, 125. VER **MORDOMO-MOR**.

PRISÃO *s. f. sing.*

TDAC (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: ciclo da festa.

1. Ritual em que convidados escolhidos são levados até o mastro onde permanecem até pagarem a prenda. 2. Ritual de punição a quem infringe regras de comportamento – fumar, cruzar braços ou pernas – na tribuna, amarrando uma fita vermelha no braço até o pagamento da prenda. “*Aí ocorre geralmente a <prisão> ou amarração ao mastro, que consiste em colocar o convidado escolhido e cercá-lo de caixeiros*” DVF1, 58. “*Passarinho tu tá preso/ Te livra dessa <prisão>/ Se tu não tiver dinheiro/ Manda chamar teus irmão*” MB, 193. VER **AMARRAÇÃO AO MASTRO**.

PROCISSÃO *s. f. sing.*

“Vamos acompanhar/ Essa <procissão>/ É da Santa Crôa/ Ê Ê á” MB, 157.

VER **CORTEJO**.

QUEDA DO MASTRO *sin. nom. f. sing.*

“Em Pedrinhas [...] gravamos [...] a <Queda do Mastro>.” MB, 15. Fig. 10.

VER **DERRUBADA DO MASTRO**.

REIS *s. m. pl.*

TND – c.c.: personagens.

Imperador, assim designado em algumas casas de culto. “De manhã o sol é <reis>/ Meio-dia é rei croado/ Às quatro horas ele é morto/ Às seis horas sepultado.” PGA, 52. VER **IMPERADOR**.

NOTA ENCICLOPÉDICA: A designação de reis, no plural, para um único indivíduo, foi registrada por Meyer (1986), referindo-se a Carlos Magno, imperador francês, *reis* do Congo.

REPASSE DAS POSSES REAIS *sin. nom. f. sing.*

TND – c.c.: ciclo da festa.

Ritual de substituição dos membros do império, pela recolha das insígnias e entrega destas ao império do ano subsequente. “O <repassse das posses reais> é um momento solene e de profunda emoção” PGA, 36.

ROUBAR ALVORADA *sin. verb.*

TND – c.c.: ciclo da festa.

Ritual, hoje raramente realizado, de visitar de surpresa outra festa, para cantar alvorada junto ao mastro. “[...] *não se tem mais esse costume de <roubar alvorada> aqui em São Luís*” PGA, 40.

ROUBO DO IMPÉRIO *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: ciclo da festa.

Ritual de distribuição, pelas casas da vizinhança, de objetos rituais, simulando um roubo, e de busca e recolha desses objetos, em cortejo. “[...] *antes do derrubamento do mastro costuma acontecer a cerimônia do <roubo do império>*” PGA, 34. Fig. 17.



Fig. 17 – Roubo do Império *Fonte: Autora*

SALÃO *s. m. sing.*

TDAC (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: outros.

Tribuna, trono, tribunal, designação dada e algumas casas de culto. “*Vinde meu senhor São Pedro/ Que por vós estou chamando/ Venha me abrir o <salão>/ Do Divino Espírito Santo*” PGA, 19.

SALVA *s. f. sing.*

TDAD (NDA; DLP); TDAE (DHLP) – c.c.: cânticos.

Cântico para saudar o Divino, que pode estar ou não ligado a um momento do ritual. “[...] e tem o toque *Compassado*, conforme seja a <salva> que a gente cantar. Tem que tocar tudo compassado, tudo ali lento [...]” MB, 68.

NOTA ENCICLOPÉDICA: A salva é um cântico de saudação, para saudar/ salvar o Espírito Santo ou o Império, como neste trecho “A Corte está reunida/ ai os Império estão sentados/ Eu convido as foliôa/ Os Império nós salvar” MB, 159.

SALVAR v.

TDAE (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: ciclo da festa.

Saudar, com cânticos e toque de caixas, o Espírito Santo ou o Império.
 “*Silêncio, povo, silêncio/ Quero <salvar> nosso pai/ Que tá naquelas alturas/ faz balanço mas não cai*” PGA, 50. VER **SALVA**.

SANTA COROA sin. nom. f. sing.

santa c´roa

“*Vinde, minha <Santa C´roa>,/ vinde flô deliciosa,/ nós por vós tamo esperando,/ Oh! Angélica mimosa.*” CL, 25. VER **COROA**.

SANTA COROA DIVINA sin. nom. f. sing.

santa croa divina

“*Esta batalha real/ Nós havemos de vencer/ A <santa croa divina>/ É que há de nos valer*” PGA, 74. VER **COROA**.

SANTANA s. f. sing.

“*<Santana> é a maior santa/ Que no mundo tenho visto/ Ela é mãe de mãe de Deus/ É a avó de Jesus Cristo*” PGA, 55. VER **SENHORA SANTANA**.

SENHORA SANTANA *sin. nom. f. sing.*

TND – c.c.: cânticos.

Cântico proferido sempre depois da alvorada, em louvor a Santana, avó de Jesus, em que se faz menção à sua relação familiar. “<Senhora Santana>/ Preparai cueiro/ Que já é nascido/ Jesus verdadeiro” PGA, 55.

SEGUNDA-MOR *sin. nom. f. sing.*

TND – c.c.: personagens.

Mordoma em sua segunda participação na festa, na Casa das Minas. “[...] para chegar a ser Império, são cinco anos [...] ela começa pela terceira. Terceira-Mor, no outro ano ela é <Segunda-Mor> [...]” CMF, 125.

SÉQUITO DO TRONO *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: personagens.

Conjunto dos membros e acompanhantes do Império, nos cortejos. “Sai o povo, forma-se o cortejo. Os <séquitos do trono> chegados ao adro, reúnem-se à porta do templo, do Imperador à mais humilde das caixeiras [...]” CL, 28.

SERRA O PAU *sin. verb.*

TND – c.c.: ciclo da festa.

Brincadeira de encerramento da festa que consiste em simular serrar o mastro. “Eu sou mestre Quirino serrador/ Eu sou mestre Quirino (serrador)/ <Serra o pau>, Quirino (serrador)/ / <Serra o pau> no meio (serrador)/ / Eu também sei serrar(serrador)/ / Eu também quero pau (serrador)”. PGA, 62.

SERRA-TOCO *sin. verb.*

“*Há ainda o <serra-toco>.*” SFF1, 173. *VER SERRA O PAU.*

SUBIDA DO BOI *sin. nom. f. sing.*

TND – c.c.: ciclo da festa.

Brincadeira que consiste em acompanhar, em cortejo pelas ruas da cidade, os bois. “[...] *brincadeira conhecida como a <subida do boi> [...]*” MB, 52.

NOTA ENCICLOPÉDICA: “Na sexta-feira à tarde, percorre as ruas um boi brabo, com os chifres enfeitados de flores e ramagens, sustido por cordas e rapazes fortes” CL, 32. “Nos Açores, na Ilha Terceira, ocorre uma brincadeira semelhante, conhecida como Tourada a Corda.

TERCEIRA MOR *sin. nom. f. sing.*

TND – c.c.: personagens.

Mordoma no primeiro ano de participação na festa, na Casa das Minas. “[...] *para chegar a ser Império, são cinco anos, quer dizer, ela primeiro começa pela terceira. <Terceira-Mor> [...]*” CMF, 125.

TESOUREIRO *s. m. sing.*

TDAD (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: personagens.

Participante responsável pela derrubada do mastro. “*<Tesoureiro>, <tesoureiro>/ Ponha a tesoura na mão/ Tem cuidado tesoureiro/ não deixa cair no chão*” PGA, 57.

TIRAR JÓIA *sin. verb.*

TND – c.c.: ciclo da festa.

Prática de percorrer o interior, para solicitar ajuda em dinheiro ou gêneros alimentícios para realizar a festa. “*Santa Crôa <tira jóia>/ mas não é de pricisão/ pede prá experimentá/ quem tem um bom coração*” CL, 24.

TIRAR LICENÇA *sin. verb.*

TND – c.c.: ciclo da festa.

Prática de solicitar autorização ao Imperador para o Mordomo-Régio fazer a visita ao Império. “*Muito digno Imperador/ <licença venho tirar>/ para que nesta noite eu possa/ Vossa Majestade visitar*” CL, 30.

TOQUE DE REZA *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: cânticos.

Cântico realizado depois de rezar a ladainha. “*<Toque de Reza> – É o toque realizado após a execução da ladainha [...]*”. CMG, 78.

NOTA ENCICLOPÉDICA: Exemplo de toque de reza: “*Quem rezou a ladainha/ Lá no céu tem seu assento/ Uma cadeira de ouro/ Ao redor do cálice bento.*” CMG, 79.

TORRE DE JERUSALÉM *sin. nom. f. sing.*

TND – c.c.: símbolos.

Mastro, assim designado em alguns cânticos. “*Eu de longe avistei/ <Torre de Jerusalém>/ Quem tem boa vista vê/ O primor que a torre tem*” MB, 158.
VER *MASTRO*.

TRÊS MISTÉRIOS *sin. nom. m. pl.*

TND – c.c.: personagens.

Três crianças vestidas de anjos que representam a Fé, a Esperança e a Caridade. “*Meu Divino Espírito Santo/ que está sentado no altar/ Me sentai os <três mistérios>/ Da Santíssima Trindade*” MB, 159.

TRÊS PANCADAS *sin. nom. m. pl.*

“<Três pancadas> é um nome que se dá a um toque ritualmente muito importante, o Espírito Santo Dobrado” MB, 34. VER **ESPÍRITO SANTO DOBRADO**.

TRIBUNA *s. f. sing.*

TDAD (NDA; DHL; DLP) – c.c.: símbolos.

1. Salão decorado onde ficam expostas as insígnias e onde ficam sentados os membros do Império. 2. Armação em degraus com cadeiras, ao fundo do salão. “*Vem chegando Espírito Santo/ Voando daquela altura/ Entrando no tribunal/ para abrir sua <tribuna>*” PGA, 19. Fig. 18. VER **SALÃO**.

NOTA ENCICLOPÉDICA: “esse mesmo espaço /da tribuna/ se chamará Tribunal, quando nele se montarem os tronos do Império, e Corte, quando este já estiver presente.” MB, 28.



Fig. 18 – Tribuna

Fonte: Autora

TRIBUNAL *s. f. sing.*

*“O meu nobre imperador/ É criança, qué brincar/ Vamos fazer um brinquedo/
Debaixo do <tribunal>”* DVF, 8. Fig. 18. VER **TRIBUNA**.

VAQUETAS *s. f. pl.*

TDAE (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: outros.

Varetas com que são percutidas as caixas. *“o sagrado ali aparece como seu depositário: [...] as caixas e as <vaquetas>, vanquetas ou gambitos com que elas são percutidas [...]”* MB, 33.

VANQUETAS *s. f. pl.*

“o sagrado ali aparece como seu depositário: [...] as caixas e as vaquetas, <vanquetas> ou gambitos com que elas são percutidas [...]” MB, 33. VER **VAQUETAS**.

VASSALO *s. m. sing.*

TDAE (NDA; DHLP; DLP) – c.c.: personagens.

Membros do séquito do império. *“[...] dois <vassalos> do Reino, também fantasiados, de roupas cinzentas e faixas verde-amarelas atravessadas ao peito”* CL, 35.

VICENTE *s. m. sing.*

TDAD (DHLP; DLP) – c.c.: personagens.

Acompanhante da Folia do Divino, encarregado de recolher as esmolas em dinheiro. “*E ainda o ‘<Vicente>’ assim chamado o menino que recolhia as esmolas em dinheiro, quer fosse Pedro, Paulo ou Simão.*” CL, 23.

VISITAS DOS IMPÉRIOS *sin. nom. f. pl.*

TND – c.c.: ciclo da festa.

Visitas feitas pelos Mordomos ao Imperador e destes aos Mordomos, com todos os membros do Império e participantes da festa, organizados em cortejo. “*Nesta semana são organizadas uma ou mais <visitas dos impérios>*”. SFF1, 169.

VIVA O HINO *sin. nom. m. sing.*

TND – c.c.: cânticos.

Cântico de agradecimento ao padre pela missa celebrada. “*<Viva o hino>, <viva o hino>/ <Viva o hino> brasileiro/ Também viva Espírito Santo/ Com seu retrato na bandeira*” PGA, 58.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O Divino se despede
Nesta hora de alegria
Se despede e vai deixando
Esta rica companhia
Caixeiras do Divino*

A pesquisa que se realizou buscou coletar as variantes terminológicas utilizadas durante as diferentes etapas das Festas do Divino Espírito Santo no Maranhão – São Luís e Alcântara – partindo-se do princípio de que se trata do estudo do vocabulário de um campo de conhecimento especializado e, mais precisamente, de suas possíveis variações. Considerando que a socioterminologia tem como objeto de estudo os usos especializados da língua sob uma postura descritiva e admitindo a variação lingüística, optou-se por fundamentá-la segundo a perspectiva socioterminológica.

Dessa forma, buscou-se coletar dados entre segmentos diferenciados da festa, uma vez que, embora a coleta dos termos tenha sido exclusivamente documental, os documentos consultados registravam a opinião de especialistas, mas também a descrição da festa feita por aqueles que a realizam. Assim se a voz de antropólogos foi considerada, também o foram as vozes dos mestres-salas, festeiros, caixeiras, antigos imperadores e devotos. Os termos foram obtidos nesses depoimentos escritos e ainda nos cânticos das caixeiras, em exemplares transcritos sistematicamente em duas das obras consultadas e em menções feitas por outros personagens da festa, cujos depoimentos estão registrados. Concorde-se com Strehler, quando afirma que: “[...] um trabalho terminológico não pode deixar de lado o aspecto variacionista, a não ser sob pena de guardar um valor limitado para um meio profissional limitado” (STREHLER, 1995).

Partiu-se de alguns questionamentos, ao iniciar este trabalho. O primeiro deles incidia sobre a existência de estudos sobre a terminologia da festa. Partiu-se da hipótese de que os estudos existentes não abordavam questões lingüísticas, o que foi confirmado pela pesquisa. Foi possível obter um exemplar de um roteiro lexical sobre a festa do Divino nos Açores, elaborado por um estudioso da festa cuja preocupação era o registro de termos da festa. O trabalho teve o mérito de registrá-los e contribuiu para a orientação desta dissertação, mas não tem uma fundamentação lingüística sólida e registra apenas os termos da festa nos Açores. Sobre a festa no Brasil e, especialmente, no Maranhão, não foi possível encontrar estudos

lingüísticos, confirmando-se assim a hipótese inicial e justificando, portanto, o desenvolvimento desta pesquisa.

Um segundo questionamento, sobre a possibilidade de, levantados os termos, organizá-los sistematicamente, que deu origem à hipótese de que seria possível realizar esse trabalho, teve resposta afirmativa.

A importância da Festa do Divino é inquestionável e sua popularidade revela-se na sua presença em textos publicitários sobre o Maranhão e até em passatempos como caça palavras (Anexo G).

O universo da festa do Divino revelou-se rico e original, o que se comprova pela quantidade substancial de termos não dicionarizados, ou dicionarizados com acepção diferente. A predominância de termos não dicionarizados atesta, salvo melhor juízo, a classificação da linguagem da festa como uma língua de especialidade, uma terminologia própria, constituída seja por termos criados com fins específicos para a descrição ou realização da festa, seja por itens do léxico geral da língua que, no âmbito da festa, assumiram novos significados, equivalentes, diferentes, ou complementares.

A especificidade desses termos possibilitou a organização do glossário de forma sistemática e fundamentada em princípios terminográficos.

A fundamentação teórica de base socioterminológica visava a responder um terceiro questionamento, sobre a existência de diferenças terminológicas em razão das orientações religiosas diferentes, uma vez que a festa em Alcântara é realizada pela comunidade alcantareense, com apoio e participação da Igreja Católica, e em São Luís é, predominantemente, realizada pelos terreiros. Em que pese os registros da festa, junto ao Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, serem feitos em nome de um festeiro e não das casas de culto – com exceção da casa de Nagô, da Casa das Minas e da Casa Fanti-Ashanti – como pode ser verificado na Agenda de Cultura Popular de 2006 (Anexo H), na verdade muitos dos nomes dos festeiros são os dos chefes dos terreiros que realizam a festa, e os endereços são os das casas de culto pelas quais são responsáveis. A hipótese inicial de que não haveria uma diferença entre a terminologia da festa em Alcântara em relação à de São Luís, em razão da orientação religiosa, foi confirmada. Certamente contribui para isso o caráter essencialmente católico da festa, mesmo a realizada nos terreiros.

Não foi possível constatar, em relação ao Divino, a presença do sincretismo entre o santo católico e o *vodum*. Há um entendimento, entre o povo do terreiro, de que o Divino é um Deus hierarquicamente superior a todos os outros e a realização da festa pelos terreiros

faz-se em razão da devoção do próprio *vodum* pelo Divino. É o caso da Casa das Minas, onde a festa é uma devoção de *nochê Sepazim* e, por isso, obrigação da Casa. Ferretti explica:

Nochê Sepazim é a princesa da família de Davice pois é filha do rei Dadarro e casada com o príncipe Daco-Donu. Ela portanto representa a imperatriz e a festa é organizada em sua homenagem pois ela adora o Divino Espírito Santo e o pessoal de Davice tem muita devoção ao Divino (1985, p. 164).

Além disso, a presença das caixeiras como condutoras do ritual da festa, tanto em Alcântara como em São Luís – e, freqüentemente, a presença das mesmas caixeiras, já que o número de caixeiras habilitadas e experientes vem sendo gradativamente reduzido – contribui certamente para essa relativa homogeneização dos termos.

A organização do glossário, objetivo geral deste trabalho, possibilitou identificar algumas peculiaridades desse universo lingüístico, que se passa a comentar.

Do ponto de vista da classe gramatical observou-se que há uma predominância marcada de substantivos e sintagmas nominais. O número de verbos e sintagmas verbais representa menos de dez por cento do número total de termos e não se registrou presença de adjetivos isolados ou de sintagmas adjetivais, como se havia previsto. O número de substantivo e sintagmas nominais é aproximadamente o mesmo. Vale lembrar que, embora o *corpus* do trabalho tenha sido coletado em documentos escritos sobre a festa, estes documentos resultaram, principalmente, do registro de depoimentos ou cânticos da festa, portanto de situações reais de uso, o que caracteriza a importância da nomeação dos elementos da festa.

Do ponto de vista dos campos conceituais, observou-se que os campos mais produtivos são os do ciclo da festa e os dos personagens, este ligeiramente superior àquele. É importante observar que o número elevado de termos referentes aos personagens da festa pode ser considerado como um testemunho da importância que ela tem para a comunidade. Observou-se que, nos depoimentos dados sobre a escolha dos membros da festa, a cada ano, os festeiros deparam-se com problemas como imperadores que desejam permanecer com essa função ou com um número elevado de aspirantes a uma função na festa. Dessas solicitações decorre a criação do cargo de *juiz* para o antigo *imperador*, função mencionada mas não definida, ou a multiplicação de *mordomos*, o que prolonga o tempo de participação na festa, no sistema hierarquizado estabelecido pelos terreiros.

Da mesma forma, o número elevado de termos referentes ao ciclo da festa revela a complexidade do ritual, apesar das declarações dos festeiros e de outros participantes, que

lamentam a simplificação da festa, em razão de dificuldades financeiras ou da redução progressiva do número de caixeiras.

Do ponto de vista da dicionarização, observou-se que perto da metade dos termos não está dicionarizada. Os termos dicionarizados apresentam predominantemente acepção diferente ou equivalente, mas não igual. Vale observar que também a obra consultada sobre a linguagem popular do Maranhão registra poucos termos referentes à festa do Divino, embora estes termos apresentem, em geral, acepção equivalente. O campo conceitual designado como Outros, que compreende indumentária sem valor ritual, culinária e elementos de decoração, entre outros, em que pese a sua abrangência, revelou-se pouco produtivo em número de termos.

O número elevado de termos para os cânticos comprova a importância destes para o ritual. Da mesma forma, considerando-se a frequência de cânticos utilizados para contextualizar os termos, pode-se confirmar as afirmações dos estudiosos sobre o papel fundamental das caixeiras e de seus cânticos para a condução e preservação da festa.

Ao final deste trabalho espera-se ter cumprido seus objetivos de coletar e descrever e organizar sistematicamente, e de forma adequada, os termos da Festa do Divino; de contribuir para o aprofundamento dos estudos sobre a festa; de oferecer subsídios para os estudos de âmbito lexicográfico e terminológico e de colaborar para um melhor conhecimento do português falado no Maranhão, na perspectiva dos estudos léxico-semânticos realizados pelo Projeto Atlas Lingüístico do Maranhão-ALiMA – filiado ao Projeto Atlas Lingüístico do Brasil-ALiB – na vertente do ALiMA: Manifestações Culturais de Raízes Africanas.

À guisa de conclusão, faz-se apelo a uma imagem da Festa do Espírito Santo nos Açores, quando os carros de bois, conhecidos como carros de toldo – em razão das coberturas bordadas e rendadas que exibem – vindos das freguesias vizinhas, se instalam nas praças para participar da festa e assim contribuem para preservá-la e embelezá-la. Da mesma forma, espera-se que o “carro de toldo” dos estudos lingüísticos participe, sob uma nova abordagem, da preservação desta manifestação cultural maranhense.

REFERÊNCIAS

FONTES DE PESQUISA

BARBOSA, M. **Umas mulheres que dão no couro**. São Paulo: Empório de Produções & Comunicação, 2006. Inclui 1 DVD.

FERRETTI, S. F. **Querebentan de Zomadonu**: etnografia da Casa das Minas. São Luís: EDUFMA, 1985.

_____. **Repensando o sincretismo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995.

GOUVEIA, C. R. M. **As esposas do Divino**: poder e prestígio feminino nas festas do Divino em terreiros de tambor de mina em São Luís do Maranhão. 2001. 156 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

LIMA, C. de. **Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara** (Maranhão). Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória/ Grupo de Trabalho de Alcântara, 1988.

MARANHÃO (Estado). Secretaria de Estado da cultura. Centro de cultura popular Domingos Vieira Filho. **Memória de velhos. depoimentos**: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. vol I. São Luís: Lithograf, 1997a.

MARANHÃO (Estado). Secretaria de Estado da cultura. Centro de cultura popular Domingos Vieira Filho. **Memória de velhos. depoimentos**: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. vol IV. São Luís: Lithograf, 1997b.

PACHECO G.; GOUVEIA, C.; ABREU, M. C. **Caixeiros do Divino Espírito Santo do Maranhão**. Rio de Janeiro: Associação Cultural Caburé, 2005. Inclui 2 CDs sonoros.

VIEIRA FILHO, D. **A Festa do Divino Espírito Santo**. São Luís: [s.n.], 1954. Separata da Revista da Academia Maranhense de Letras. v.9.

_____. Folclore do Maranhão: Festa do Divino Espírito Santo. **Revista Maranhense de Cultura**, São Luís: FUNC; ano.1, n.1, p.55-58, jan-jun 1974.

REFERÊNCIAS CITADAS

ABREU, M. **O império do Divino**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999.

_____. Cultura popular e relações de poder nas comemorações do Divino Espírito Santo no Rio de Janeiro do século XIX. In: CARVALHO, L. (Org.). **Divino toque do Maranhão**. Rio de Janeiro: IPHAN;CNFCP, 2005. p. 7-21.

ALVES, I.M. Questões epistemológicas e metodológicas em terminologia. In: CARVALHO, N. M. de; SILVA, M. E. B. (Orgs.) **Lexicologia, lexicografia e terminologia: questões conexas**. ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, I, 1998, Recife. **Anais...**, Recife: UFPE, 1998a, p. 95-106.

_____. **Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais**. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2.ed. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 191-200.

ARAGÃO, M. do S. S. de. Do baianês ao piauiês: a onda de dicionários regionais nordestinos. **Revista do GELNE**, Fortaleza, v.2, n.1, p.53-59, 2000.

_____. **A linguagem regional/popular na obra de José Lins do Rego**. João Pessoa: FUNESC, 1990.

AUBERT, F. H. Língua como estrutura e como fato histórico-social: conseqüências para a terminologia. In: ALVES, I. M. (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 1996. p.11-15.

AUGER, P. Implantabilité et acceptabilité terminologiques: les aspects linguistiques d'une socioterminologie de la langue du travail. **Terminologies Nouvelles**, Quebec; n. 12, p. 47-57, 1994.

AYMERICH, J. F. **La variació terminològica: anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d'especialització de l'àrea de medi ambient**. 2002. 569 f. Tese (Doctorat en Variació en el Llenguatge) – Universitat de Barcelona, Barcelona, 2002.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BARBOSA, M. A. **Léxico, produção e criatividade**: processos de neologismo. São Paulo: Global, 1981.

_____. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA , II; ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA, I, 1990, Brasília. **Anais...**, Brasília: IBICT, 1990.

_____. Sobre a etno-terminologia: discurso etno-literários, do léxico à axiologia. [s.n.t.]a.

BARBOSA, M. O Divino, as caixeiras e o futuro ninguém sabe o que será. In: CARVALHO, L. (Org.). **Divino toque do Maranhão**. Rio de Janeiro: IPHAN;CNFCP, 2005. p. 33-47.

_____. **Um as mulheres que dão no couro**. São Paulo: Empório de Produções & Comunicação, 2006. Inclui 1 DVD.

BARITÉ, M. **Diccionario de organización y representación del conocimiento**: clasificación, indización, terminología. Uruguai: Universidad de la republica Oriental del Uruguay, 2000. Disponível em: <<http://www.eubca.edu.uy/diccionario/diccion.htm>>. Acesso em 15 ago. 2008.

BARTHES, R. **S/Z**. Paris: [s. n.], 1970.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. ver.e amp. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de. ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001b, p.13-22.

BORBUJO, A. S. Terminología y socioterminología. In: REAL, E.; JIMENEZ, D.; PUJANTE, D.; CORTIJO, A. (eds.). **Écrire, traduire et représenter la fête**. València: Universitat de València, 2001, p. 657-664.

BOULANGER, J.-C. Une lecture socioculturelle de la terminologie. In : GAUDIN, F. et ASSAL, A. (ed.) Terminologie et sociolinguistique. **Cahiers de Linguistique Sociale**, Rouen: Université de Rouen, n. 18, p. 13-30, 1991.

BOUTIN-QUESNEL, R. *et al.* **Vocabulaire systématique de la terminologie**. Québec: Office de la langue française, 1990.

CABRÉ CASTELLVI, M. T. **La terminología: teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Antártida, 1993.

_____. La terminología hoy: concepciones, tendencias e aplicaciones. **Ciência da Informação**, Brasília; v. 24, n. 3., p. 289-298., 1995.

_____. La Terminología, una disciplina en evolución: pasado, presente y algunos elementos de futuro. **Revista Debate Terminológico**, n. 1 – 03, 2005. Disponível em <<http://www.riterm.net/revista/n1/cabre.pdf>>. Acesso em 10 de Nov. 2008a.

CAMARA CASCUDO, L. da. **Antologia do folclore brasileiro**. v.1. São Paulo: Global, 2002.

CÂMARA JUNIOR, J. M. Língua e cultura. In: _____. **Dispersos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004, p. 265-293.

CARDOSO, A. L. M. **Vocabulário do bumba-meu-boi do Maranhão: uma abordagem lexicográfica e terminológica**. 2004. 209 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CARVALHO, M. M. P. de. Um império divino para o divino. In: **Projeto Divino Maranhão 2007: um império popular**. São Luís, 2007. 1 peça publicitária.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CLAS, A. A pesquisa terminológica e a formulação de parâmetros em função das necessidades dos usuários. In: ISQUERDO, M. A.; KRIEGER, M. da G. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. 2, Campo Grande: editora da UFMS, 2004. p. 223-238.

COSERIU, E. Fundamentos e tarefas de sócio e etnolingüística. In: CONGRESSO NACIONAL DE SÓCIO E ETNOLINGÜÍSTICA, I, 1987, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 1987, p.17.

COSTA, A. de M. **O léxico do vestuário da década de 80**. 2004. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

DIKI-KIDIRI, M. La terminología cultural: fundamentos de una verdadera localización. In: SIMPOSIO IBEROAMERICANO DE TERMINOLOGÍA [RITERM], VIII, 2002, Cartagena das Índias. **Atas...**, Cartagena de índias, 2002. Disponível em: <<http://www.riterm.net/actes/8simposio/indice02.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2008.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 2001.

DUBUC, R. **Manuel pratique de terminologie**. Montreal: LINGUATECH/ Paris: Conseil International de la Langue Française, 1978.

_____. **Manuel pratique de terminologie**. Montréal: Linguatech, 1992.

FARIAS, E. M. P. Linguagem da moda no Português Contemporâneo. 2001. Tese (Doutorado em Lingüística) – Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001. In: **Tópicos em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. ARAGÃO, M. do S. S. de; PONTES, A. L.; FARIAS, E. M. P. (Orgs.). Fortaleza: UFC, 2006. 1 CD-ROM, p. 12-139.

_____. **Glossário de termos da moda**. Fortaleza: SEBRAE/UFC, 2003.

FAULSTICH, E. Socioterminologia : mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Revista Ciência da Informação**: Revista da SBPC, São Paulo; v.24, n.3, 1995a.

_____. Príncipes formels et fonctionnels de la variation em terminologie. **Terminology**, Amsterdam/Philadelphia : John Benjamins v.5(1), p. 93/103, 1998/1999. [s.n.t.]

_____. A Socioterminologia na Comunicação Científica e Técnica. **Revista Ciência e Cultura**: Revista da SBPC, São Paulo. v.58, n.2, p. 27-31, abr/jun. 2006. Disponível em: <<http://www.unb.br/il/liv.enilde/base/artigo.htm>>. Acesso em : 10 nov. 2008a.

_____. Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua. In: SIMPOSIO IBEROAMERICANO DE TERMINOLOGÍA[RITERM], VI, 1998, Havana. Disponível em: <<http://www.unb.br/il/liv.enilde/base/artigo.htm>>. Acesso em : 10 nov. 2008b.

_____. Metodologia para projeto terminográfico. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA [RITERM], II., 1990, Brasília. **Atas...** Disponível em: <<http://www.riterm.net/actes2simposiokrieger.htm>>. Acesso em: 07 jan. 2008c.

_____. **Variações terminológicas**: princípios lingüísticos de análise e método de recolha. Disponível em: <<http://www.realiter.net/nice/faultstich.htm>> Acesso em: 8 nov. 2008d.

FERREIRA, J. R. **Alcântara e o Império do Divino**: pedras e tronos decadentes. 1998. 152 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 1998.

FERRETTI, M. M. R. **Desceu na guma**. São Luís: SIOGE, 1993.

FERRETTI, S. F. **Querebentan de Zomadonu**: etnografia da Casa das Minas. São Luís: EDUFMA, 1985.

_____. **Repensando o sincretismo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995.

_____. Festa do Divino no Maranhão. In: CARVALHO, Luciana (Org.). **Divino toque do Maranhão**. Rio de Janeiro: IPHAN;CNFCP, 2005. p. 23-31.

FINATTO, M. J. B. Caracterização de paradigmas definicionais terminológicos. SIMPOSIO IBEROAMERICANO DE TERMINOLOGÍA [RITERM], IV, 1994, Buenos Aires. **Atas...** Disponível em: <<http://www.riterm.net/actes/4simposio/indice94.htm>>. Acesso em: 8 nov. 2008.

_____. A definição terminológica do dicionário TERMISUL: expressões lingüísticas de relações conceituais complexas. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2.ed. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 211-223.

_____. Termos, textos e textos com termos: novos enfoques dos estudos terminológicos de perspectiva lingüística. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v.2. Campo Grande: UFMS, 2004, p. 341-357.

GAMBIER, Y. Présupposés de la terminologie: vers une remise en cause. **Cahiers de linguistique sociale**. n. 18, p. 31-58., 1991.

GAUDIN, F. **Pour une socioterminologie**. Rouen: Publications Université de Rouen, 1993.

_____. **Socioterminologie**: une approche sociolinguistique de la terminologie. Bruxelles : Duculot, 2003.

GOUVEIA, C. “**O Reinado de Vó Missã**”: estudo da festa do Divino em um terreiro de mina em São Luís. 1997. 105 f. Monografia. (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 1997.

_____. **As esposas do Divino**: poder e prestígio feminino nas festas do Divino em terreiros de tambor de mina em São Luís do Maranhão. 2001. 156 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

HAENSCH, G. et al. **La lexicografía**: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.

HUMBLEY, J. Terminologie et néologie. Le français et son enseignement: évolutions et mutations. **Dialogues et cultures**. n. 42. Bruxelles: p. 23-28, 1998.

_____. ; CANDEL, D. Oralisation de sigles en aéronautique. **Linx**, Paris: Université Paris X-Nanterre; n.30., p. 133-151., 1994.

ISO 1087. **Terminologie et vocabulaire**. Génève: Organisation Internationale de Terminologie, 1990.

KRIEGER, M. da G. Terminologia revisitada. **DELTA**, [S.l.]; v. 16, n. 2, p. 209-228., 2000.

_____. ; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia**: teoria & prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LACROIX, M. de L. L. **A Fundação Francesa de São Luís e seus Mitos**. São Luís: Lithograf, 2002.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LEWANDOWSKI, T. **Diccionario de lingüística**. Madrid: Cátedra, 1986.

LIMA, C. de. **Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara** (Maranhão). Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória/ Grupo de Trabalho de Alcântara, 1988.

_____. Reportagem-viagem ao divino espírito santo dos Açores. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís; n.24., p. 14-16., dez. 2002c.

_____. **O Divino Espírito Santo**. 11f. [s.n.t.]. Não paginado.

MARQUES, A. **Terra enfeitada e rica**. São Luís: Imparcial, 1941.

MATOS, F. G. de. Um desafio terminológico aos lingüistas: a construção de glossários. SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA [RITERM], II, 1990, Brasília. **Atas...** Disponível em: <<http://www.riterm.net/actes/2simposio/indice90.htm>>. Acesso: 10 nov. 1990.

MENDES, H. F. **Do Espírito Santo à Trindade**: um programa social de cristianismo inculturado. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2006.

MEYER, M. **Tem mouro na costa; ou, Carlos Magno, reis (sic.) do Congo**. São Paulo, 1986. Datilografado.

PACHECO G.; GOUVEIA, C.; ABREU, M. C. **Caixeiros do Divino Espírito Santo do Maranhão**. Rio de Janeiro: Associação Cultural Caburé, 2005. Inclui 2 CDs sonoros.

PICOCHÉ, J. **Précis de lexicologie française** - l'étude et l'enseignement du vocabulaire. Paris: Natan, 1977.

ROCHA, M. de F. S. A cultura do arroz no Baixo Mondego e na Baixada Maranhense: considerações sobre o léxico. In: RAMOS, C. de M. de A.; ROCHA, M. de F. S.; BEZERRA, J. de R. M. (Orgs.). **O atlas lingüístico do Maranhão em foco**. São Luís: Edufma, 2006.

SAPIR, E. **Lingüística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SIMÕES, M. B. **Roteiro lexical do culto e festas do Espírito Santo nos Açores**. Lisboa: ICALP, 1987.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e lingüística**. São Paulo: Contexto, 2004.

ULLMAN, S. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. 5 ed. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

WAGNER, R.-L. **Les vocabulaires français**: définitions – les dictionnaires. Paris: Didier, 1967.

VASCONCELOS, A. Glossário da terminologia do caranguejo: uma perspectiva socioterminológica. In: RAZKY, A. (Org.) **Estudos geo-sociolingüísticos no Estado do Pará**. Belém, 2003, p. 143-154.

VIEIRA FILHO, D. **A Festa do Divino Espírito Santo**. São Luís: [s.n.], 1954. Separata da Revista da Academia Maranhense de Letras. v.9.

_____. Folclore do Maranhão: Festa do Divino Espírito Santo. **Revista Maranhense de Cultura**, São Luís: FUNC; ano.1, n.1, p.55-58, jan-jun 1974.

_____. **A Festa do Divino em Alcântara e São Luís**. São Luís: IPEL, 1975.

_____. Outras manifestações: Festa do Divino Espírito Santo. In: _____. **Folclore brasileiro: Maranhão**. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, 1977, p. 47-49.

VILELA, M. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994a.

_____. **Metáforas do nosso tempo**. Coimbra: Almedina, 2002.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ABBEVILLE, C. d'. **História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975.

ABREU, M. **O império do Divino**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999.

_____. Cultura popular e relações de poder nas comemorações do Divino Espírito Santo no Rio de Janeiro do século XIX. In: CARVALHO, L. (Org.). **Divino toque do Maranhão**. Rio de Janeiro: IPHAN;CNFCP, 2005. p. 7-21.

ADELSTEIN, A. ; CABRÉ, M.T. Representación lexicográficas de las unidades terminológicas. In: SIMPOSIO ÍBERO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA: TERMINOLOGIA E INDÚSTRIAS DA LÍNGUA, VII., 2000, Lisboa. **Actas**. Disponível em: <<http://www.riterm.net/actes/7simposio.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2008.

_____; FELIU, J. Relações semânticas entre unidades léxicas com valor especializado e descritores. In: KRIEGER, M. da G.; ARAÚJO, L. (Orgs.). A terminologia em foco. **Cadernos de tradução**, Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS; n.17, p. 115- 128, out.-dez. 2004.

A FESTA do divino em Alcântara. Dirigido por Murilo Santos. Produção: Sacada Produções. Vídeo Patrocinado pelo Governo do Estado do Maranhão. São Luís: Sacada produções,. 1 DVD.

ALMEIDA, G. M. de B. A teoria comunicativa da terminologia e a sua prática. **Alfa**, São Paulo; v. 50, n. 2., p. 85-101, 2006.

ALVES, I. M. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.

_____. (org). A constituição da normalização terminológica no Brasil. **Cadernos de Terminologia**, São Paulo: USP, n.1. 1996.

_____. Questões epistemológicas e metodológicas em terminologia. In: CARVALHO, N. M. de; SILVA, M. E. B. (Orgs.) **Lexicologia, lexicografia e terminologia: questões conexas**. ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, I, 1998, Recife. **Anais...**, Recife: UFPE, 1998a, p. 95-106.

_____. (Coord.) Glossário de termos neológicos da economia. **Cadernos de Terminologia**, São Paulo: USP, n.3. 1998b.

_____. A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico. **Alfa**, São Paulo, v. 50, n. 2., p.131- 144, 2006.

_____. et al. A pesquisa em terminologia: aspectos da variação nas línguas de especialidade. **Projeto Integrado de Pesquisa**, CNPq n. 522419/95-0, coordenado por Ieda Maria Alves.

ANDRADE, M. M. de. Organização da macroestrutura: problemas metológicos. In: CARVALHO, N. M. de; SILVA, M. E. B. (Orgs.) *Lexicologia, lexicografia e terminologia: questões conexas*. ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, I, 1998, Recife. **Anais**, Recife: UFPE, 1998.

_____. *Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais*. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2.ed. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 191-200.

ANJOS, E. D. dos. **Glossário terminológico ilustrado de movimentos e golpes da capoeira**: um estudo término-lingüístico. 2003. 223f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

ARAGÃO, M. do S. S. de. Do baianês ao piauiês: a onda de dicionários regionais nordestinos. **Revista do GELNE**, Fortaleza, v.2, n.1, p.53-59, 2000.

_____. **A linguagem regional/popular na obra de José Lins do Rego**. João Pessoa: FUNESC, 1990.

_____. *et al.* **Glossário aumentado e comentado de Bagaceira**. João Pessoa: A União, 1984.

ASSUNÇÃO, D. M. F. **Organização discursiva da festa do bumba-meu-boi do Maranhão**. 2004. 163f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

AS ILHAS Atlânticas e o Brasil. Dirigido por Carlos Brandão Lucas. Vídeo patrocinado pelo Centro de Estudos da História do Atlântico. Funchal: CEHA, 2000. 1 DVD

AUBERT, F. H. Língua como estrutura e como fato histórico-social: conseqüências para a terminologia. In: ALVES, I. M. (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 1996. p.11-15.

AUGER, P. Pour un modèle variationniste de l'implantation terminologique dans les entreprises du Québec. In: COLLOQUE SUR LA PROBLÉMATIQUE DE L'AMÉNAGEMENT LINGUISTIQUE (enjeux théoriques et pratiques). **Actes...** Québec: OLF/Université de Québec à Chicoutimi, p.483-493, 1993.

_____. Implantabilité et acceptabilité terminologiques: les aspects linguistiques d'une socioterminologie de la langue du travail. **Terminologies Nouvelles**, Quebec; n. 12, p. 47-57, 1994.

_____; L'HOMME, M.-C. A terminologia segundo uma abordagem textual. In: KRIEGER, M. da G.; ARAÚJO, L. (Orgs.). A terminologia em foco. **Cadernos de tradução**. Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS; n.17, p. 109-114, out.-dez. 2004.

AYMERICH, J. F. **La variació terminològica**: anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d'especialització de l'àrea de medi ambient. 2002. 569 f. Tese (Doctorat en Variació en el Llenguatge) – Universitat de Barcelona, Barcelona, 2002.

BACELAR DO NASCIMENTO, M. F. Corpora comparáveis e variação lexical nas variedades africanas do português. **Alfa**, São Paulo, v.50, n. 2., p.189-204, 2006.

BAESSE, D. Viva o imperador! Viva! **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís; n.22., p. 3., jun. 2002.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BARBOSA, M. A. Proposta de uma metodologia de análise estrutural e funcional de descritores de glossários técnico-científicos. **Acta semiotica et lingüística**, v.3, 1979, p.69-96.

_____. **Léxico, produção e criatividade**: processos de neologismo. São Paulo: Global, 1981.

_____. Lexicologia aspectos estruturais e semântico-sintáticos. In: PAIS, C. T. et al. **Manual de lingüística**. São Paulo: Global, 1986.

_____. Aspectos da produção dos vocabulários técnico-científicos. In: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS SEMINÁRIOS DO GEL, XVII, 1989, São Paulo. **Anais...**, São Paulo: GEL/USP, 1989. p. 105-112.

_____. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA , II; ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA, I, 1990, Brasília. **Anais...**, Brasília: IBICT, 1990.

_____. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: objeto, métodos, campos de atuação e de cooperação. In: SEMINÁRIO DO GEL XIX, 1991, Franca. **Anais...** Franca: UNIFRAN, 1991, p. 182-189.

_____. O percurso gerativo da enunciação, a relação de equivalência lexical e o ensino do léxico. In: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS XXI. SEMINÁRIOS DO GEL, 1992, Jahu, **Anais...** Jahu: GEL/ Fundação Raul Bauab, v.1., 1992, p.258-265.

_____. O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos. In: I ENCONTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DE ASSIS, 1993, Assis. **Anais...**, Assis: UNESP, 1993.

_____. Dicionário de língua, vocabulários técnico-científicos, glossários: estatuto semântico sintático das unidades-padrão. In: ESTUDOS LINGUISTICOS XXIII. SEMINÁRIOS DO GEL, 1994, São Paulo. **Anais**, São Paulo; v. 1., 1994a.

_____. Da microestrutura de vocabulários técnico-científicos bilíngües: para um microsistema terminológico de ecologia e meio ambiente. In: SIMPÓSIO IBERORAMERICANO DE TERMINOLOGIA, IV – RITerm – “Terminologia y desarrollo”, 1994, Buenos Aires **Atas...**, Buenos Aires: Unionlatina; Secretaria de Ciência e Tecnologia de La Nación , 1994b. p. 141-146.

_____. Contribuição ao estudo dos aspectos da tipologia de obras lexicográficas. **Ciência da informação**. [S.l.] v. 24, n. 3, 1995.

_____. Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações. **Acta Semiótica et lingüística**, São Paulo: Plêiade, v. 7, p. 25-44, 1998.

_____. Sobre a etno-terminologia: discurso etno-literários, do léxico à axiologia. [s.n.t.]a.

_____ et al. Modelo em lexicologia, lexicografia e terminologia: a construção do conceito e da definição.[s.n.t.]b.

_____. Para uma etno terminologia: recortes epistemológicos. **Ciência e cultura**, São Paulo; v.58, n.2., p. 48-51, 2006.

_____. Etno-terminologia e terminologia aplicada: objeto de estudo, campo de atuação. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. 3. Campo Grande: UFMS;Humanitas, 2007a, p. 433-443.

_____. Estudos em etno-terminologia: as unidades lexicais na literatura de cordel. **Revista Brasileira de lingüística**. São Paulo: 3ª margem Ed., 2007b.

BARBOSA, M. O Divino, as caixeiras e o futuro ninguém sabe o que será. In: CARVALHO, L. (Org.). **Divino toque do Maranhão**. Rio de Janeiro: IPHAN;CNFCP, 2005. p. 33-47.

_____. **Um as mulheres que dão no couro**. São Paulo: Empório de Produções & Comunicação, 2006. Inclui 1 DVD.

BARCELOS, J. M. S. de. **Dicionário de falares dos Açores**: vocabulário regional de todas as ilhas. Coimbra: Almedina, 2008.

BARITÉ, M. **Diccionario de organización y representación del conocimiento**: clasificación, indización, terminología. Uruguai: Universidad de la republica Oriental del Uruguay, 2000. Disponível em: <<http://www.eubca.edu.uy/diccionario/diccion.htm>>. Acesso em 15 ago. 2008.

BARROS, A. E. O Maranhão e o maranhense no bim bum bum das caixas do divino. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís; n.31., p. 4-5., jun. 2005.

BARROS, L. A. Proposta de homogeneização da terminologia designativa das obras lexicográficas e terminográficas. In: SIMPÓSIO IBERO-AMERICANODE TERMINOLOGIA VI, 1998, Havana. **Actas...** Lisboa: Colibri/ILTEC, ,2002. p. 217 – 230.

_____. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.

BARTHES, R. **S/Z**. Paris: [s. n.], 1970.

BASÍLIO, M. **Estruturas léxicas do português**: uma abordagem gerativa. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1987.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. ver.e amp. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

BÉJOINT, H.; THOIRON, P. **Les dictionnaires bilingues**. Louvain: Duculot, 1996.

BEVILACQUA, C. R.; FINATTO, M. J. B. Lexicografia e terminografia: alguns contrapontos fundamentais. **Alfa**, São Paulo; v.50, n. 2., p. 43-54. 2006.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria lingüística**: lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

_____. A ciencia da lexicografía. In: BIDERMAN, M. T. C.(org). **Alfa**: Revista de Lingüística, São Paulo: UNESP, n.28, p. 1-26, 1984a. Suplemento.

_____. O dicionário padrão da língua. In: BIDERMAN, M. T. C.(org). **Alfa**: Revista de Lingüística, São Paulo: UNESP; n.28, p. 27-43, 1984b. Suplemento.

_____. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de hoje**, Porto Alegre: PUCRS; v.22, n.4., p.81-96, dez. 1987.

_____. Léxico: testemunho de uma cultura. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA ROMÂNICA, 19, 1989, Santiago de Compostela. **Anais...** Santiago de Compostela, 1989.

_____. O sistema e a norma lingüística e a práxis das línguas de especialidade. In: SIMPOSIO IBEROAMERICANO DE TERMINOLOGÍA: TERMINOLOGÍA, CIENCIA Y TECNOLOGÍA, CIDADE DO MÉXICO, V, 1996, México, **Atas...**, México, 1996. Disponível em: <<http://www.riterm.net/actes/5simposio/indice96.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2008.

_____. O dicionário como norma na contemporaneidade. In: CARVALHO, N. M. de et SILVA, M. E. B. (Orgs.) Lexicologia, lexicografia e terminologia: questões conexas. ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, I, 1998, Recife. **Anais...**, Recife: UFPE, 1998, p. 161-180.

_____. Os dicionários da contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas.. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. de. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v.1. 2.ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001a, p. 131-144.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de. ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001b, p.13-22.

_____. **Teoria lingüística**: teoria lexical e lingüística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001c.

BORBUJO, A. S. Terminología y socioterminología. In: REAL, E.; JIMENEZ, D.; PUJANTE, D.; CORTIJO, A. (eds.). **Écrire, traduire et représenter la fête**. València: Universitat de València, 2001, p. 657-664.

BOULANGER, J.-C. Une lecture socioculturelle de la terminologie. In : GAUDIN, F. et ASSAL, A. (ed.) Terminologie et sociolinguistique. **Cahiers de Linguistique Sociale**, Rouen: Université de Rouen, n. 18, p. 13-30, 1991.

BOURIGAULT, D.; SLODZIAN, M. Por uma terminologia textual. In: KRIEGER, M. da G.; ARAÚJO, L. (Orgs.). A terminologia em foco. **Cadernos de tradução**, Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS, n.17. p. 101-108, out.-dez., 2004.

BOUTIN-QUESNEL, R. *et al.* **Vocabulaire systématique de la terminologie**. Québec: Office de la langue française, 1990.

CABRÉ CASTELLVI, M. T. **La terminología**: teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Antártida. 1993.

_____. La terminología hoy: concepciones, tendências e aplicaciones. **Ciência da Informação**, Brasília; v. 24, n. 3., p. 289-298., 1995.

_____. **Terminologia**. Barcelona: Servei de llengua Catalana, 1996.

_____; FELIU, J. (orgs.). **Terminologia y cognición**. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada/Institut Pompeu Fabra, 2001.

_____. A terminologia hoje: concepções, tendências e aplicações. In: KRIEGER, M. da G.; ARAÚJO, L. (Orgs.). A terminologia em foco. **Cadernos de tradução**, Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS, n.17., p. 9-30. out.-dez., 2004.

_____. La clasificación de neologismos: una tarea compleja. **Alfa**, São Paulo v. 50., n. 2., p. 229-250, 2006.

_____. La Terminología, una disciplina en evolución: pasado, presente y algunos elementos de futuro. **Revista Debate Terminológico**, n. 1 – 03, 2005. Disponível em <<http://www.riterm.net/revista/n1/cabre.pdf>>. Acesso em 10 de Nov. 2008a.

_____. Lexicología y variación: hacia un modelo integrado. In: SIMPOSIO IBEROAMERICANO DE TERMINOLOGÍA [RITERM], V, 1996, México, **Atas...**, México, 1996. Disponível em: <<http://www.riterm.net/actes/5simposio/indice96.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2008b.

CAMARA CASCUDO, L. da. **Antologia do folclore brasileiro**. v.1. São Paulo: Global, 2002.

CÂMARA JUNIOR, J. M. Língua e cultura. In: _____. **Dispersos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004, p. 265-293.

CANO, W. M. Os dicionários de língua, a norma cultural e os terminologismos. In: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia: questões conexas. ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, 1., 1995, Recife. **Anais...** Recife, 1998, p. 205-215.

_____. ; PRADO, D. de F. Os estrangeirismos na área da informática. **Alfa**, São Paulo, v.50, n. 2., p. 265-276, 2006.

CARDOSO, S. A. M. Dialetolegia atual: tendências e perspectivas. **Revista do GELNE**, João Pessoa; n.1/2., p. 185-191., 2003.

CARDOSO, A. L. M. **Vocabulário do bumba-meu-boi do Maranhão**: uma abordagem lexicográfica e terminológica. 2004. 209 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CARVALHO, M. M. P. de.; MONTENEGRO, A. T. **Memória de velhos. depoimentos**: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. vol VI. São Luís: SECMA, CMF, 2006.

CARVALHO, M. M. de. Divino Maranhão 2006. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís; n.34., p. 3., jun. 2006.

CARVALHO, M. M. P. de. Um império divino para o divino. In: **Projeto Divino Maranhão 2007**: um império popular. São Luís, 2007. 1 peça publicitária.

CARVALHO, N. Terminologia e linguística: aspectos ideológicos, lexicográficos e metodológicos. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA, 2., 1990,

Brasília. **Atas...** Brasília, 1990. Disponível em: <<http://www.riterm.net/actes2simposiokrieger.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2008.

_____.; SILVA, M. E. B. (orgs.) Lexicologia, lexicografia e terminologia: questões conexas. In: ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, I, 1998, Recife. **Anais**. Recife: UFPE, 1998.

CASTILLO, R. A. **Como hacer un diccionario científico técnico?** Buenos Aires: Memphis, 1997.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CLAS, A. A pesquisa terminológica e a formulação de parâmetros em função das necessidades dos usuários. In: ISQUERDO, M. A.; KRIEGER, M. da G. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. 2, Campo Grande: editora da UFMS, 2004. p. 223-238.

COSERIU, E. Fundamentos e tarefas de sócio e etnolingüística. In: CONGRESSO NACIONAL DE SÓCIO E ETNOLINGÜÍSTICA, I, 1987, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 1987, p.17.

COSTA, A. de M. **O léxico do vestuário da década de 80**. 2004. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

COSTA, A. **O culto do Espírito Santo**. Lisboa: Esquilo, 2008.

COSTA, M. R. V. **O termo como veículo de especificidades conceptuais e semânticas**. Disponível em <http://www.fl.ul.pt/unil/po14/mesa_txt2.pdf>. Acesso em : 10 ago. 2008.

DAPENA, J. Á. P. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco/Libros, 2002.

DIEGO, A. F. de. **Terminología: teoría y práctica**. Caracas: Equinoccio/Universidad Simon Bolivar, 1995.

DIKI-KIDIRI, M. La terminología cultural: fundamentos de una verdadera localización. In: SIMPOSIO IBEROAMERICANO DE TERMINOLOGÍA [RITERM], VIII, 2002, Cartagena das Índias. **Atas...**, Cartagena de índias, 2002. Disponível em: <<http://www.riterm.net/actes/8simposio/indice02.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2008.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 2001.

DUBUC, R. **Manuel pratique de terminologie**. Montreal: LINGUATECH/ Paris: Conseil International de la Langue Française, 1978.

_____. **Manuel pratique de terminologie**. Montréal: Linguatech, 1992.

DUCROT, O.; TODOROV, T. **Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

DURAN, M. S.; XATARA, C. M. As funções da definição nos dicionários bilíngües. **Alfa**, São Paulo, v.50, n. 2., p.145-154, 2006.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

EM NOME do Divino: Brasil. Dirigido por Carlos Brandão Lucas. Vídeo patrocinado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros. Lisboa: Fundação Camões, 2002. 1 DVD.

EM NOME do Espírito Santo. Dirigido por Carlos Brandão Lucas. Vídeo patrocinado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros. Lisboa: Fundação Camões, 2000. 1 DVD.

FARIAS, E. M. P. Linguagem da moda no Português Contemporâneo. 2001. Tese (Doutorado em Lingüística) – Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001. In: **Tópicos em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. ARAGÃO, M. do S. S. de; PONTES, A. L.; FARIAS, E. M. P. (Orgs.). Fortaleza: UFC, 2006. 1 CD-ROM, p. 12-139.

_____. Uma breve história do fazer lexicográfico. **Trama**. Porto Alegre: Universidade Estadual do Oeste do Paraná. No prelo.

_____. **Glossário de termos da moda**. Fortaleza: SEBRAE/UFC, 2003.

FAULSTICH, E. Socioterminologia : mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Revista Ciência da Informação**: Revista da SBPC, São Paulo; v.24, n.3, 1995a.

_____. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia**. Brasília,

LIV/UNB, 1995b.

_____. Príncipes formels et fonctionnels de la variation em terminologie. **Terminology**, Amsterdam/Philadelphia : John Benjamins v.5(1), p. 93/103, 1998/1999. [s.n.t.]

_____. A Socioterminologia na Comunicação Científica e Técnica. **Revista Ciência e Cultura**: Revista da SBPC, São Paulo. v.58, n.2, p. 27-31, abr/jun. 2006. Disponível em: <<http://www.unb.br/il/liv.enilde/base/artigo.htm>>. Acesso em : 10 nov. 2008a.

_____. Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua. In: SIMPOSIO IBEROAMERICANO DE TERMINOLOGÍA[RITERM], VI, 1998, Havana. Disponível em: <<http://www.unb.br/il/liv.enilde/base/artigo.htm>>. Acesso em : 10 nov. 2008b.

_____. Metodologia para projeto terminográfico. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA [RITERM], II., 1990, Brasília. **Atas...** Disponível em: <<http://www.riterm.netactes2simposiokrieger.htm>>. Acesso em: 07 jan. 2008c.

_____. **Variações terminológicas** : princípios lingüísticos de análise e método de recolha. Disponível em: <<http://www.realiter.net/nice/faultstich.htm>> Acesso em: 8 nov. 2008d.

_____. Terminologia: o projeto Brasilterm e a formação de recursos humanos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 356-363, set./dez. 1995c.

FERNANDES, A. A.; FERNANDES, M. **Espírito Santo em festa**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2006.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, J. R. **Alcântara e o Império do Divino**: pedras e tronos decadentes. 1998. 152 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 1998.

FERREIRA, R. R. **Para um vocabulário semi-sistemático da cultura e da indústria da rede de dormir**: um estudo dos movimentos sígnicos constitutivos de sua linguagem. 1997. Dissertação (Mestrado em Lingüística) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1997.

FERRETTI, M. M. R. **Desceu na guma**. São Luís: SIOGE, 1993.

FERRETTI, S. F. **Querebentan de Zomadonu**: etnografia da Casa das Minas. São Luís: EDUFMA, 1985.

_____. **Repensando o sincretismo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995.

_____. Festa do divino em São Luís. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís; n.7., p. 2., jun. 1997.

_____. Festa do Divino no Maranhão. In: CARVALHO, Luciana (Org.). **Divino toque do Maranhão**. Rio de Janeiro: IPHAN;CNFCP, 2005. p. 23-31.

FINATTO, M. J. B. Caracterização de paradigmas definicionais terminológicos. SIMPOSIO IBEROAMERICANO DE TERMINOLOGÍA [RITERM], IV, 1994, Buenos Aires. **Atas...** Disponível em: <<http://www.riterm.net/actes/4simposio/indice94.htm>>. Acesso em: 8 nov. 2008.

_____. Microestrutura no dicionário terminológico: bases teóricas e orientações metodológicas em direção ao seu tratamento formal. In: SIMPÓSIO IBERO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA [RITERM], VI, 1998, La Habana, 1998. **Actas**. Havana: Colibri/ILTEC, 1998, p. 445-456.

_____. A definição terminológica do dicionário TERMISUL: expressões lingüísticas de relações conceituais complexas. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2.ed. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 211-223.

_____. Termos, textos e textos com termos: novos enfoques dos estudos terminológicos de perspectiva lingüística. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v.2. Campo Grande: UFMS, 2004, p. 341-357.

FREIXA, J.; KOSTINA, T.; CABRÉ, M. T. La variación terminológica en las aplicaciones terminográficas. In: SIMPOSIO IBEROAMERICANO DE TERMINOLOGÍA, VIII, 2002, Cartagena das Índias. **Atas...**, Cartagena das Índias, 2002. Disponível em: <<http://www.riterm.net/actes/8simposio/indice02.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2008. p. 1- 20

GALISSON, R. **Lexicologie et enseignement des langues**. Paris: Hachette, 1979.

GAMBIER, Y. Présupposés de la terminologie: vers une remise en cause. **Cahiers de linguistique sociale**. n. 18, p. 31-58., 1991.

GAUDIN, F. **Pour une socioterminologie**. Rouen: Publications Université de Rouen, 1993.

_____. **Socioterminologie**: une approche sociolinguistique de la terminologie. Bruxelles : Duculot, 2003.

_____. ; ASSAL, A. (ed.) Terminologie et sociolinguistique. **Cahiers de Linguistique Sociale**, n. 18. Rouen: Université de Rouen, 1991.

GELDI, C.; CASTILLO, N. As definições de conceitos especializados em dicionários monolíngües. In: KRIEGER, M. da G.; ARAÚJO, L. (Orgs.). A terminologia em foco. **Cadernos de tradução**. Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS, n.17, p. 129-136., out.-dez., 2004.

GONÇALVES, J.; OLIVEIRA, L. Os foliões da divindade no cemitério dos caldeirões. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís; n.12., p. 6-7., dez. 1998.

GONÇALVES, J. R. **Pequeno vocabulário popular do Maranhão**. v.1 e 2. São Luís: Renovação, 1998.

GOUVEIA, C. **“O Reinado de Vó Missã”**: estudo da festa do Divino em um terreiro de mina em São Luís. 1997. 105 f. Monografia. (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 1997.

_____. Personalidades de um rito festivo: caixeiras do divino espírito santo. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís; n.17., p. 20-21., ago. 2000.

_____. **As esposas do Divino**: poder e prestígio feminino nas festas do Divino em terreiros de tambor de mina em São Luís do Maranhão. 2001. 156 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

GUILBERT, L. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.

HAENSCH, G. et al. **La lexicografía**: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.

HOFFMANN, L. Conceitos básicos da linguística das linguagens especializadas. In: KRIEGER, M. da G.; ARAÚJO, L. (Orgs.). A terminologia em foco. **Cadernos de tradução**. Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS, n.17, p. 79-90, out.-dez., 2004.

HUMBLEY, J. Terminologie et néologie. Le français et son enseignement: évolutions et mutations. **Dialogues et cultures**. n. 42. Bruxelles: p. 23-28, 1998.

_____.; CANDEL, D. Oralição de siglas en aeronautique. **Linx**, Paris: Université Paris X-Nanterre; n.30., p. 133-151., 1994.

ISO 1087. **Terminologie et vocabulaire**. Genève: Organisation Internationale de Terminologie, 1990.

ISQUERDO, A. N. ; OLIVEIRA, A. M. P. P. de. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v.1. 2.ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

_____.; KRIEGER, M. da G. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v.2. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

_____. Acheegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil. **Alfa**, São Paulo; v. 50, n. 2., p. 9-24., 2006.

_____. ; ALVES, I. M. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v.3. Campo Grande: Editora UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

KRIEGER, M. da G. Terminologia revisitada. **DELTA**, [S.l.]; v. 16, n. 2, p. 209-228., 2000.

_____. ; MACIEL, A. M. B.; BEVILACQUA, C. R. Relações semânticas de um dicionário ambiental. In: KRIEGER, M. G.; MACIEL, A. M. B. **Temas de Terminologia**. Porto Alegre/ São Paulo. Editora da UFRG, 2001.

_____. ; ARAUJO, L. (Orgs.) A terminologia em foco. **Cadernos de tradução**. Porto Alegre, n.17, p.1-138., out-dez, 2004.

_____. ; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia**: teoria & prática. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. Terminologias em construção: procedimentos metodológicos. **Alfa**, São Paulo; v. 50, n.2., p. 85-101., 2006.

_____ et al. O século XX, cenário dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira: relações com a identidade do português do Brasil. **Alfa**, São Paulo; v.50, n. 2., p.173-187., 2006.

LACROIX, M. de L. L. **A Fundação Francesa de São Luís e seus Mitos**. São Luís: Lithograf, 2002.

LAMB, S. M. Lexicologia e semântica. In: HILL, A. (org.). **Aspectos da lingüística moderna**. São Paulo: Cultrix, 1972, p. 42-52.

LEAL, J. **As festas do Espírito Santo nos Açores: um estudo de antropologia social**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.

LERAT, P. **Las lenguas especializadas**. Barcelona: Ariel, 1997.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LEWANDOWSKI, T. **Diccionario de lingüística**. Madrid: Cátedra, 1986.

LIMA, C. de. **Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (Maranhão)**. Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória/ Grupo de Trabalho de Alcântara, 1988.

_____. **Vida, paixão e morte da cidade de Alcântara-Maranhão**. São Luís,: Plano Editorial SECMA, 1997/1998.

_____. O divino espírito santo. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís; n.22., p. 10-13., jun. 2002a.

_____. Festa do Divino Espírito Santo. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís; n.23., p. 6-7., ago. 2002b.

_____. Reportagem-viagem ao divino espírito santo dos Açores. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís; n.24., p. 14-16., dez. 2002c.

_____. O divino espírito santo. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís; n.28., p. 2., jun. 2004.

_____. **História do Maranhão: a colônia**. São Luís: Geia, 2006.

_____. **O Divino Espírito Santo**. 11f. [s.n.t.]. Não paginado.

LINO, M. T. R. **O termo e o conceito**. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/citrat/terminologia.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2008

LOBATO, L. M. P. (org) **A semântica na lingüística moderna: o léxico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

MAGINA MEDINA, J. M. **O ciclo do Espírito Santo**. Angra do Heroísmo: Nova Gráfica Ltda., 2007.

MARANHÃO (Estado). Secretaria de Estado da cultura. Centro de cultura popular Domingos Vieira Filho. **Memória de velhos. depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense**. vol I. São Luís: Lithograf, 1997a.

MARANHÃO (Estado). Secretaria de Estado da cultura. Centro de cultura popular Domingos Vieira Filho. **Memória de velhos. depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense**. vol IV. São Luís: Lithograf, 1997b.

MARQUES, A. **Terra enfeitada e rica**. São Luís: Imparcial, 1941.

MATOS, F. G. de. Um desafio terminológico aos lingüistas: a construção de glossários. SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA [RITERM], II, 1990, Brasília. **Atas...** Disponível em: <<http://www.riterm.net/actes/2simposio/indice90.htm>>. Acesso: 10 nov. 1990.

MATOS, A. V. **Vocabulário semi-sistemático da terminologia do caranguejo**. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras, Lingüística e Teoria Literária) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

MEIRELES, M. M. **História do Maranhão**. 3. ed. São Paulo: Editora Siciliano, 2001.

MELLO, L. A. (org.). **Sociedade, cultura e língua**: ensaios de sócio e etnolinguística. João Pessoa: Shorin, 1990.

MENDES, H. F. **Festas do espírito Santo nos Açores**: proposta para uma leitura teológico-pastoral. Açores: Instituto Açoriano de Cultura; Santa Casa de Misericórdia de Angra do Heroísmo, 2001.

_____. **Do Espírito Santo à Trindade**: um programa social de cristianismo inculturado. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2006.

MEYER, M. **Tem mouro na costa; ou, Carlos Magno, reis (sic.) do Congo**. São Paulo, 1986. Datilografado.

NUNES, I. A reconstituição de um império na cidade de Alcântara. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís; n.13., p. 3., jun. 1999.

_____. (Org.). **Olhar, memória e reflexões sobre a gente do Maranhão**. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2003.

NUVENS, M. A. **Elementos para um glossário dos termos da cultura, industrialização e comercialização da cana-de-açúcar**. 2006. 156f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2006.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. Apresentação. In: _____. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2.ed. Campo Grande: UFMS, 2001, p.9-11.

PACHECO G.; GOUVEIA, C.; ABREU, M. C. **Caixeiros do Divino Espírito Santo do Maranhão**. Rio de Janeiro: Associação Cultural Caburé, 2005. Inclui 2 CDs sonoros.

PAIS, C. T. O dicionário terminológico como simulacro de universo de discurso. In: SIMPOSIO IBEROAMERICANO DE TERMINOLOGÍA [RITERM], VI, 1998, Havana. . **Actas**. Lisboa: Colibri/ILTEC, 2002, p. 717-724.

PASSEGI, L. A. S. A definição do termo: aspectos semânticos e aspectos pragmáticos. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA [RITERM], II, 1990, Brasília. Disponível em:< <http://www.riterm.net/actes/2simposio/indice90.htm>>. Acesso: 10 nov. 1990.

PAVÃO, J. Festa do divino no terreiro das portas verdes. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís; n.11., p. 11., ago. 1998.

PEARSON, J. **Terms in context**. Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamins Publishing Co., 1998.

_____. Como ter acesso a elementos definitórios nos textos especializados. In: KRIEGER, M. da G.; ARAÚJO, L. (Orgs.). A terminologia em foco. **Cadernos de tradução**. Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS, n.17, p. 11-66., out.-dez., 2004.

PICHT, H. *Corpora* como ponto de partida para a extração de dados terminológicos. In: KRIEGER, M. da G.; ARAÚJO, L. (Orgs.). A terminologia em foco. **Cadernos de tradução**. Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS, n.17, p. 67-77., out.-dez., 2004.

_____; LAURÉN, C. Formas de representação na terminologia. In: KRIEGER, M. da G.; ARAÚJO, L. (Orgs.). A terminologia em foco. **Cadernos de tradução**. Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS, n.17, p. 91-100., out.-dez., 2004.

PICOCHÉ, J. **Précis de lexicologie française** - l'étude et l'enseignement du vocabulaire. Paris: Nathan, 1977.

PONTES, A. L. **Os termos da cultura e da industrialização do caju**. 1996. 224f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Estadual de São Paulo, Assis, 1996.

_____. **Terminologia científica** :o que é e como se faz. [s.n.t.].

PRETI, D. (Org.).**Léxico na língua oral e na escrita**.São Paulo: Humanitas, 2003.

REY, A. **La lexicologie**. Paris: Klincksiek, 1970.

_____. **Le lexique**: images et modèles du dictionnaire à la lexicologie. Paris: Armand Colins, 1977.

_____.**Terminologie, noms et notions**. Paris: PUF, 1992.

_____. **Essays on terminology**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamim, 1995.

REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. Tradução de C. B. de Moraes. **Alfa**, São Paulo; v.28, p. 45-69, 1984.

ROCHA, M. de F. S. A cultura do arroz no Baixo Mondego e na Baixada Maranhense: considerações sobre o léxico. In: RAMOS, C. de M. de A.; ROCHA, M. de F. S.; BEZERRA, J. de R. M. (Orgs.). **O atlas lingüístico do Maranhão em foco**. São Luís: Edufma, 2006.

SANTOS, R. M. A festa do divino de São Luís e Alcântara: dança de reverência. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís, n.36., p. 113-14., dez. 2006.

SAPIR, E. **Lingüística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SIMÕES, M. B. **Roteiro lexical do culto e festas do Espírito Santo nos Açores**. Lisboa: ICALP, 1987.

STREHLER, R. G. A socioterminologia como base para a elaboração de glossários. **Ciência da Informação**, Brasília; v. 24, n.3, p. 70-77., 1995.

TACKELS, S. **Typographie et terminologie**: guide de présentation des travaux terminologiques. Québec: Publications du Québec, 1990.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 2005.

TEMMERMAN, R. Teoria sociocognitiva da terminologia. In: KRIEGER, M. da G.; ARAÚJO, L. (Orgs.). **A terminologia em foco. Cadernos de tradução**, Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS, n.17, p. 31-50 out.-dez., 2004.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e lingüística**. São Paulo: Contexto, 2004.

ULLMAN, S. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. 5 ed. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

WAGNER, R.-L. **Les vocabulaires français**: définitions – les dictionnaires. Paris: Didier, 1967.

_____. **Les vocabulaires français: I-II.** Paris: Didier, 1967-1970.

WELKER, H. A. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia.** Brasília: Thesaurus, 2004.

WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica.** Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada/Institut Pompeu Fabra, 1998.

VASCONCELOS, A. Glossário da terminologia do caranguejo: uma perspectiva socioterminológica. In: RAZKY, A. (Org.) **Estudos geo-sociolingüísticos no Estado do Pará.** Belém, 2003, p. 143-154.

VEGA, J. Herramientas lingüísticas para la terminología. In: SIMPOSIO IBEROAMERICANO DE TERMINOLOGÍA [RITERM], IV, 1994, Buenos Aires. **Atas...** Disponível em: <<http://www.riterm.net/actes/4simposio/indice94.htm>>. Acesso em: 8 nov. 2008.

VIEIRA FILHO, D. **A Festa do Divino Espírito Santo.** São Luís: [s.n.], 1954. Separata da Revista da Academia Maranhense de Letras. v.9.

_____. **A linguagem popular do Maranhão.** 2. ed. São Luís do Maranhão: Tipogravura Teixeira, 1958.

_____. Folclore do Maranhão: Festa do Divino Espírito Santo. **Revista Maranhense de Cultura,** São Luís: FUNC; ano.1, n.1, p.55-58, jan-jun 1974.

_____. **A Festa do Divino em Alcântara e São Luís.** São Luís: IPEL, 1975.

_____. Outras manifestações: Festa do Divino Espírito Santo. In: _____. **Folclore brasileiro: Maranhão.** Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, 1977, p. 47-49.

VILELA, M. **Estudos de lexicologia do português.** Coimbra: Almedina, 1994a.

_____. O léxico do português: perspectivação geral. **Confluência,** Rio de Janeiro; n. 8, p. 17-30., 2.Sem. 1994b.

VIVEIROS, J. de. **Alcântara no seu passado econômico, social e político**. 3 ed. São Luís: AML/ALUMAR, 1999.

_____. **Metáforas do nosso tempo**. Coimbra: Almedina, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A

A Festa do Divino Espírito Santo no Maranhão – Alcântara e São Luís: uma proposta de glossário.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC/ UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PPGL/MINTER

LINHA DE PESQUISA: Descrição e análise lingüística

PESQUISADORA: Maria de Fátima Sopas Rocha

ORIENTADORA: Maria do Socorro Silva de Aragão

FICHA TERMINOLÓGICA				CÓDIGO:			
1 – Termo-entrada:							
2 – Referências gramaticais:							
3 – Indicação de dicionarização ou não dicionarização e suas acepções dicionarizadas:							
() TND	() TDAE	() TND	() TDAE	() TND	() TDAE	() TND	() TDAE
	() TDAD		() TDAD		() TDAD		() TDAD
	() TDAC		() TDAC		() TDAC		() TDAC
4 – Campo conceitual:							
() ciclo da festa () personagens () símbolos () insígnias () cânticos () outros							
5 – Variante:							
6 – Conceitos						Fonte	
Conceito 1:							
Conceito 2:							
Conceito 3:							
Conceito n:							
7 – Definição final:							
8 – Contexto (+ fonte):							
9 – Remissivas:							
Ver							
10 – Notas:							
Lingüística:							
Enciclopédia:							
11 – Data do 1º registro e da última atualização da Ficha:							

APÊNDICE B

A Festa do Divino Espírito Santo no Maranhão – Alcântara e São Luís: uma proposta de glossário.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CERARÁ – UFC/ UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PPGL/MINTER

LINHA DE PESQUISA: Descrição e análise lingüística

PESQUISADORA: Maria de Fátima Sopas Rocha

ORIENTADORA: Maria do Socorro Silva de Aragão

FICHA TERMINOLÓGICA				CÓDIGO: 98			
1 – Termo-entrada: TRIBUNA							
2 – Referências gramaticais: s.f.sing.							
3 – Indicação de dicionarização ou não dicionarização e suas acepções dicionarizadas:							
NDA		DHLP		DLP		ALPM	
() TND	() TDAE (X)TDAD ()TDAC	() TND	() TDAE (X)TDAD ()TDAC	() TND	() TDAE (X)TDAD ()TDAC	() TND	() TDAE ()TDAD ()TDAC
4 – Campo conceitual: () ciclo da festa () personagens (X) símbolos () insígnias () cânticos () outros							
5 – Variante: TRIBUNAL							
6 – Conceitos						Fonte	
Conceito 1: “O tribunal é o mesmo trono a que também chamam <tribuna>. O trono é ricamente ornamentado de arminhos e festões prateados, cortinas rendadas e mica em pó”						DVF, 8	
Conceito 2:”A <tribuna>, o local onde se desenrola a festa, é um salão decorado no qual se destacam o altar com os símbolos do Divino e as cadeiras onde ficam sentadas as crianças do império”						PGA, 18	
Conceito 3: “A tribuna ou trono consiste numa armação em degraus com cadeiras ao fundo da sala principal”						SFF2, 175	
Conceito n:							
7 – Definição final: 1. Salão decorado onde ficam expostas as insígnias e onde ficam sentados os membros do Império 2. Armação em degraus com cadeiras, ao fundo do salão.							
8 – Contexto (+ fonte): “Vem chegando Espírito Santo/ Voando daquela altura/ Entrando no tribunal/ para abrir sua <tribuna>” PGA, 19 “O meu nobre imperador/ É criança, qué brincar/ Vamos fazer um brinquedo/ Debaixo do <tribunal>” DVFc, 8							
9 – Remissivas: Ver SALÃO							
10 – Notas: Lingüística: Enciclopédica: “esse mesmo espaço /da tribuna/ se chamará Tribunal, quando nele se montarem os tronos do Império, e Corte, quando este já estiver presente.” MB,28							
11 – Data do 1º registro e da última atualização da Ficha:17/11/08; 22/11/08							

APÊNDICE C

A Festa do Divino Espírito Santo no Maranhão – Alcântara e São Luís: uma proposta de glossário.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC/ UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PPGL/MINTER

LINHA DE PESQUISA: Descrição e análise lingüística

PESQUISADORA: Maria de Fátima Sopas Rocha

ORIENTADORA: Maria do Socorro Silva de Aragão

FICHA TERMINOLÓGICA				CÓDIGO: 99			
1 – Termo-entrada: VAQUETAS							
2 – Referências gramaticais: s.f.pl.							
3 – Indicação de dicionarização ou não dicionarização e suas acepções dicionarizadas:							
NDA		DHLP		DLP		ALPM	
() TND	(X)TDAE	() TND	(X)TDAE	() TND	(x)TDAE	(X) TND	()TDAE
	()TDAD		()TDAD		()TDAD		()TDAD
	()TDAC		()TDAC		()TDAC		()TDAC
4 – Campo conceitual:							
() ciclo da festa () personagens () símbolos () insígnias () cânticos (X) outros							
5 – Variante: VANQUETAS; GAMBITOS							
6 – Conceitos						Fonte	
Conceito 1:							
Conceito 2:							
Conceito 3:							
Conceito n:							
7 – Definição final: Varetas com que são percutidas as caixas							
8 – Contexto (+ fonte): “o sagrado ali aparece como seu depositário: [...] as caixas e as <vaquetas>, <vanquetas> ou <gambitos> com que elas são percutidas [...]” MB, 33							
9 – Remissivas: Ver							
10 – Notas: Lingüística: Enciclopédica:							
11 – Data do 1º registro e da última atualização da Ficha: 10/11/08							

APÊNDICE D

A Festa do Divino Espírito Santo no Maranhão – Alcântara e São Luís: uma proposta de glossário.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC/ UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PPGL/MINTER

LINHA DE PESQUISA: Descrição e análise lingüística

PESQUISADORA: Maria de Fátima Sopas Rocha

ORIENTADORA: Maria do Socorro Silva de Aragão

FICHA TERMINOLÓGICA				CÓDIGO: 100			
1 – Termo-entrada: VASSALO							
2 – Referências gramaticais: s. m. sing.							
3 – Indicação de dicionarização ou não dicionarização e suas acepções dicionarizadas:							
NDA		DHLP		DLP		ALPM	
() TND	(X)TDAE	() TND	(X)TDAE	() TND	(X)TDAE	(X) TND	()TDAE
	()TDAD		()TDAD		()TDAD		()TDAD
	()TDAC		()TDAC		()TDAC		()TDAC
4 – Campo conceitual:							
() ciclo da festa (X) personagens () símbolos () insígnias () cânticos () outros							
5 – Variante:							
6 – Conceitos						Fonte	
Conceito 1:							
Conceito 2:							
Conceito 3:							
Conceito n:							
7 – Definição final: Membros do séquito do império							
8 – Contexto (+ fonte): “[...] dois <vassalos> do Reino, também fantasiados, de roupas cinzentas e faixas verde-amarelas atravessadas ao peito” CL, 35							
9 – Remissivas: Ver							
10 – Notas: Lingüística:							
Enciclopédica:							
11 – Data do 1º registro e da última atualização da Ficha: 10/11/08; 21/11/08							

ANEXOS



Anexo A – Convite para a Festa do Divino no terreiro de Iemanjá



Anexo B – Convite para a Festa do Divino no terreiro Ilê Ashé Obá Izou



PROGRAMAÇÃO DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO PAÇO DO LUMIAR -2008

Dia 11 de outubro de 2008 às 16:00 horas – levantamento do mastro.

Dia 12 de outubro de 2008 às 10:00 horas – missa solene na matriz para a coroação.

Dia 18 de outubro de 2008 às 20:00 horas – missa solene, em seguida visita dos impérios.

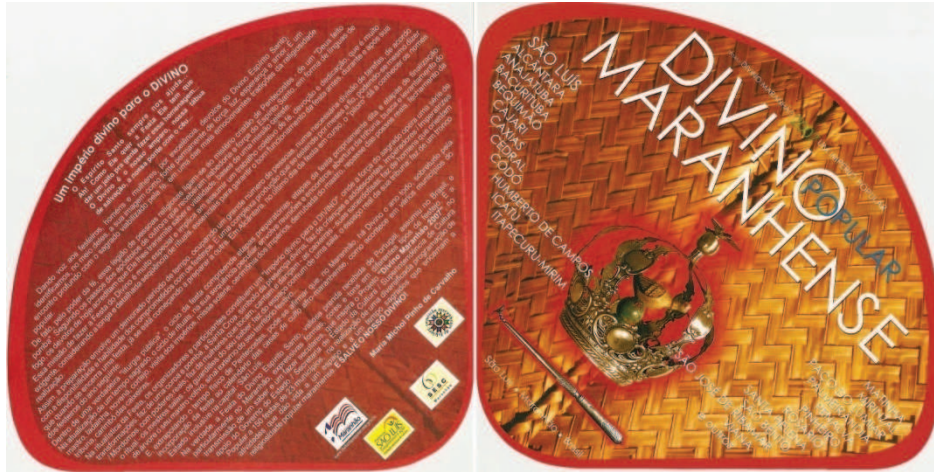
Dia 19 de outubro de 2008 às 10:00 horas – missa solene na matriz de N. Sra. Da Luz.

Dia 20 de outubro de 2008 encerramento às 10:00horas com carimbo.

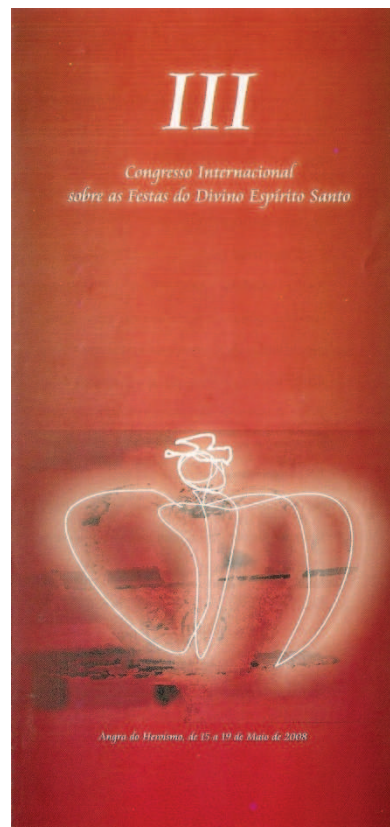
Anexo C – Programação da Festa do Divino da Irmandade do Espírito Santo em Paço do Lumiar



Anexo D – Abano com a programação da Festa do Divino de Alcântara em 2007



Anexo E – Abano de propaganda da Festa do Divino no Maranhão



Anexo F – Capa da programação do III Congresso Internacional sobre as Festas do Divino Espírito Santo realizada na Ilha Terceira nos Açores- Portugal



AGENDA DE CULTURA POPULAR

AGENDA DE CULTURA POPULAR

FESTEJO DO DIVINO DE 01 DE JANEIRO A 31 DE JULHO-SÃO LUÍS-MA

DATA	FESTEIRO	ENDEREÇO	TELEFONE
01 a 09/01	Antonia Pereira	Travessa 09, Casa 12 - Ilhinha / São Francisco CEP: 65.073-010	3084-1726
11 a 25/01	Claudionor Calvet Pinto	Rua Eptácio Cafeteira, 120 - Vila Embratel CEP: 65.000-000	3228-0118
12 a 21/01	Manoel das Chagas Aires da Silva	Rua São Luís, Casa 22 - Vila da Conceição / Coroadinho CEP: 65.000-000	3224-3802 3253-2331 3275-3283
17 a 26/01	Helenice Soares Dias	Rua Austrália, Qda. 35, Casa 32 - Anjo da Guarda CEP: 65.081-970	3228-0745 9964 3905
15/04 a 05/05	Benedita Pereira Bottentuit	Travessa da Amendoeira, 14 - Sítio do Meio / Centro CEP: 65.020-050	3251-4814
15/04 a 06/05	Maria das Dores dos Santos Pires	BR - 135, KM-10, Rua Principal, 03 - Rio Grande CEP: 65.000-000	3241-7538
16/04 a 06/06	Laucene Julieta Silva Sousa	Rua da Liberdade, 82 - Bairro de Fátima CEP: 65.000-000	3253-5063
28/04 a 08/05	José Ribamar Tavares	Rua Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, 30 - Primavera / Bom Jesus CEP: 65.000-000	3249-9853 /3249-9806
01 a 21/05	Edmilson Sousa Baldez	Rua São Luís, 02 - Igarau / Estiva CEP: 65.000-000	3231-7603 9601 9263
16/05 a 05/06	Severina Costa Araujo	Rua Boa Esperança, 73A - Fé em Deus CEP: 65.000-000	3251-1595 3221-1998 3082-1429
16/05 a 05/06	Tatiana Silveira/ Casa de Nagô	Rua Cândido Ribeiro, 799 - Centro CEP: 65.015-090	3221-6987
20 a 31/05	Maria Leonor Lima e Silva	Rua Nova, 20 - Sacavém CEP: 65.041-140	3253-3192
21/05 a 06/06	Maria Celeste Santos / Casa das Minas	Rua São Pantaleão, 857 - Centro CEP: 65.015-460	3221-6856
25/05 a 05/06	Raimundo Araujo	Rua Gregório de Matos, 326 - Liberdade CEP: 65.035-280	3221-1998
27/05 a 06/06	Rosilda Barros Pereira	Rua Agenor Vieira, 105 - Goiabal CEP: 65.025-030	3231-0095 3231-8106 3232-7843
27/06 a 08/06	Iran Enes Muniz	Rua Formosa, 23 - Monte Castelo CEP: 65.000-000	3232-5528
30/05 a 14/06	Antônio Mário Nogueira Pacheco	Rua São José, 15 - Coroadinho CEP: 65.041-470	3253-1964
01/ a 14/06	Gilmar Freitas Correia	Rua Nossa Senhora da Conceição, 150 - Monte Castelo CEP: 65.000-000	3251-3403 3251-6019
11 a 13/06	Antônio Raimundo Nunes do Espírito Santo	Rua da Laranja, Casa 01 - Vila Vitória / Santa Bárbara CEP: 65.058-230	3234-7663
11 a 19/06	Leopoldo Lopes Nunes Neto	Rua 06, Casa 05 - Forquilha CEP: 65.099-110	3245-6167
01/ a 10/07	Euclides Menezes Ferreira/ Casa Fanti Ashanti	Rua Militar, 1158 - Cruzeiro do Anil CEP: 65.060-350	3225-1078
04 a 12/07	José Domingos Pascoal Santos	Rua Padre Manoel de Jesus, 215 - Liberdade CEP: 65.000-000	3251-0846
09 a 18/07	Célia Maria Coutinho de Castro	Rua Principal, 50 - Maracanã CEP: 65.000-000	3241-1113 3241-2403
15 a 17/07	Maria da Conceição Oliveira da Silva	Rua 10 de março, 33 - Pedrinhas CEP: 65.099-030	3241-5362
15 a 17/07	Raimunda Venância a Souza Viegas	Rua São José, 01 - Sítio Justino / Vila Embratel CEP: 65.000-000	3228-0598 9602 7204
15 a 28/07	Benedita Aguida Ribeiro Moreira	Rua Rachid Abdalla, 09 - Monte Castelo CEP: 65.035-530	3232-6111
16 a 25/07	Maria dos Anjos Santos	Rua Tarquinio Lopes, 27 - Angelim Velho CEP: 65.000-000	3252-2049
20 a 27/07	Elzita Vieira Martins Coelho	Rua Nossa Senhora da Conceição, 180 -	3249-9904

Anexo G – Agenda Cultural Popular da Festa do Divino em 2006

junho 2002



Divirta-se com a Cultura Popular

CAÇA PALAVRAS

FESTA DO DIVINO

I	M	P	E	R	A	T	R	I	Z	A	C	E	F	T	G
B	M	A	S	T	R	O	C	D	E	H	K	M	O	R	D
Q	R	P	A	A	C	D	G	L	M	X	Q	C	Z	I	O
P	F	U	E	I	M	A	A	T	A	P	S	A	V	B	Q
E	M	N	O	I	T	O	P	S	N	A	E	I	I	U	O
N	U	A	S	D	R	F	R	C	J	L	K	X	J	N	L
T	A	P	Q	O	O	A	S	D	S	F	T	E	L	A	K
E	A	B	C	D	N	A	N	J	O	S	F	I	R	S	R
C	D	M	A	N	O	Z	O	R	K	M	T	R	A	S	O
O	A	B	R	L	A	J	G	O	T	H	O	A	H	N	D
S	C	V	I	R	T	U	D	E	S	T	O	S	N	X	A
T	B	D	M	F	H	J	L	N	P	O	R	T	I	Y	R
E	A	C	B	E	G	I	K	M	O	Q	Q	S	A	U	E
S	Z	C	O	R	T	E	J	O	I	U	V	X	D	Z	P
X	W	R	S	A	V	C	E	O	U	E	V	O	A	R	M
B	A	N	D	E	I	R	E	I	R	O	U	T	L	S	I

- Coroa
- Imperatriz
- Imperador
- Mordomos
- Mastro
- Trono
- Caixeiros
- Bandeirero
- Tribuna
- Carimbó
- Anjos
- Virtudes
- Cortejo
- Ladainha
- Pentecostes
- Toque

Anexo H - Encarte do Boletim do Folclore com caça palavras sobre a Festa do Divino

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)